

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Cristina de Almeida Siaines de Castro

Composicionalidade semântica em Libras: fronteiras e encaixes

Rio de Janeiro
2007

Cristina de Almeida Siaines de Castro

Composicionalidade semântica em Libras: fronteiras e encaixes

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Linguística, Faculdade de Letras, como
parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Doutor em
Linguística

Orientadora:
Professora Doutora Miriam Lemle

Rio de Janeiro
2007

Castro, Cristina de Almeida Siaines de.

Composicionalidade semântica em Libras: fronteiras e encaixes / Cristina de Almeida Siaines de Castro. Rio de Janeiro, 2007.

xi, XXX f.: il.

Orientador: Miriam Lemle

Tese (doutorado) - UFRJ/Faculdade de Letras/Programa de Pós-graduação em Lingüística, 2007

1. Gramática Gerativa. 2. Língua Brasileira de Sinais.
3. Línguas de Sinais 4. Língua Brasileira de Sinais. I. Lemle, Miriam (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Lingüística. III. Título.

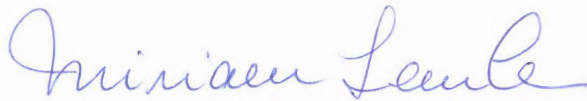
ARGÜIÇÃO DE TESE

Cristina de Almeida Siaines de Castro.

Composicionalidade semântica em Libras: fronteiras e encaixes

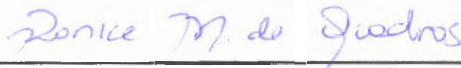
Rio de Janeiro, 31 de agosto de 2007.

BANCA EXAMINADORA




Professora Doutora Miriam Lemle - UFRJ

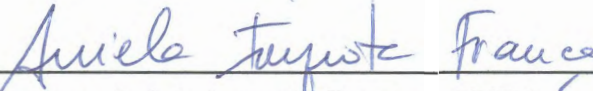
Orientadora



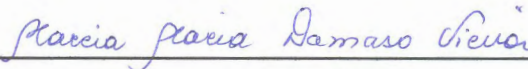
Professora Doutora Ronice Müller de Quadros - UFSC



Professora Doutora Heloísa Moreira Lima de Almeida Salles - UNB



Professora Doutora Anieli Improta França - UFRJ



Professora Doutora Marcia Damaso Vieira - UFRJ

Professor Doutor Marcus Maia - UFRJ

Professor Doutor Ricardo Joseh Lima - UERJ



Argüida a tese:

Conceito: *Aprovado*

Em: 31/08/2007

RESUMO

CASTRO, Cristina de Almeida Siaines. **Composicionalidade semântica em Libras: fronteiras e encaixes**. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Este trabalho apresenta um estudo da Língua Brasileira de Sinais (Libras) que partiu da meticulosa observação de textos sinalizados. O objetivo foi detectar marcas de segmentação de constituintes correspondentes às fronteiras entre proposições, e identificar as peças no interior das proposições. O instrumento de investigação utilizado para isolar as unidades foi a estrutura proposicional. Desse modo, foi possível achar encaixes sintáticos e indicar suas marcas. A teoria que serviu de base para a análise foi a gramática gerativa na versão da Morfologia Distribuída, e, mais especificamente ainda, adotamos a ideia de Gaurav Mathur segundo a qual na arquitetura da gramática a iconicidade da Libras decorre da interface entre o módulo cognitivo espacial e o componente articulatório-perceptual da gramática, ou seja, é uma realização tardia, pós-sintática, o equivalente da fonologia. O estudo poderá dar subsídios para o ensino de português escrito para surdos.

ABSTRACT

CASTRO, Cristina de Almeida Siaines. **Composicionalidade semântica em Libras: fronteiras e encaixes**. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

This work presents a study of the Brazilian Sign Language (Língua Brasileira de Sinais - Libras) based on a very detailed observation of texts in this sign language. The main goal of this thesis was to detect marks of constituent segmentation corresponding to the boundary between propositions, and to identify the parts inside the propositions. The investigation tool used to isolate the units was the propositional structure. This instrument made possible to find embedded compositions and indicate its marks. The theory we based our analysis was the generative grammar in the version of the Distributed Morphology, and, more specifically, we accept the idea of Gaurav Mathur according to which in the architecture of the grammar the signs iconicity elapses of the interface between the spatial cognitive module and the articulatory-perceptual component of the grammar, i.e., a delayed, after-syntactic realization, the equivalent of the phonology. The study will be able to give subsidies for teaching written Portuguese to deaf people.

Agradecimentos

A

Miriam Lemle,

Laura Jane,

Mônica Astuto,

Sheila Oliveira,

Nelson Pimenta,

Elii Rosemar,

Alice Gomes

e Fernando Veríssimo

Sumário

1 Introdução	10
1.1 Objetivo	11
1.2 Metodologia	12
1.2.1 Os dados	12
1.2.1.1 Dados primários	12
a) Dados espontâneos	12
b) Dados eliciados	13
1.2.2.2 Dados secundários	13
1.2.3 A observação dos dados	14
1.2.3.1 A observação da fábula	14
1.2.3.2 A observação das gravações	15
1.3 Considerações necessárias	16
1.4 Organização da tese	21
2 - Pressupostos teóricos	23
2.1 Linha de investigação	23
2.2 Conceito de língua	23
2.2.1 Em Hauser, Chomsky e Fitch	23
2.2.2 Na Morfologia Distribuída	24
2.2.3 Em Gaurav Mathur	26
3 A interface visual-gestual: alguns processos composicionais	39
3.1 Composição supraproposicional	39
3.1.1 A partir de um corpus em Libras	39
3.1.1.1 Conclusão do item 3.1.1	57
3.1.2 A partir de um corpus em português	57
3.1.2.1 Conclusão do item 3.1.2	82
3.2 Composição proposicional	87
3.2.1 Tipos de composição proposicional	89
3.2.2 Processos simples de composição proposicional	90
3.2.2.1 Processos de composição com uma única e mesma raiz	90

3.2.2.2 Processos de composição com itens derivadores	93
3.2.2.3 Processos de composição com mais de um sinal	97
3.2.2.4 Empréstimos da inicial da palavra portuguesa	102
3.2.2.5 Composições proposicionais contextualizadas	102
3.2.3 Processos complexos de composição proposicional	103
3.3 Composição não-proposicional	104
3.3.1 Composições que compartilham a mesma raiz de outros sinais	104
3.3.2 Ampliações de significado	105
3.3.3 Empréstimos	106
3.3.3.1 Da inicial da palavra portuguesa	106
3.3.3.2 De palavra portuguesa, com incorporação fonética à Libras	107
3.3.4 Conclusão dos itens 3.2 e 3.3	108
3.4 Conclusão do capítulo	109
4 Correlações entre a interface gestual-visual e a produção em português escrito	112
4.1 O ensino de português e a aquisição de Libras	112
4.2 Correlações entre a interface gestual-visual e a produção em português escrito	117
5 Conclusão	125
6 Bibliografia	128
Apêndice 1 - Descrição, tradução e legendas da fábula A lebre e a tartaruga, de Esopo, narrada em Libras	132
Apêndice 2 - Roteiro do CD	145

1 Introdução

A idéia deste trabalho surgiu de uma *incômoda* e aflitiva constatação: a grande dificuldade que os surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) encontram na compreensão e na produção de textos em língua portuguesa. Embora essa dificuldade seja bastante previsível, muitas vezes isto é uma grande surpresa. Talvez seja um dos primeiros erros de avaliação que o senso comum comete ao se deparar com a realidade dos surdos.

Ninguém esperaria que uma criança ouvinte adquirisse uma língua com base apenas em fragmentos indefinidos dessa língua. Então, por que deveríamos esperar que uma criança surda o fizesse quando a fala é considerada obrigatória para o aprendizado de uma língua \oral\? E ninguém esperaria que uma criança ouvinte aprendesse uma língua com alguém que mistura fragmentos de duas línguas totalmente diferentes, usando algumas palavras de uma língua em estruturas frasais pinçadas de outra língua. Então, por que deveríamos esperar que uma criança surda aprendesse uma língua desse modo, quando tipos diferentes de sistemas inventados de fala e sinais são utilizados? (Svartholm, 1998:38, apud Salles, 2004).

Para avaliar essa dificuldade dos surdos diante do português escrito, observamos vários tipos de textos produzidos por surdos sinalizadores de Libras, tais como *corpora* de trabalhos acadêmicos, *sites* da comunidade surda, *e-mails*, redações escolares e ainda mensagens de texto em celulares (que sabemos apresentar uma forma muito simplificada, mesmo quando produzidas por ouvintes). Em todos eles encontramos sérios desvios em relação ao português escrito. Não chegamos a observar a compreensão do texto português, porém sabemos que a leitura também é um grande problema para o surdo.

Como ilustração da dificuldade de redação em português pelos surdos, e por supor que alguns leitores não estão familiarizados com essa dificuldade transcrevo abaixo um *e-mail* que recebi.

Assunto: Ele é Ladrão R. M. – 22 anos
 Algum conhecer aquele a foto, R. M. é surdo – 22 anos, é vendedor, mora: Ybytymi – Paraguai, este tomar cuidado é falso amigo é surdo, ele é pai e mãe mora Paraguai, eu conheço ele profundidade, eu falo palavra é verdade, eu gosto todos os surdos é irmão do Brasil. Mas ajudar de vc. O R. muitas vezes o sexo as meninas estava grávida a idade 14, 15, 16 até 25 anos, ainda está feio, a cidade Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, algum a São Paulo. Quando vcs pode matar ele. Eu já conversei a Delegacia Polícia, na hora matar. Porque a bandeira do Brasil, ele disse:

“Buceta”, todos os surdos ficaram muito raiva, ele sempre fugiu, já roubar o dinheiro, comida, ele muito esperto, vc precisa evitar, vc fique longe ele. Mas ele cara falso muito esperto, amiginho, amiginho. Vc conhecer o que ele tem a vida, fala sobre o R. M., manda e-mail: ... Abraço eu ajudo de vcs, tomar cuidado ele está vivo BRASIL, R. M. 22 ANOS ASS: B.

Esse texto mostra muitas das dificuldades comumente encontradas pelos surdos na redação em português. Claramente um texto produzido sob forte emoção, o que pode ter dificultado ainda mais a sua elaboração. Apesar de podermos compreender seu significado global, podemos ver dificuldades na estrutura da sentença e do texto, no emprego de conectivos, na pontuação, na ortografia, no emprego da flexão verbal, nas escolhas lexicais, aí incluídas tanto de ordem semântica como de categoria gramatical, entre outras.

1.1 Objetivo

O objetivo central deste trabalho é buscar marcas de fronteiras composicionais que revelem encaixes sintáticos, uma vez que o significado é obtido composicionalmente a partir da articulação estruturada dos elementos que compõem a expressão lingüística. Assim, ao observarmos as realizações das composições, esperamos depreender as marcas que as delimitam.

Para isso nos utilizamos de um caminho semântico, a estrutura proposicional, para ver de que modo os argumentos, os predicados e os modificadores se articulam nas frases em Libras.

Tivemos em foco a comparação entre as interfaces sensório-motoras oral-auditiva e gestual-visual, através do português e da Libras, para melhor entendermos os paralelos possíveis entre os processos sintáticos e morfológicos das duas línguas, e, com isso, apontar caminhos que facilitem a didática do português

Para isso, observamos três tipos de composição em Libras, que assim distinguimos: composições supraproposicionais (com mais de uma proposição), composições proposicionais (com uma proposição, ou com uma parte da proposição, desde que complexa) e não-proposicionais (composições em que não vemos relações proposicionais entre os itens formadores). Cada um desses tipos foi

observado de duas formas: diretamente em Libras e indiretamente, a partir de traduções do português para Libras.

Tivemos o cuidado de dedicar atenção especial à expressão não-manual, que sabemos ser muito importante na marcação dos aspectos sintáticos.

A idéia de trilhar esses dois caminhos – a partir de Libras e a partir de traduções do português – vai também em busca de comparações entre os processos sintáticos e morfológicos das duas línguas.

Queremos enfatizar que nosso instrumento básico de observação foi a estrutura das proposições, na busca de estabelecer uma relação entre essas estruturas e as marcas articulatórias que as frases em Libras, compostas a partir dessas estruturas, pudessem apresentar.

Os fatos de que trataremos em nosso trabalho são de natureza variada, porém marcados por um viés comparativo entre o português escrito e a Libras. O *corpus* se originou de duas maneiras básicas: a partir da Libras e a partir de traduções do português para a Libras. Na primeira, utilizamo-nos do que chamamos de realizações espontâneas em Libras (espontâneas porque criadas por iniciativa do próprio surdo); na segunda, eliciamos realizações em Libras a partir de traduções do português. Houve também um desdobramento natural que trouxe à tona novos fatos, a partir das próprias observações feitas durante o trabalho.

1.2 Metodologia

1.2.1 Os dados

Os dados da Libras com que trabalhamos foram coletados de duas formas, que apresentamos a seguir.

1.2.1.1 Dados primários

a) Dados espontâneos

A narração em Libras da fábula de Esopo *A lebre e a tartaruga*, por Nelson Pimenta, em vídeo produzido pela LSB Vídeo. É importante frisar que o narrador é surdo congênito e considerado um sinalizador muito proficiente.

b) Dados eliciados

Gravações produzidas especialmente para observação nesta tese: foram feitas quatro horas de gravação com uma ouvinte bilíngüe nativa (pais surdos fluentes em Libras) intérprete de Libras certificada pelo Prolibras, professora no ensino médio com atuação focada em educação de surdos e surdos-cegos.

Os dados das gravações foram eliciados das seguintes formas:

b.1) tradução de frases do português em que havia itens derivados da raiz **√NAÇÃO**

b.2) tradução de itens do português derivados por sufixação, com os derivadores portugueses *-eiro*, *-izar* (e suas variantes), *-ção*, *-ecer*, *-mento*, *-vel*,

b.3) tradução de frases do português em que havia sentenças subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais

b.4) busca de sinais com a mesma configuração de mãos. Para essa busca recorreremos a um quadro contendo todas (ou quase todas) as configurações de mãos, que serviu de detonador para itens que compartilhassem a mesma configuração

b.5) busca de sinais que compartilhassem movimentos semelhantes. Neste caso, nos detínhamos em algum movimento e íamos tentando configurações diferentes.

b.6) busca de sinais com empréstimos do português. Seguimos o caminho do alfabeto manual, além de termos encontrado itens através de associação livre.

1.2.2.2 Dados secundários

Chamamos de dados secundários aqueles que foram suscitados ao longo do estudo dos dados primários.

Várias ocorrências nos levaram a novos dados, como, por exemplo, o sinal para *certo* e *exato* estar associado ao sinal JUSTIÇA, o sinal GARGALHAR estar associado ao sinal RIR, entre outros. Alguns sinais não-manuais, como um sopro que acompanha diversos itens que apresentam intensificação ou mudança de estado, nos surpreenderam. Outros dados foram trazidas de conhecimentos prévios a respeito da língua. Houve também várias contribuições trazidas espontaneamente pelas intérpretes com que trabalhamos, como, por exemplo, uma distinção na

posição da boca no momento da articulação do sinal semana em diversas situações temporais.

1.2.3 A observação dos dados

O trabalho de observação dos dados exigiu muito tempo, organização, atenção e dedicação. Foi necessário que os víssemos várias e várias vezes, em velocidade normal e em câmera lenta. A câmera lenta é muito útil, por exemplo, para detectarmos a apontação (pronome), que é feita muito rapidamente. Por outro lado, para compararmos o ritmo entre dois trechos de uma frase, por exemplo, é necessário que se use a velocidade normal. O mesmo pode ser dito em relação à observação das pausas.

1.2.3.1 A observação da fábula

Inicialmente vimos a fábula várias vezes, até podermos nos desligar da legenda em português. Depois, fizemos uma tradução para o português (com a presença de uma intérprete), sob a forma de uma lista seqüencial dos sinais manuais e dos gestos realizados. As realizações não-manuais eram anotadas ao lado dessa lista, assim como observações ou dúvidas que se apresentassem. Depois, encontramos-nos com o narrador da fábula para que nos esclarecesse algumas dúvidas suscitadas por essa primeira observação.

Depois ainda, confrontamos o resultado obtido com uma segunda intérprete, certificada pelo ProLibras. Tivemos ainda a preocupação de verificar até que ponto a narração tinha recursos dramáticos, uma vez que o narrador também é um ator. Nesse sentido, chegamos à conclusão de que o que observamos podia ter alguma interferência teatral, mas não havia criações especificamente dessa natureza, e que, portanto, poderíamos trabalhar com o material como uma realização em Libras.

O trabalho seguinte foi a segmentação do material em proposições. Neste momento do trabalho ainda não usávamos o quadro da estrutura proposicional que foi utilizado nas traduções dos períodos compostos do português.

Ao isolarmos as proposições presentes na fábula, nos deparamos pela primeira vez com a necessidade de considerarmos a presença de argumentos nulos nas proposições.

A observação dessa fábula também nos despertou a atenção para fatos da Libras, tais como itens que compartilhassem a mesma configuração de mãos e que, além disso, compartilhassem parte de um significado; mostrou-nos também a concordância verbal, o emprego de itens derivadores, entre outros fatos.

Até o momento da redação final da tese, surgiam questões que tínhamos que confirmar, revisando o material gravado.

1.2.3.2 A observação das gravações

Para observar esses dados, recorremos à consultoria de duas intérpretes de Libras e a uma surda professora municipal no Rio de Janeiro. Essa consultoria se estendeu durante todo o trabalho de análise.

Para a análise dos dados mencionados no item (b.3) – tradução de frases do português em que havia sentenças subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais –, construímos um quadro de observação dos elementos não-manuais simultâneos à realização dos sinais manuais, assim como um segundo quadro que organizasse visualmente a estrutura proposicional. Esses dois quadros, que apresento abaixo, facilitaram bastante o cruzamento das relações entre os níveis semântico, sintático e articulatório.

sinais manuais	significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicados	modificadores
1	AE (argumento externo) AI (argumento interno)		
2	AE (argumento externo) AI (argumento interno)		
3	AE (argumento externo) AI (argumento interno)		

O primeiro deles foi fundamental na organização do nosso olhar, para que não nos deixasse negligenciar realizações que se realizassem simultaneamente a outra que nos chamasse mais atenção. Além disso, nos possibilitou associar o significado das expressões faciais com a forma assumida no movimento de cada parte da face.

1.3 Considerações necessárias

Decidi incluir neste trabalho as informações que apresento a seguir porque, mesmo sendo um público especializado em lingüística, nem sempre temos uma idéia relativamente precisa das características particulares que as línguas de sinais e as comunidades surdas assumem muitas vezes. Ocorrem muitas questões a este respeito a pessoas que estão entrando em contato com os surdos, sua língua e sua comunidade. Este capítulo tem o objetivo de facilitar um pouco o entendimento de alguns desses aspectos, embora esteja longe de dar uma visão completa do tema.

O estudo sobre as línguas de sinais vem se desenvolvendo bastante nos últimos anos, mas principalmente nos últimos anos. Muitos são os motivos a que se pode atribuir a defasagem entre o estudo dessas línguas em relação ao de línguas orais, mas um dos principais entre eles foi o tardio reconhecimento da interface gestual-visual como uma das interfaces possíveis de expressão lingüística, paralela à oral-auditiva, e talvez até mais antiga, como afirmam alguns autores (Schein, 1984). As línguas de sinais eram consideradas como recursos alternativos não estruturados e destituídos das características específicas das línguas orais. Ou até simplesmente não se cogitava a seu respeito como objeto de estudo lingüístico.

Outro motivo que supomos possível de ter retardado o interesse no estudo dessa modalidade lingüística é a pequena parcela quantitativa representada pelo grupo de pessoas surdas na sociedade. No Brasil, por exemplo, segundo o IBGE, cerca de 3,39% da população apurada no censo de 2000 é constituída de 'deficientes auditivos' (terminologia do IBGE). É importante observar que no quadro abaixo o percentual de 3,39% reflete o total de habitantes com qualquer tipo de surdez, o que não significa necessariamente uma impossibilidade de aquisição lingüística. Parece-me que os graus impeditivos à aquisição da linguagem, ou muito

dificultadores, estariam situados entre os “incapazes de ouvir” e os com “grande dificuldade permanente de ouvir”, o que abrange um percentual de 0,61%.

Dados sobre surdez em 2000 - Fonte: IBGE

	total	%	urbana	%	rural	%
População total	169.799.170		137.953.959	81,25	31.845.211	18,75
deficiência auditiva	5.750.809	3,39	4.646.012	2,74	1.104.797	0,65
incapaz de ouvir	176.067	0,10	138.170	0,08	37.897	0,02
grande dificuldade permanente de ouvir	860.889	0,51	701.484	0,41	159.404	0,09
alguma dificuldade permanente de ouvir	4.713.854	2,78	3.806.358	2,24	907.496	0,53

Observação.: todos os percentuais referem-se ao total da população brasileira em 2000.

Isso talvez explique por que o estudo lingüístico se desenvolveu majoritariamente – para não dizer absolutamente – na direção da interface oral-auditiva, e não gestual-visual.

Além da questão quantitativa, perdurou por muito tempo um preconceito muito grande em relação aos surdos. O fato de não ouvirem e a conseqüente impossibilidade de adquirir a fala dificultam todo o seu processo de socialização, já que a língua é o maior instrumento desse processo.

Um breve histórico

Aristóteles acreditava que a capacidade de falar oralmente e a de ser dotado de linguagem eram uma coisa única e inseparável. Com esse raciocínio, concluiu que aqueles que não podiam falar também não podiam receber uma educação formal. Com isso, as crianças nascidas surdas eram largadas à própria sorte e acabavam morrendo (Schein, 1984). Em Roma, os surdos não eram considerados cidadãos romanos. Em outros lugares, eram isolados, juntamente com os portadores de deficiências mentais.

Muito lentamente essa situação foi se modificando.

Só no século XVI, questionou-se a postura aristotélica. O físico italiano Girolamo Cardano afirmou que os surdos podiam ouvir pela leitura e falar pela escrita. Apesar dessa posição, não conseguiu pôr em prática seu pensamento.

Nessa época, as famílias mandavam os filhos surdos para instituições religiosas (mosteiros, conventos, etc.) e com isso os escondiam da sociedade e os

impossibilitavam de procriar. Paralelamente, nos mosteiros, costumava-se fazer voto de silêncio e, com isso, os monges desenvolviam sinais para situações particulares – já desde pelo menos 328 d.C.. Com o tempo esses sinais começaram a assumir a forma de línguas naturais. Uma situação favorável aos surdos se criava então.

Dois padres espanhóis foram pioneiros na educação de surdos: Pablo Bonet e Pedro de Ponce.

Em 1545, o padre Pedro de Ponce, no mosteiro San Salvador de Oña, foi encarregado de educar dois filhos de um marquês de Castela e conseguiu ensiná-los a falar e escrever espanhol, além de escrever em latim e um pouco em grego. Esse mosteiro foi assim a primeira escola para surdos de que se tem registro. Juan Pablo de Bonet deu continuidade a seu trabalho, contestando, juntamente com Pedro de Ponce e Cardano, a visão aristotélica sobre a surdez.

No século XVIII, o abade de Epée (Abbé de l'Epée), francês, teve uma postura totalmente inovadora. Para ele, "a língua natural dos surdos é a língua de sinais; a natureza com suas diferentes vontades são seus únicos mestres nessa área; e eles não têm outra língua uma vez que não têm outros instrutores." (apud Schein, 1984) O abade reuniu um grupo de surdos, observou os sinais que usavam e desenvolveu uma versão sinalizada do francês falado. Seus alunos alcançaram um alto desempenho, o que surpreendeu a sociedade da época. Discípulos do religioso viajaram para outras terras, onde formaram novas escolas. O sucessor do abade de Epée foi Roche-Ambroise Sicard, o primeiro a considerar os sinais como uma língua de sinais, ou seja, portadora de gramática própria. Após vários problemas durante a Era Napoleônica, Sicard teve seu trabalho reconhecido e difundido. A partir deste momento podemos considerar que os estudos lingüísticos sobre línguas de sinais tomaram novo rumo e juntamente com eles começou a surgir uma nova postura diante dos indivíduos surdos.

O que se pode ver desse breve histórico é que o reconhecimento da língua de sinais, bem como a integração dos surdos têm sido temas controversos e que vinham sendo tratados de forma extremamente pontual. A partir do século XIX, a situação vem se modificando bastante, mas ainda lidamos com um quadro muito especial.

Porém, uma vez incluídas as línguas de sinais como objeto dos estudos lingüísticos, observou-se que elas de fato cumprem todas as funções e apresentam

as mesmas propriedades que caracterizam qualquer língua oral, assumindo obviamente uma forma diferente de se apresentar, uma vez que faz uso de um instrumental diferente.

Tocamos brevemente nos aspectos históricos que envolvem o estudo das línguas de sinais. Falamos também sobre o aspecto minoritário da comunidade surda em relação à população total. Agora, trazemos algumas informações sobre a surdez e a comunidade surda em si mesmas, pois acreditamos que o preconceito de que os surdos são objeto é, muitas vezes, fruto da desinformação.

Uma questão importante a ser considerada é a relação entre surdez e a capacidade de adquirir língua. A aquisição, como se sabe, está diretamente relacionada à exposição da criança, no assim chamado período crítico, à língua da comunidade em que vive. Ora, se a criança não ouve o que esta comunidade ouvinte fala, ela não poderá adquirir essa língua. Isto pode parecer óbvio, e é. O que não é óbvio, nem muitas vezes precoce, é a definição do motivo pelo qual a criança não adquire a língua. A surdez precoce aliada a um diagnóstico tardio é um fator de grande prejuízo para o indivíduo.

Sabe-se que quanto mais cedo tenha sido privado de audição e quanto mais profundo for o comprometimento maiores serão as dificuldades educacionais, caso não receba atendimento adequado. (Brasil, 2006, p. 16)

A respeito dos graus de comprometimento da audição e seus efeitos na aquisição de língua oral, apresento abaixo uma descrição que sinto ser necessária.

A surdez consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons. Verifica-se a existência de vários tipos de pessoas com surdez, de acordo com os diferentes graus de perda da audição.

Sob o aspecto da interferência na aquisição da linguagem e da fala, o déficit auditivo pode ser definido como perda média em decibéis, na zona conversacional (frequência de 500 - 1000 - 2000 hertz) para o melhor ouvido.

Pela área da saúde e, tradicionalmente, pela área educacional, o indivíduo com surdez pode ser considerado:

- Parcialmente surdo (com deficiência auditiva - DA)

a) Pessoa com surdez leve - indivíduo que apresenta perda auditiva de até quarenta decibéis. Essa perda impede que o indivíduo perceba igualmente todos os fonemas das palavras. Além disso, a voz fraca ou distante não é ouvida. Em geral, esse indivíduo é considerado desatento, solicitando, freqüentemente, a repetição daquilo que lhe falam. Essa perda auditiva não impede a aquisição normal da língua oral, mas poderá ser a causa de algum problema articulatório na leitura e/ou na escrita.

b) Pessoa com surdez moderada - indivíduo que apresenta perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis. Esses limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessária uma voz de certa intensidade para que seja convenientemente percebida. É freqüente o atraso de linguagem e as alterações articulatórias, havendo, em alguns casos, maiores problemas lingüísticos. Esse indivíduo tem maior dificuldade de discriminação auditiva em ambientes ruidosos. Em geral, ele identifica as palavras mais significativas, tendo dificuldade em compreender certos termos de relação e/ou formas gramaticais complexas. Sua compreensão verbal está intimamente ligada a sua aptidão para a percepção visual.

- Surdo

a) Pessoa com surdez severa - indivíduo que apresenta perda auditiva entre setenta e noventa decibéis. Este tipo de perda vai permitir que ele identifique alguns ruídos familiares e poderá perceber apenas a voz forte, podendo chegar até aos quatro ou cinco anos sem aprender a falar. Se a família estiver bem orientada pela área da saúde e da educação, a criança poderá chegar a adquirir linguagem oral. A compreensão verbal vai depender, em grande parte, de sua aptidão para utilizar a percepção visual e para observar o contexto das situações.

b) Pessoa com surdez profunda - indivíduo que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir a língua oral. As perturbações da função auditiva estão ligadas tanto à estrutura acústica quanto à identificação simbólica da linguagem. Um bebê que nasce surdo balbucia como um de audição normal, mas suas emissões começam a desaparecer à medida que não tem acesso à estimulação auditiva externa, fator de máxima importância para a aquisição da linguagem oral. Assim, tampouco adquire a fala como instrumento de comunicação, uma vez que, não percebendo, não se interessa por ela e, não tendo retorno auditivo, não possui modelo para dirigir suas emissões. Esse indivíduo geralmente utiliza uma linguagem gestual, e poderá ter pleno desenvolvimento lingüístico por meio da língua de sinais.

Atualmente, muitos surdos e pesquisadores consideram que o termo "surdo" refere-se ao indivíduo que percebe o mundo por meio de experiências visuais e opta por utilizar a língua de sinais, valorizando a cultura e a comunidade surda. (Brasil, 2006, p. 19 e 20)

Outro aspecto importante são as condições familiares do surdo. Se os pais também forem surdos e sinalizadores, a situação da criança também surda é muito melhor do que a da criança surda filha de pais ouvintes não sinalizadores.

Se a criança surda tem pais surdos que utilizam a língua de sinais desde o nascimento dela, o desenvolvimento dessa língua irá seguir essencialmente, o mesmo curso que o desenvolvimento da fala em crianças ouvintes. (Brasil, 2006, p. 18)

Também a presença de irmãos surdos pode favorecer o desenvolvimento da linguagem.

Ainda em relação à esfera familiar, quanto mais cedo se perceber e aceitar a surdez, mais tempo se ganha em relação ao desenvolvimento da criança.

As crianças surdas de famílias ouvintes passam pelo risco de séria privação de linguagem no início da vida e de uma incapacidade para apreender o que está acontecendo ao redor delas e o porquê (aprendizagem incidental), uma vez que seus pais não sabem comunicar-se com elas. O vínculo emocional com os pais pode ser também mais difícil de se estabelecer e de se manter. Isso ocorrerá, entretanto, apenas se a família não for devidamente orientada e a se criança não for encaminhada a um atendimento adequado. (Brasil, 2006, p. 18)

Outro aspecto importante a se destacar é a educação escolar. Se a escola estiver capacitada a atendê-la e, se, além disso, lá a criança encontrar outros alunos surdos, sua situação também será mais favorável.

Gostaria de concluir essas considerações lembrando que a surdez tem implicações muito mais amplas do que se imagina quando não se tem uma aproximação, ainda que pequena, dessas questões. Espero que estas informações tenham contribuído para refletirmos e nos aproximarmos, minimamente, da realidade de uma pessoa surda. Há muitas outras questões envolvidas, mas este não é o momento para delas tratar.

1.4 Organização da tese

Este trabalho é composto fisicamente de um volume impresso e de um CD de vídeo.

No volume impresso, o capítulo 2 apresenta os pressupostos teóricos em que baseamos nossa análise e faz um breve resumo de três textos essenciais, a saber, de Hauser, Chomsky e Fitch (2002), de Harley e Noyer (1999), e de Mathur (2000). O primeiro traz o conceito de língua de acordo com a gramática gerativa, o segundo traça em linhas gerais a proposta da Morfologia Distribuída, e o terceiro propõe a aplicação do conceito de alinhamento aos verbos de concordância em American Sign Language (ASL), além de trazer uma importante discussão a respeito da interface entre o módulo lingüístico e o módulo cognitivo espacial.

No capítulo 3, *A interface gestual-visual: alguns processos composicionais*, apresentamos nossa análise dos dados observados, com vistas a estabelecer de

que recursos a Libras se utiliza para marcar fronteiras e encaixes sintáticos, além de observar alguns tipos e processos de composição de sinais complexos.

No capítulo 4 *Correlações entre a interface gestual-visual e a produção em português escrito*, fazemos um levantamento das características da produção escrita dos surdos, buscando um cruzamento entre esses aspectos e o que se observou no capítulo anterior.

E chegamos à *Conclusão*, no capítulo 5, certos de que conseguimos: identificar algumas marcas de fronteiras e de encaixes em Libras, além de tipos e processos de composição de sinais complexos; e correlacionar o resultado desse trabalho com e a produção escrita dos surdos em português, o que poderá representar uma contribuição para o ensino de português para essas pessoas.

Há ainda dois apêndices: o primeiro traz a descrição da íntegra da fábula *A lebre e a tartaruga*, acompanhada de tradução e das legendas do vídeo; o segundo traz um roteiro para se assistir ao CD de vídeo, para facilitar a localização dos trechos, com a minutagem de cada um e a página em que estão tratados no texto.

No CD, encontram-se gravadas as imagens da maioria dos dados comentados nesta tese, na ordem em que aparecem no texto. Nele estão a íntegra da *Lebre* e os trechos destacados; os períodos compostos portugueses traduzidos para Libras; composições proposicionais, entre as quais vemos composições com uma única raiz, com itens derivadores, com mais de um sinal, além de empréstimos do português; composições contextualizadas; processos composicionais complexos; e composições não-proposicionais, nas ampliações de significado e em alguns empréstimos., encontra-se um roteiro para facilitar a localização dos trechos, além da página em que estão tratados no texto.

2 Pressupostos teóricos

2.1 - Linha de investigação

Este trabalho segue a linha de investigação da gramática gerativa e embasa suas análises essencialmente nos textos de Hauser, Chomsky e Fitch (2002), de Harley e Noyer (1999), e de Mathur (2000).

2.2 - Conceito de língua

O conceito de língua que apresentaremos a seguir segue a corrente gerativista de estudos lingüísticos e se baseia nos textos de Hauser, Chomsky e Fitch (2002), para a conceituação de língua e faculdade da linguagem, e de Harley e Noyer (1999), na relação desse conceito com a proposta da Morfologia Distribuída, e de Mathur (2000). Este último texto tem uma importância especial pois apresenta uma proposta muito bem articulada para a questão da relação do módulo lingüístico com o módulo cognitivo espacial, permitindo esclarecer o *status* da iconicidade nas línguas de sinais.

2.2.1 Em Hauser, Chomsky e Fitch

O primeiro texto mostra que o termo *língua* (algumas vezes chamado de língua interna ou língua-i) está ligado a um componente interno da mente/cérebro que dá ao homem a *faculdade da linguagem*, sistema que lhe permite expressar-se através de alguma língua natural específica.

Essa faculdade da linguagem é então apresentada num sentido amplo e num sentido estrito.

1 - A faculdade da linguagem em sentido amplo (FLB, de *faculty of language in the broad sense*) inclui um sistema computacional, relacionado com pelo menos dois outros sistemas internos ao organismo, o sensório-motor e o conceptual-intencional. Os autores consideram incontroversa a existência de uma capacidade biológica dos humanos que nos permite adquirir prontamente qualquer língua humana, sem instrução explícita. Essa capacidade biológica está presente na FLB, mas outras não estão, tais como memória, respiração, digestão, circulação, etc.

2 - A faculdade da linguagem em sentido estrito (FLN - faculty of language in the narrow sense) é o sistema computacional lingüístico abstrato visto isoladamente, independente de outros sistemas com os quais interage e possui interface. É um componente da FLB, e seus mecanismos são um subconjunto dos mecanismos da FLB. Um componente chave da FLN é um sistema computacional que gera representações internas e as mapeia para a interface sensório-motora e para a interface conceptual-intencional. Uma propriedade central da FLN é a recursividade. Com um conjunto finito de elementos, a FLN produz um número potencialmente infinito de expressões discretas (infinitude discreta, *discrete infinity*). A faculdade da linguagem em sentido estrito é um sistema hierarquicamente organizado, gerativo, recursivo e virtualmente ilimitado com respeito a seu escopo de expressão.

Os autores defendem a hipótese de que a FLN, em seu mecanismo recursivo, é unicamente humana. A FLB se baseia em mecanismos comuns a outras espécies animais. De acordo com esta hipótese, muito da complexidade manifestada na linguagem deriva da complexidade encontrada nos componentes periféricos da FLB, especialmente aqueles relacionados às interfaces sensório-motora e conceptual-intencional, combinados com contingências socioculturais e comunicativas.

De fato, nós propomos nesta hipótese que a FLN compreende apenas os mecanismos computacionais essenciais de recursividade, da forma que eles aparecem na sintaxe estrita e os mapeamentos para as interfaces. (...) Essa hipótese sugere que todos os componentes periféricos da FLB são comuns a outros animais, mais ou menos da mesma forma que eles existem nos humanos, com diferenças mais de quantidade do que de qualidade. (Hauser, Chomsky e Fitch, 2002, p. 1573)

2.2.2 Na Morfologia Distribuída

O sistema computacional (FLN) compreende o que a Morfologia Distribuída (MD) apresenta como sintaxe estrita.

Apresentamos a seguir uma breve visão da proposta da MD.

Neste modelo, as unidades que costumamos chamar de palavras não são consideradas como as unidades mínimas introduzidas no momento inicial da derivação. Os processos morfológicos que vínhamos considerando como formadores das palavras estão presentes em todos os **componentes da gramática**: na **sintaxe**, na **morfologia** e na **fonologia**. Assim, qualquer unidade sintática será gradualmente formada por variados processos nos diversos componentes.

As unidades sintáticas são construídas a partir de **três listas**. A **Lista 1** fornece uma espécie de “reserva de lugar” para raízes e traços gramaticais atômicos, podendo estes estar agrupados em feixes (*bundle*); a **Lista 2** fornece material fonológico para os morfemas-l (raízes) e para os morfemas-f (traços gramaticais), prontos para serem inseridos nos nós terminais da derivação sintática; e a **Lista 3**, a Enciclopédia, dá conta dos significados especiais de palavras e de expressões idiomáticas, não previsíveis a partir de sua estrutura morfossintática.

Neste modelo, chama-se **sintaxe estrita** o conjunto que envolve:

- i) os elementos da lista 1 (traços morfossintáticos: raízes, [tempo], [gênero], [determinante], etc.)
- ii) as operações sintáticas: fusão (*merge*) de traços abstratos e movimento de núcleo
- iii) as operações morfológicas: cópia, fissão, deleção e fusão.

A parte (iii) do modelo faz o mapeamento para a fonologia, ou forma fonológica, que fará a inserção dos itens de vocabulário. É na fonologia que as unidades sintáticas recebem conteúdo fonológico concreto. Este é o momento em que entra em ação a interface sensório-motora oral-auditiva ou a interface sensório-motora gestual-visual.

A fonologia, ou forma fonológica, se situa após o que se chama de sintaxe estrita e assume formas diversas em cada uma das interfaces sensório-motoras e em cada língua particular, seja nas línguas orais, seja nas línguas de sinais.

No modelo da MD, a lista 1 se compõe de um conjunto de raízes e traços morfossintáticos (ou morfemas, segundo Marantz), todos ainda sem realização fonológica.

Os traços morfossintáticos presentes na Lista 1 poderão ter, ou não, realização fonológica, dependendo da língua que esteja em jogo e do contexto sintático. Por exemplo, o traço [gênero], em português, é ativado para concordâncias no interior do SN e em construções de cópula, o que não ocorre em inglês. Outro aspecto a se destacar é que esses traços podem carregar um conteúdo semântico, além do morfossintático. O traço [gênero] é um traço essencialmente gramatical, ou seja, sua função é indicar uma concordância sintática. Mas, os traços de número e tempo portam também uma forte carga semântica.

É importante destacar que uma das propostas centrais da MD é a de que desaparece a separação entre sintaxe e morfologia, como unidades estanques, em que a primeira dá conta das composições no nível da sentença e a segunda, no nível do léxico. Nesta teoria, o que se vem tratando como *palavras* segue o mesmo processo da sintaxe, ou seja, não se buscam mais elementos prontos no léxico para figurarem em sentenças. Esses 'elementos' se constroem durante a sintaxe.

2.2.3 Em Gaurav Mathur

Em seguida, apresentaremos brevemente a proposta de Gaurav Mathur, em sua tese de doutoramento, *Verb agreement as alignment in signed languages* (2000). Mathur propõe que o uso referencial do espaço é exterior à gramática. Com isso, ele desloca da gramática a diferença entre as modalidades lingüísticas falada e sinalizada, com respeito à 'concordância' (aspas do autor). Para ele, ambas as modalidades, apesar de fazerem uso de processos diversos no componente morfológico para gerar o sistema de concordância, por outro lado, fazem uso do mesmo conjunto de processos disponibilizados pela gramática.

Mathur compara as interfaces oral-auditiva e gestual-visual e destaca como diferenças importantes: (i) o uso de articuladores diferentes e (ii) o uso do espaço à volta do sinalizador. E afirma que essas diferenças não impedem que a Morfologia Distribuída se aplique a qualquer língua natural, obviamente entre elas incluídas as línguas de sinais. O tipo de articuladores empregados não é importante para o nível sintático, pois este não possui informação fonológica, funciona de forma semelhante em ambas as modalidades e precede o nível fonológico. Quanto ao uso do espaço, poder-se-ia supor que a arquitetura da gramática fosse afetada por esse aspecto, mas Mathur diz que não necessariamente isso se dá, e propõe que o uso do espaço está organizado fora do sistema lingüístico.

Esse é um ponto essencial em sua proposta, pois considera o aspecto espacial que se apresenta nas línguas de sinais como uma interface entre o módulo lingüístico e o módulo cognitivo espacial.

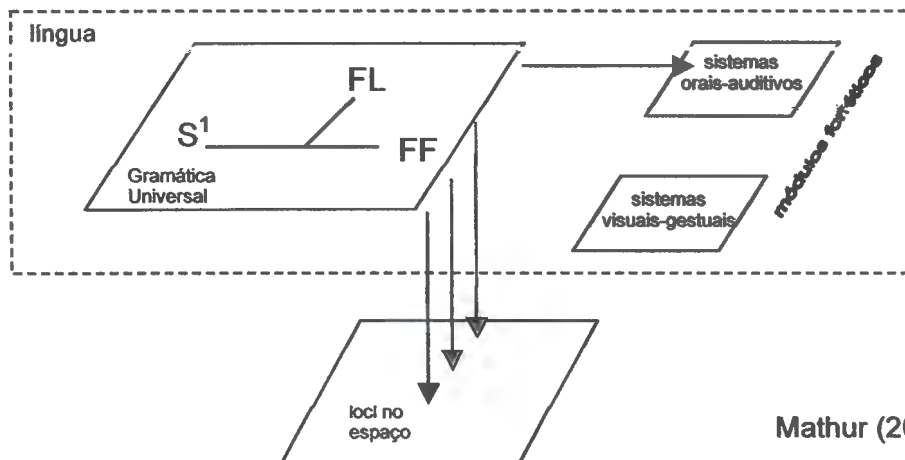
O autor distingue, então, dois usos diferentes do espaço: um puramente articulatorio e outro referencial. O primeiro é o espaço em que o sinalizador articula sinais sem que exista uma relação com o módulo de cognição espacial. Por exemplo, os sinais TRABALHAR, COZINHAR e PAGAR, em American Sign

Language (ASL), se realizam sempre no mesmo ponto do espaço de sinalização, independentemente dos argumentos envolvidos. Nesses sinais o uso do espaço não precisa ser descrito em sua interface com a forma fonológica. É suficiente que se descreva o processo articulatório. O segundo uso, o referencial, não se inclui na gramática formal das línguas de sinais, mas sim estrutura-se numa interface com um módulo cognitivo que rege conceptualizações do mundo (Mathur e Rathmann, em preparação em 2000).

Nessa visão distinguem-se três elementos: o índice referencial, o *locus* e o referente. O locus atua como um intermediário entre o índice referencial e o referente. Uma vez que o módulo lingüístico (de sinais) e o módulo cognitivo interagem um com o outro através da interface espacial, a forma fonológica do módulo lingüístico e o módulo cognitivo serão sensíveis um ao outro, e o módulo cognitivo poderá ser relativamente mais rico se comparado ao que interage com uma língua que não usa o espaço, como é o caso das línguas faladas. Essa interdependência entre os dois módulos permite manter a complexidade presente no uso do espaço em línguas de sinais, mas, por outro lado, o uso do espaço permanece fora da gramática.” (Mathur. 2000, p. 74 e 75)

Abaixo, reproduzimos o esquema da concepção da relação do espaço com a gramática.

(1)



Mathur (2000), p. 76

¹ Parece que foi omitido no diagrama a abreviação para Sintaxe (S)

Em seguida, Mathur aponta as vantagens de colocar o uso do espaço fora do âmbito da gramática:

- (i) possibilita extrair a parte gestual da língua de sinais e assimilá-la aos gestos que acompanham as línguas faladas, que também usam o espaço para mostrar relações.
- (ii) pode-se distinguir, de um lado, verdadeiros princípios universais lingüísticos, e, de outro lado, propriedades universais das línguas de sinais originadas do uso do espaço, tais como o fato de que toda língua de sinais usa o mesmo sistema para mostrar a concordância.
- (iii) a questão de representar na gramática todos os infinitos pontos no espaço torna-se questionável. O *locus* não é representado fonologicamente. Ao contrário, pertence ao uso do espaço, que então é ligado à gramática, como mostra a figura acima.

A proposta de Gaurav Mathur tem a grande vantagem de colocar no nível fonológico, lado a lado, itens arbitrários e itens iconicamente motivados, sem negar-lhes as peculiaridades. O autor apenas deixa à parte da gramática a discussão icônico/arbitrário, porém reconhece o uso do espaço como uma das características marcantes da modalidade gestual-visual, ainda que restrito ao aspecto fonológico.

Integrar esse aspecto espacial à comparação entre as modalidades, ainda que no aspecto fonológico, é muito importante para uma abordagem que se preocupe em fornecer subsídios didáticos entre as duas modalidades (oral-auditiva e gestual-visual).

Em seu trabalho, Mathur trata especificamente da concordância verbal e a analisa como um caso de alinhamento.

Antes, porém, de tratar desse assunto, é necessário que retomemos o conceito de alinhamento (*alignment*) como vem sendo tratado na literatura.

O alinhamento

O termo alinhamento diz respeito às relações que se verificam entre fonologia e morfologia, nas formas que as margens (*edges*) de um constituinte podem assumir. Na Teoria da Otimalidade, McCarthy e Prince (1993) chamaram de Alinhamento Generalizado (*Generalized Alignment*) a família de restrições de boa

formação às quais podem estar sujeitas as diversas formas sob as quais se apresentam as margens de um constituinte em processos morfológicos e fonológicos. Há casos em que:

- a margem esquerda da palavra prosódica coincide com a margem esquerda de um pé (sistema acentual do inglês);
- um afixo tem que se colocar à esquerda da raiz, ainda que tolere uma violação mínima a essa restrição (o prefixo *-um-*, do Tagalog);
- um afixo tem que se colocar à direita da raiz, caracterizando-se, pois, como um sufixo (o sufixo *-ka-*, do Ulwa).

Em sintaxe, segundo Sells (1999), análises baseadas em alinhamento foram propostas para tratar do fenômeno da colocação dos clíticos (Grimshaw (1998), Legendre (1996)) e do posicionamento do foco nesse tipo de construção (Choi (1999), Costa (1998), Samek-Lodovici (1998)).

Brentari (1998), ao falar do uso dos “Modelos baseados em restrições em análises de línguas de sinais”, coloca que as restrições de alinhamento na Teoria da Otimidade são importantes para a análise da Língua de Sinais Americana (ASL), no Modelo Prosódico. Considera a importância dessas restrições na análise dos empréstimos que chegam através da datilologia², por exemplo, no sinal BACKGROUND em ASL, que se realiza com as configurações do alfabeto manual “B” e “G”.

A proposta de Mathur: o alinhamento

O autor trabalha com evidências da Língua de Sinais Americana (ASL), Língua de Sinais Alemã (DGS), Língua de Sinais Australiana (Auslan) e Língua de Sinais Japonesa (NS).

Sua proposta é tratar a concordância (*agreement*) em línguas de sinais (LS) como uma regra de reajuste fonológico chamada alinhamento (*alignment*). Esse alinhamento “lida com várias formas de concordância, incluindo mudança de orientação, movimento com trajeto (‘path movement’), posição relativa das mãos e/ou uma combinação desses aspectos fonológicos” (Mathur, 2000, p. 2). O

² Adotamos neste trabalho o termo ‘datilologia’, por considerá-lo de uso mais generalizado entre os profissionais da área.

resultado do processo de alinhamento é filtrado por várias restrições fonéticas e pode ser substituído por formas alternativas que não violem restrições fonéticas.

O modelo de Mathur apresenta uma nova tipologia de sinais: verbos espaciais, verbos simples – que não possuem dois argumentos animados – e os verbos de alinhamento, que, por definição, possuem dois argumentos animados. Este último grupo abrange um subconjunto teoricamente capaz de realizar o alinhamento sem violar restrições fonéticas. Esse subconjunto, por sua vez, contém outro subconjunto de verbos que de fato realizam o alinhamento em uma língua particular.

Após apresentar algumas importantes análises anteriores (Janis, 1992³, Brentari, 1998⁴, Meir, 1998⁵, Liddell, 2000⁶), sobre a concordância em LS, o autor afirma que esses estudos não dão conta de:

- (i) Como motivar princípios distintos para orientação e movimento com trajeto (path movement);
- (ii) Como prever as outras partes da mão que podem estar envolvidas na concordância;
- (iii) Como prever a posição relativa das duas mãos em relação ao corpo em alguns sinais que usam as duas mãos;
- (iv) Como manter a distinção de primeira e não-primeira pessoas, de Meier (1990);
- (v) Como dar conta de formas que envolvem apenas concordância de objeto quando a implementação é baseada num traço de [direção] a partir do *locus* associado apenas com o sujeito;
- (vi) Como tratar a questão de Liddell (2000) para fornecer uma implementação fonológica explícita dos *loci*. (Mathur, 2000, p.32)

Em sua proposta, Mathur afirma que, diferentemente das análises anteriores, tanto a orientação da mão quanto a direção do movimento derivam de uma propriedade única, que é o alinhamento do verbo. Esse alinhamento é uma manifestação fonológica do verbo de concordância que afeta a orientação e a direção do movimento. Para ele a orientação seria a propriedade básica da 'concordância', da qual decorreria a direção do sinal. O alinhamento é a única manifestação fonológica da concordância, e as variações dessa manifestação são previsíveis a partir da forma fonológica do verbo, assim como de outras restrições fonético-fonológicas.

³ *apud* Mathur, 2000.

⁴ *apud* Mathur, 2000.

⁵ *apud* Mathur, 2000.

⁶ *apud* Mathur, 2000.

Proponho que a 'concordância' em línguas de sinais tenha o status lingüístico de uma regra de reajuste fonológico que não apenas interage com elementos desse espaço, mas também dependa do resultado de outras regras lingüísticas e sirva de entrada para outras regras lingüísticas. A colocação do espaço diante do sinalizador fora da representação gramatical nos permitirá manter o status lingüístico da concordância verbal em línguas de sinais. Assim, (...) defendo que parte do sistema de concordância verbal ainda tem caráter lingüístico. (Mathur, 2000, p. 36)

Para ele, com esta proposta:

(i) a manifestação particular de concordância é previsível a partir da forma subjacente do verbo, possibilitando que uma regra seja formulada de forma tal que, quando aplicada a uma forma subjacente, leve à correta manifestação;

(ii) essa regra envolve um processo fonológico que provoca uma mudança na raiz interna, análoga às regras de reajuste fonológico que operam em alguns verbos do inglês (*ran* < *run*, por exemplo).

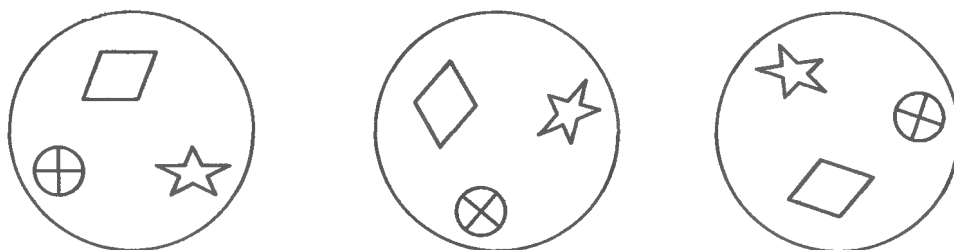
(iii) esse processo acessa certas raízes verbais e é filtrado por restrições fonéticas.

O processo de alinhamento

Para explicar o processo de alinhamento, Mathur faz uma analogia com as 'Autoshapes' do programa Word, da Microsoft. Uma das operações do programa permite agrupar várias figuras criadas e girá-las unificadamente de alguma forma. Como conseqüência desta rotação, a imagem pode inverter-se em relação aos eixos horizontal ou vertical.

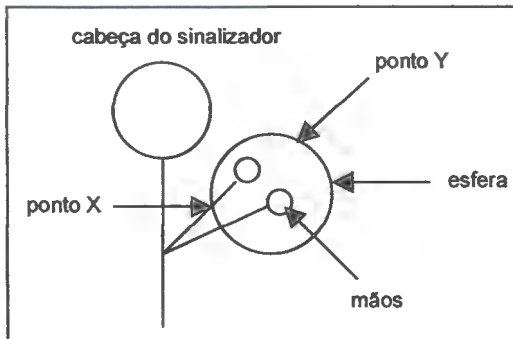
Os verbos são como imagens do Autoshape: suas propriedades, incluindo movimento e orientação, são codificadas (lexicalizadas) na imagem, mas suas propriedades podem estar sujeitas como um todo a operações subseqüentes. (p. 37).

Abaixo, as figuras que se encontram dentro dos três círculos mostram um exemplo da operação realizada no programa Word: as três figuras no interior de cada círculo foram giradas unificadamente, no sentido anti-horário.



Mathur diz que é como se o verbo estivesse dentro de uma esfera abstrata, ancorado em seu interior em dois pontos, um perto do sinalizador (ponto X), outro afastado do sinalizador (ponto Y). (Reproduzo em (2) o diagrama de Mathur.)

(2)



(Mathur, 2000, p. 37)

O sinal como um todo é então girado de forma tal que o ponto X fica alinhado com o *locus* que representa o sujeito, e o ponto Y, com o *locus* que representa o objeto.

Referindo-se à questão colocada por Liddell (2000), Mathur adota a visão de que “o papel do espaço interage com a gramática no nível fonológico. Os índices referenciais que forem atribuídos aos sintagmas nominais na gramática podem ser associados a qualquer *locus* no espaço no componente fonológico. Uma consequência do alinhamento nesta visão do espaço em relação à gramática é que o alinhamento não distingue formalmente diferentes pares de loci. Isto é, a análise prevê que, se um verbo pode se alinhar com um dado par de *loci*, poderá alinhar-se com qualquer outro par de *loci*.”

O processo de alinhamento entendido como uma regra de reajuste fonológico no modelo da Morfologia Distribuída formaliza-se da seguinte forma:

Regra de reajuste

Raiz → Alinhar raiz/X____

onde X = verbo (b)transitivo com dois argumentos animados

e Alinhar raiz = se define como:

Alinhar raiz

- (i) consista a raiz do sinal todo que é fixado por dois pontos, um mais próximo ao sinalizador (ponto X) e outro afastado do sinalizador (ponto Y)
- (ii) associar os índices do sujeito NP e objeto NP aos *loci* no espaço

(iii) rodar o sinal todo de tal forma que o ponto X fique alinhado com o locus do sujeito e o ponto Y alinhado com o locus do objeto.
(Mathur, 2000, p.115 e 116)

Em seu entendimento do processo de alinhamento, Mathur baseia-se em dois argumentos:

1º - Ordenação de regras no modelo da Morfologia Distribuída - há vários processos ordenados da seguinte maneira: processos sintáticos, inserção de vocabulário, regras de reajuste fonológico, e restrições fonético-fonológicas. Para dar conta dos dados das línguas de sinais, o alinhamento deve ocorrer depois da inserção de vocabulário, mas antes das restrições fonéticas, portanto no único lugar que a arquitetura da gramática fornece: no componente fonológico.

2º - O alinhamento não se aplica a todos os verbos, mas apenas a um subconjunto de verbos que têm dois argumentos animados, e, ainda assim, não se aplica a todos os verbos desse subconjunto. "Dependendo da versão particular (regional ou histórica), o alinhamento pode se aplicar apenas a alguns desses verbos." Essa propriedade é característica das regras de reajuste fonológico. Durante a aquisição, deve-se aprender, com base em evidências positivas, que verbos deverão ser alinhados.

Mathur coloca sua proposta do alinhamento como regra de reajuste fonológico e apresenta as interações entre essa regra de reajuste, a raiz verbal e as restrições fonéticas. Considera que sua proposta dá conta das seguintes questões que ainda não teriam sido solucionadas:

- (i) dadas as várias manifestações de concordância, de que forma propor uma regra que, quando aplicada, leve à correta manifestação de concordância;
- (ii) qual é a natureza dessa regra, se é que essa regra pode ser formulada; e
- (iii) como essa regra interage com outros morfemas e com restrições fonéticas.

Mathur afirma que

a idéia de que a gramática acessa o módulo cognitivo por meio da sua "borda" fonológica pelo espaço referencial (e dos seus *loci*) também é consistente com fatos de ordenação de regras. Especificamente, proponho uma regra de reajuste fonológico para dar conta das diferentes manifestações de 'concordância'. Essa regra depende dos *loci* para ser aplicada, e, por sua vez, várias restrições fonéticas dependem da estrutura resultante dessa regra de reajuste. (p.76)

Antes de passar para o detalhamento das manifestações fonológicas da concordância, Mathur dá um panorama dos fatos relacionados com a concordância verbal em línguas de sinais. Neste panorama, ele apresentará, de forma ordenada, uma regra de empobrecimento, inserção de vocabulário, uma regra default, uma regra de reajuste e restrições fonéticas.

Mathur relata que Padden (1983) e Supalla (1997) observaram restrições na concordância de plural, conforme (3) abaixo:

(3)	sujeito	+VERBO+	objeto
	i. ok [dual]		[+ sing]
	ii. ok [exaustivo]		[+ sing]
	iii. * [múltiplo] ⁷		[+ sing]
	iv. * [dual]		[- sing]
	v. * [exaustivo]		[- sing]
	vi. * [múltiplo]		[- sing]

Mathur assume essas restrições como uma regra de empobrecimento (5). O fato em tela é que um verbo não pode marcar dois argumentos plurais simultaneamente, caso em que o plural será marcado apenas no objeto.

A seguir a regra de empobrecimento relativa aos casos (iv), (v) e (vi) :

(4) Regra de empobrecimento

Para Agr-S, apagar o traço [-singular] no contexto em que Agr-O tenha o traço [-singular].

Esta regra, de motivação puramente articulatória, diz que, quando houver qualquer forma plural no objeto, o sujeito não apresentará qualquer forma de plural. A regra provoca a inserção de um morfema foneticamente nulo, de acordo com os seguintes itens de vocabulário:

⁷ Padden observa que, em um certo grupo de verbos, a flexão 'múltiplo' não pode ser usada em concordância de sujeito.

(5) Para verbos:

Para cada verbo, o item de vocabulário inclui informação sobre:

- configuração de mão (incluindo orientação)
- localização
- movimento, se não for um trajeto do corpo para diante

(6) Para AgrS:

[+dual]	<--->	DUAL: duas reduplicações rápidas no plano horizontal
[+exaustivo]	<--->	EX: duas ou três reduplicações rápidas no plano horizontal
outros	<--->	∅

(7) Para AgrO:

[+dual]	<--->	DUAL: duas reduplicações rápidas no plano horizontal
[+exaustivo]	<--->	EX: duas ou três reduplicações rápidas no plano horizontal
[+múltiplo]	<--->	MULT: arco horizontal convexo
outros	<--->	∅

Quando a regra de empobrecimento apaga um traço plural do AgrS, não haverá número em AgrS, e o item de vocabulário que melhor se aplica será aquele para 'outros', isto é, um morfema nulo.

Mathur nota que os itens não fazem referência ao traço 'pessoa', uma vez que a 'concordância' é uma regra de reajuste fonológico que exige apenas um par de *loci* como input e portanto não faz distinções a respeito do traço 'pessoa'. Embora presente na sintaxe, não é necessariamente realizado na superfície. O traço 'pessoa' pode se manifestar em outros aspectos da gramática das línguas de sinais, como, por exemplo, no sistema pronominal e no sistema de mudança de papel (role shift) (Meier 1990).

Em seguida, Mathur apresenta uma regra *default* a respeito do movimento. Essa regra evita a especificação do movimento sempre que ele for um trajeto reto e para diante a partir do corpo. O autor, de acordo com Sandler (1989), afirma "que

esta forma de movimento parece ser a mais comum em verbos e em outros sinais de outras categorias lexicais, tais como nomes e adjetivos.” (Mathur, 2000, p. 82)

(8) Regra default:

Inserir movimento reto e para diante a partir do corpo (quando o movimento for não-especificado)

Em seguida, ele apresenta a regra de reajuste fonológico que gera as formas de ‘concordância’, chamada ‘Alinhar raiz’:

(9) Alinhar Raiz:

Raiz → Alinhar raiz/X____

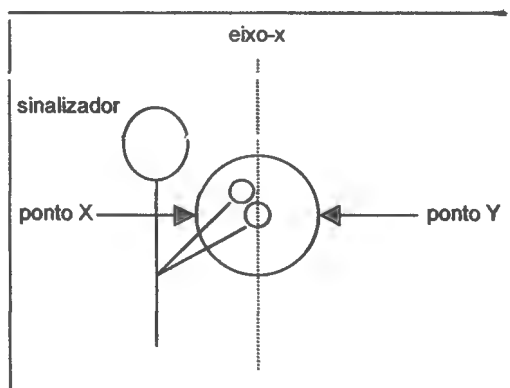
Em que X = verbo (bi)transitivo com dois argumentos humanos, e em que ‘Alinhar raiz’ se define como:

(i) rodar o sinal todo em relação ao eixo X de forma que

o ponto X fique alinhado com o *locus* de AgrS, e

o ponto Y fique alinhado com o *locus* do AgrO

(ii) (nesta regra) os pontos X e Y são definidos conforme o diagrama abaixo (repite abaixo o diagrama acima apresentado, para comodidade de leitura):



Mathur entende que essa regra de reajuste dá conta da questão das inúmeras possibilidades de localização dos *loci*, assim como da orientação do sinal (incluindo a direção do movimento) seja ela qual for.

O autor não inclui em sua análise o grupo dos verbos espaciais, do qual as construções com classificadores ele considera uma subparte.

Para ele, parte da análise do aspecto como uma regra de reajuste, de Glück e Pfau (1999), poderia ser incorporada à sua própria análise, já que a regra de reajuste para aspecto seria aplicada antes da regra de reajuste para concordância.

Adiante, Mathur se dedica a conceituar a regra fonológica do alinhamento, que se aplica aos verbos de concordância, entre outros.

Inicialmente, há a distinção entre três tipos de movimento: o lexical, o conceitual e o de transição. O **movimento lexical** é o que se verifica nos verbos de concordância (regulares e “backwards”) e, no item da ASL ‘PROPORCIONAL’, por exemplo, se caracteriza por um movimento reto contra-ipsilateral (inicia-se no lado oposto à mão dominante do sinalizador e se dirige para o mesmo lado da mão dominante). Tanto o movimento quanto a configuração de mão desse tipo de sinal não portam qualquer significado. Se o valor de um parâmetro do sinal for lexical, qualquer modificação nesse parâmetro acarretará uma modificação no significado do sinal, ou criará uma forma inexistente na língua. Por outro lado, a modulação do movimento – por exemplo, de velocidade – não afeta o significado. São exemplos desse tipo de movimento os encontrados nos sinais PROPORCIONAL, ÁRVORE e PAPEL, em ASL.

Um exemplo do **movimento conceitual** é o verbo CARREGAR, em ASL. Neste caso, diversamente do lexical, o movimento denota deslocamento e constitui um morfema separado. Esse parâmetro funciona da mesma forma que a configuração da mão, que também pode se adaptar ao objeto que é carregado. O movimento não é fixo. Pode ser modificado pelo módulo cognitivo que faz interface com o uso referencial do espaço (Rathmann e Mathur, em prep.). Assim, uma aceleração do movimento pode significar que o fato se deu rapidamente, bem como a tensão dos braços pode estar relacionada ao peso do objeto carregado. Nenhum desses fatos se dá com um sinal lexical, como PROPORCIONAL, por exemplo. O sinal conceitual equivale à categoria dos verbos “espaciais”, segundo a nomenclatura de Padden (1983), que também inclui os predicados classificadores tais como PESSOA+MOVIMENTO. Por esses motivos, Mathur classifica esses sinais como conceituais.

Quanto ao aspecto icônico que pode ser observado nos sinais lexicais, ele pode ser originado de um módulo cognitivo que faz interface com um sistema lingüístico, mas qualquer semelhança com o referente está lexicalizada no sinal.

Em seguida, Mathur descreve o que chama de **movimento transicional**. Este movimento seria um retorno ao ponto inicial de um movimento repetitivo, sem o qual a repetição seria impossível. Exemplifica com o verbo ASPIRAR PÓ, em ASL. O primeiro movimento é de afastamento do corpo. Para se repetir esse gesto, é necessário que se volte ao ponto de partida. Para o autor, existe uma raiz ASPIR-PÓ das quais um dos elementos seria um único movimento de afastamento do corpo. Para derivar a forma do nome, é necessária uma reduplicação, que, em termos fonológicos envolve a repetição do movimento. Ora, o movimento só pode ser repetido se assumirmos novamente o seu ponto de origem. A volta a essa origem é o que ele chama de movimento transicional.

Acredito ter apresentado, de forma bastante fiel, a proposta de Mathur. A importância de sua proposta para este trabalho se manifesta pela forma como ele coloca em prática o desvinculamento entre módulo lingüístico e módulo cognitivo (espacial).

Gostaria de ressaltar a importância de considerar a questão icônica associada a esse módulo cognitivo que faz interface com o módulo lingüístico. Essa postura está de acordo com os estudos de Poizner, Klima & Bellugi (1987) que mostraram a independência entre a sintaxe espacializada e o mapeamento do espaço, em alguns surdos portadores de lesões no hemisfério esquerdo e outros portadores de lesões no hemisfério direito. Nestes estudos, os autores mostram que a lesão na área direita do cérebro, responsável pela percepção de relações espaciais, não afeta a capacidade lingüística (espacial) desses sujeitos surdos observados.

3 A interface visual-gestual: alguns processos composicionais

Neste capítulo compararemos as interfaces sensório-motoras oral-auditiva e gestual-visual, através do português e da Libras, com o objetivo de detectar as áreas divergentes e convergentes entre as duas línguas, para melhor entendermos o trajeto dos surdos na aquisição do português escrito.

Para isso, observamos três tipos de composição em Libras, que assim distinguimos: composições supraproposicionais (com mais de uma proposição), composições proposicionais (com uma proposição, ou com uma parte da proposição, desde que complexa) e não-proposicionais (composições em que não vemos relações proposicionais entre os itens formadores). Cada um desses tipos foi observado de duas formas: diretamente em Libras e, indiretamente, a partir de traduções do português para Libras.

As composições supraproposicionais foram observadas em um relato em Libras da fábula de Esopo *A lebre e a tartaruga*, gravado em vídeo, e em um conjunto de frases portuguesas traduzidas para Libras.

As composições proposicionais e as não-proposicionais seguiram a mesma rotina: um grupo de composições foi observado a partir da própria Libras e outro grupo foi investigado a partir de traduções do português. A idéia de trilhar esses dois caminhos – a partir de Libras e a partir de traduções do português – vai em busca de comparações de processos sintáticos e morfológicos que facilitem a didática do português.

3.1 - Composição supraproposicional

3.1.1 - A partir de um *corpus* em Libras

Neste item, apresentaremos o trabalho realizado com a versão em língua de sinais da fábula de Esopo *A lebre e a tartaruga*. Baseamo-nos em um vídeo produzido pela LSB, empresa cuja produção é dirigida concentradamente ao mercado da comunidade surda. Entre seus produtos, encontram-se vários vídeos, livros e outros objetos, todos relacionados ao tema surdez.

Consideramos esse vídeo como um texto espontâneo dos surdos, porque, embora se baseie em um texto de língua oral, o modo como foi apresentado não nos parece uma tradução formalmente fiel à fábula, como ficará claro no desenvolvimento de nossa exposição.

Como dissemos na introdução, essa fábula serviu de fonte para o estudo das proposições em Libras.

A delimitação das proposições em Libras nem sempre se apresenta de forma tão transparente como nas línguas orais. Por isso, depois de um tempo observando a língua, concluímos que o conceito de *small clause* nos ajudaria como um instrumento para procurarmos as marcas formais dos limites entre as proposições.

Segundo Haegeman, 1991, o termo *small clause*, que neste trabalho utilizo como sinônimo de proposição, “serve para indicar que temos um constituinte que possui um significado proposicional, i.e., o mesmo tipo de significado que uma estrutura sentencial plena possui, mas falta-lhe uma forma verbal.” O conceito é mais abrangente do que o tradicional de orações reduzidas, em que se supõe a presença de um verbo em forma não-finita. Uma *small clause*, supõe um argumento e um predicado, e, eventualmente, um modificador. Nas línguas orais, um argumento é um nome, um predicado pode ser um verbo ou um adjetivo, e o modificador seria um advérbio. Como a identificação das categorias gramaticais é muitas vezes problemática em línguas de sinais, o recurso à *small clause* nos coloca face a face com a estrutura semântica, da qual partiremos para outras buscas.

Com essa idéia na cabeça, mostraremos a seguir alguns trechos da fábula *A lebre e a tartaruga*, fazendo considerações a respeito das proposições neles encontradas. Graficamente, dispusemos o material em três colunas: a primeira é uma descrição do texto em Libras, a segunda uma tradução bastante literal, e a terceira é a legenda (do vídeo) correspondente ao trecho descrito. Os cortes horizontais na coluna da esquerda delimitam as proposições.

É necessário dizer que na descrição apresentada na coluna da esquerda adotamos a seguinte forma: os sinais manuais estão listados na ordem em que aparecem. Observações sobre simultaneidade entre o sinal manual e expressão facial, ritmo da sinalização, movimento corporal, etc. também foram feitas na coluna da esquerda. Os limites entre as proposições são assinalados por linhas horizontais. A linha cheia marca proposições independentes; a linha tracejada marca

proposições encaixadas; e a linha tracejada-e-pontilhada marca proposições coordenadas. Preciso esclarecer a distinção que estou fazendo entre proposições independentes e proposições coordenadas. Na observação dos dados, fica muito claro que algumas proposições estão coordenadas a outras, seja por não haver pausa entre elas, seja por compartilharem o mesmo argumento, etc. Outras proposições, no entanto, (que estou chamando de independentes) se apresentam de forma mais isolada, como se equivalessem, em português, a um período simples. Acredito que esta distinção ficará mais clara no decorrer das análises.

Antes de começarmos a trabalhar, preciso colocar alguns critérios que nos nortearam na identificação dos limites entre as proposições.

Transcrevo e traduzo a seguir trechos de um *email* recebido de Roland Pfau a respeito da delimitação das proposições, que considero bastante esclarecedores e que trazem elementos importantes na observação dos fatos:

"Esta é realmente uma questão difícil [o limite entre as proposições]. Concordo que há uma tendência nas proposições em língua de sinais a serem mais curtas do que o que se encontra em (muitas) línguas faladas. Pelo menos na língua de sinais alemã e na holandesa. Entretanto, não é raro haver proposições com dois ou três argumentos e/ou adjuntos. Algo como:

ONTEM MERCADO MINHA MÃE AMIGO ENCONTROU

O que parece mais raro é a subordinação. Embora exista, ela pode não ser como usualmente se vê em discurso [oral]. Obtemos subordinação, entretanto, quando eliciamos sentenças (pelo menos em língua de sinais alemã).

Mas o que é uma proposição?

Eu normalmente uso pistas prosódicas para identificar uma proposição/sentença. Isto não é infalível, é claro, uma vez que você pode encontrar quebras prosódicas numa sentença, e.g., depois de um tópico. Pistas prosódicas incluem marcadores não-manuais, *holds*, e piscar de olhos."

Mais adiante, ele diz:

"Num exemplo de língua de sinais alemã como o seguinte, é muito difícil dizer se estamos lidando com uma proposição complexa (envolvendo subordinação) ou duas (ou até três), uma vez que o sinal RAZÃO se gramaticalizou num complementizador significando 'porque'.

'Hoje estou triste porque meu cachorro morreu.'

'Hoje estou triste. A razão é, meu cachorro morreu.'

'Hoje estou triste. Por quê? Meu cachorro morreu.'

Honestamente, eu usaria minha (longe de ser confiável) intuição. Se não houver uma quebra clara depois de TRISTE, e RAZÃO for fonologicamente

reduzido (perda de repetição de movimento), eu diria que se trata de uma proposição. Se houver uma quebra clara depois de TRISTE, piscar de olhos e/ou algo como um abaixar das mãos, eu diria que há duas proposições. Se, ainda, houver uma interrogação não-manual em RAZÃO, nós poderíamos estar diante de três proposições.

Aronoff, Meir, Padden & Sandler (2004) ao trabalhar as respostas de sinalizadores de ABSL (Abu-Shara Bedouin Sign Language¹) a vídeos que lhes foram apresentados, dividiram as sentenças utilizando-se de critérios semânticos e prosódicos para determinar os constituintes e os limites dessas sentenças. “Os predicados eram ligados a seus argumentos de acordo com o significado, e pistas rítmicas, juntamente com expressões faciais, marcavam os limites entre os constituintes.”

Amparados por esses critérios, buscamos fazer a segmentação das sentenças que comentaremos a seguir.

Achamos mais interessante tratar, no corpo do trabalho, de trechos isolados acompanhados dos comentários pertinentes, para podermos focar especificamente cada aspecto discutido. O texto integral da fábula encontra-se no Apêndice I^{*}. (ver cd)

Antes de apresentar nossas observações, gostaria de fazer um comentário. Quando comecei a olhar repetidas vezes os mesmos trechos com que trabalhei, comecei a compreender determinadas situações e a perceber detalhes que achei necessário destacar. Posteriormente, voltando à literatura sobre línguas de sinais, confirmei muitas das minhas observações. Minha primeira reação foi pensar em eliminar essas observações do corpo desse trabalho porque temi estar sendo muito redundante em relação a tanto material que já se produziu na área. Hoje, entretanto, considero que, embora eu tenha realmente reiterado muito do que já foi discutido anteriormente, os comentários que fiz – de forma aparentemente redundante – são bastante específicos e localizados, diversamente, muitas vezes, do que encontramos na literatura especializada, que tem a necessidade científica de

¹ Pseudônimo da língua, usado pelos autores, e criado por Kisch (2000, apud Aronoff, Meir, Padden & Sandler, 2004) para preservar a privacidade da comunidade.

^{*} O texto que se encontra no Apêndice I está ligeiramente diferente do que vemos no corpo deste trabalho, não chegando, entretanto, a prejudicar a consulta.

generalizar os fatos encontrados. Por esse motivo, decidi manter essas minhas observações porque as vejo hoje como uma contribuição a um estudo mais detalhado e explícito da Libras.

Começemos, então, com uma observação do tipo acima mencionado e que trata do olhar do sinalizador. Quando focado na câmera (o interlocutor), o olhar pode assinalar dois tipos de intervenção: a fala de um personagem ou a presença do narrador. Às vezes o sinalizador olha para a frente, mas não olha para a câmera. São os momentos em que os personagens estão percorrendo o caminho da corrida e estão olhando para o objetivo deles, que pode ser a chegada, ou o próprio caminho a percorrer.

Era uma vez uma lebre...

Abaixo vemos o primeiro trecho da fábula (ver cd).

descrição	tradução	legenda
- lebre (olhar dirigido para a câmera)	Era uma vez uma lebre	Um dia, a lebre estava contando vantagem a todos os animais da floresta
(mudança na direção do olhar e na posição do corpo)	que estava discursando para um grupo.	
- discursar (avisar, divulgar), (1ª ps + 2p número múltiplo ²)		
- leão - plural - elefante - variado	Animais diferentes	
- 2ª pessoa (nº múltiplo) - olhar (expressão facial atenta) - 1ª pessoa	observavam atentamente	
- postura da lebre - avisar, falar, divulgar (1ª ps + 2ªp nº múltiplo)	a lebre discursando	

Neste primeiro trecho, o olhar do sinalizador está dirigido o tempo todo para a câmera, a não ser no último quadro, em que os animais olham para a lebre. O primeiro segmento foi considerado aqui como uma proposição porque ele estabelece a existência de uma lebre que será o tema central da história. Estabelece um acordo

² O número múltiplo se realiza, nos chamados verbos de concordância, por um movimento em arco.

do tipo “Existe uma lebre”, ou seja, “era uma vez uma lebre...” Assim temos um argumento (a lebre) e sua existência (predicado). A postura corporal e o movimento de cabeça do sinalizador estabelecem esse acordo com o interlocutor sobre a existência de uma lebre. Não há neste momento um sinal manual específico para isto.

No segundo quadro, a mudança no olhar e na postura do sinalizador mostram que ele assume a posição da lebre, sobre a qual vai falar. Temos aqui o primeiro argumento da segunda proposição. (Ao longo da fábula, essa personagem permanecerá quase todo o tempo ligeiramente à direita do vídeo.) Em seguida vemos o predicado que traduzimos por *discursando para um grupo*. O sinal que está traduzido por *discursar* é classificado como um verbo de concordância, o que significa que sua direção e seu movimento se modificam em função dos argumentos [+animado] a que ele se relaciona. No nosso caso, seu ponto de partida, o argumento externo, é a lebre, e seu ponto de chegada é um movimento arqueado usado para abranger um grupo (número múltiplo). Esse grupo (2ª pessoa, nº múltiplo) é o argumento interno da proposição.

O terceiro quadro está separado do anterior por uma linha contínua porque consideramos que uma proposição se concluiu no segundo quadro: “A lebre discursa para um grupo”.

O terceiro e o quarto quadros estão separados por uma linha tracejada, o que significa um encaixamento. Vemos aqui a referência do grupo para quem a lebre discursa: *animais diferentes*. Essa especificação é realizada pelo conjunto *leão e plural*, e *elefante e variado*. Mais adiante, no item 3.2 *Composição proposicional* falaremos da estrutura *leão + plural*, que em Libras significa *animais* e é considerada como uma unidade composta.

No quinto trecho, as mãos do sinalizador voltam ao local em que estavam no fim do movimento em arco (onde foi realizado o argumento de segunda pessoa múltipla) e se voltam para ele próprio, novamente num movimento arqueado. Neste momento o argumento se desloca da *lebre* para estas mãos. De que forma? Os olhos do sinalizador se arregalam e assumem uma expressão de atenção, e suas mãos espalmadas, na mesma altura do movimento arqueado anterior associado a *discursar*, viram-se em sua própria direção. Agora, o sinalizador é a lebre, e as pontas de seus dedos são (os olhos de) sua audiência.

Em seguida vemos o sinalizador, na postura da lebre, repetir o sinal *avisar*. A princípio, achamos que era simplesmente uma repetição puramente retórica. Posteriormente vimos que ele faz parte de uma proposição encaixada no *olhar*, é o objeto do olhar da audiência. E é uma nova proposição. Assim, neste trecho, temos uma proposição encaixada em outra: [os animais olham [a lebre discursar]]. Por isso, há uma linha tracejada nesse limite. Um grupo de animais (argumento externo) olha (predicado) alguma coisa (argumento interno). E esta 'alguma coisa' é uma nova proposição composta do argumento *lebre* e o predicado *avisar*. O modificador *atentamente* se realiza na expressão facial (olhos arregalados e expressão tensa).

Ainda neste primeiro bloco é importante destacar de que forma os argumentos *lebre* e *grupo (de animais)* se apresentam. Os sinais *lebre* e *grupo (de animais)* só aparecem uma vez. Quando o significado *lebre* é retomado, isto se dá através de uma mudança de postura do sinalizador. E o significado *grupo* é retomado pelo *locus* em que o objeto de *discursar*, considerado um verbo de concordância, foi colocado durante a narração, ou seja, mais ou menos na altura dos ombros do sinalizador. Ambas as retomadas se dão a partir da organização do espaço de sinalização.

Resumindo, no trecho acima teríamos seis proposições, sendo que a terceira e a quarta são o argumento externo da quinta, cujo argumento interno é a sexta proposição. Usaremos as letras AE e AI para distinguir argumentos externos de argumentos internos.

Argumento	Predicado	Modificador
1 - AE - lebre	existe	
2 - AE - 1ª pessoa AI - 2ª pessoa (nº múltiplo)	discursa	
3 - AE - leão	plural	
4 - AE - elefante	diferente	
5 - AE - 2ª pessoa (nº múltiplo) AI - proposição 6	olha	atentamente
6 - AE - 1ª pessoa AI - 2ª pessoa (nº múltiplo)	discursa	

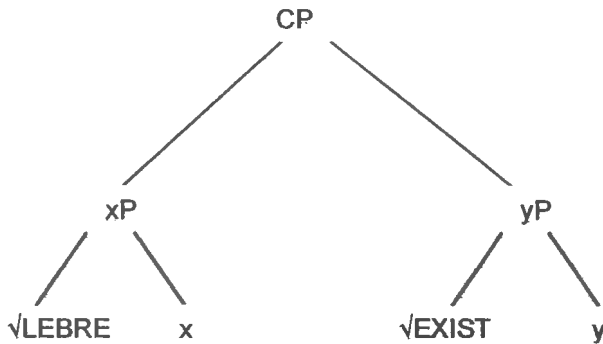
Resumindo, consideramos a proposição (1) como independente, por haver uma retenção no fim do sinal *lebre*, seguida de uma pausa. As demais proposições são encaixadas, como se verá adiante. Consideramos (3) e (4) como partes de um constituinte maior que forma o argumento externo de (5), e a (6) é uma proposição que funciona como o argumento interno da (5).

Abaixo representamos em árvores as estruturas listadas acima. Os morfemas-f categorizadores das raízes estão marcados como x, y e z, pois não podemos ainda definir nestes casos as marcas fonológicas que estariam associadas a essas categorias. O fato de estarmos usando letras diferentes para cada categorizador não significa que estejamos considerando que essas categorias sejam necessariamente distintas. A distinção entre as letras serve apenas para identificar o núcleo que se projeta no xPhrase. Na estrutura da proposição (1), isto não se mostra tão necessário, mas em outros casos a necessidade se verificará.

Consideramos argumentos nulos nas árvores a não articulação de um sinal ou de um pronome pessoal (dedo indicador apontando na direção do locus em que foi estabelecida no espaço de sinalização a referência a um dos argumentos).

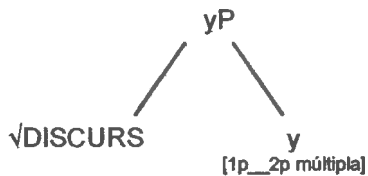
Como dissemos acima, a postura e o movimento de cabeça do sinalizador expressam a existência da lebre. Não se realiza, neste momento, um sinal manual específico para isto.

(1) lebre existe



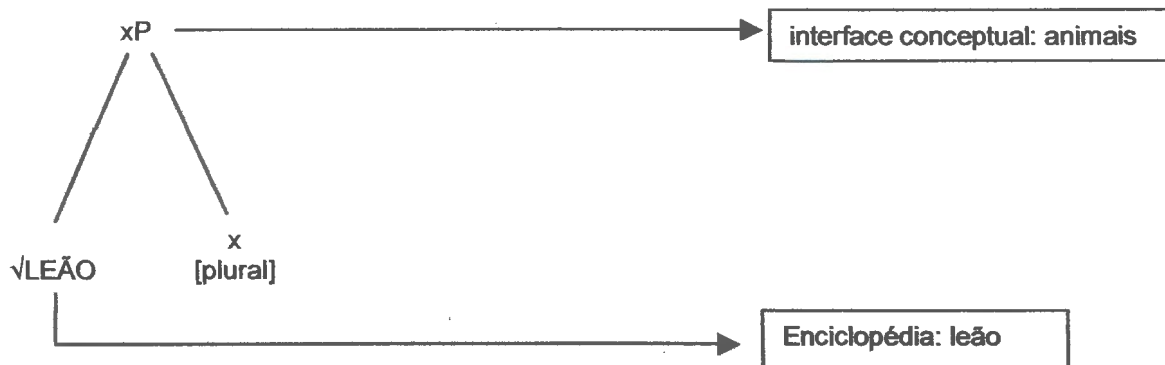
Nesse trecho, o sinalizador estabelece que o tema da história é uma lebre (era uma vez uma lebre). A história que se vai contar é a respeito dela. No trecho seguinte, ao mudar a postura, o sinalizador assume a pessoa da lebre, e, então, a primeira pessoa se identifica com a lebre. Em seguida, com a postura da lebre, o sinalizador “discursa em primeira pessoa para uma pessoa múltipla”. Vemos abaixo a árvore desse trecho.

(2) ₁discursa₂



Logo a seguir, o sinalizador constrói a referência dessa terceira pessoa de número múltiplo: um grupo de diversos animais. Essa referência é expressa pela seqüência de sinais LEÃO, COISA, ELEFANTE COISA-DIFERENTE, que, composicionalmente, adquire o significado que atende as necessidades do sinalizador. Veremos isto nas árvores (3) e (4):

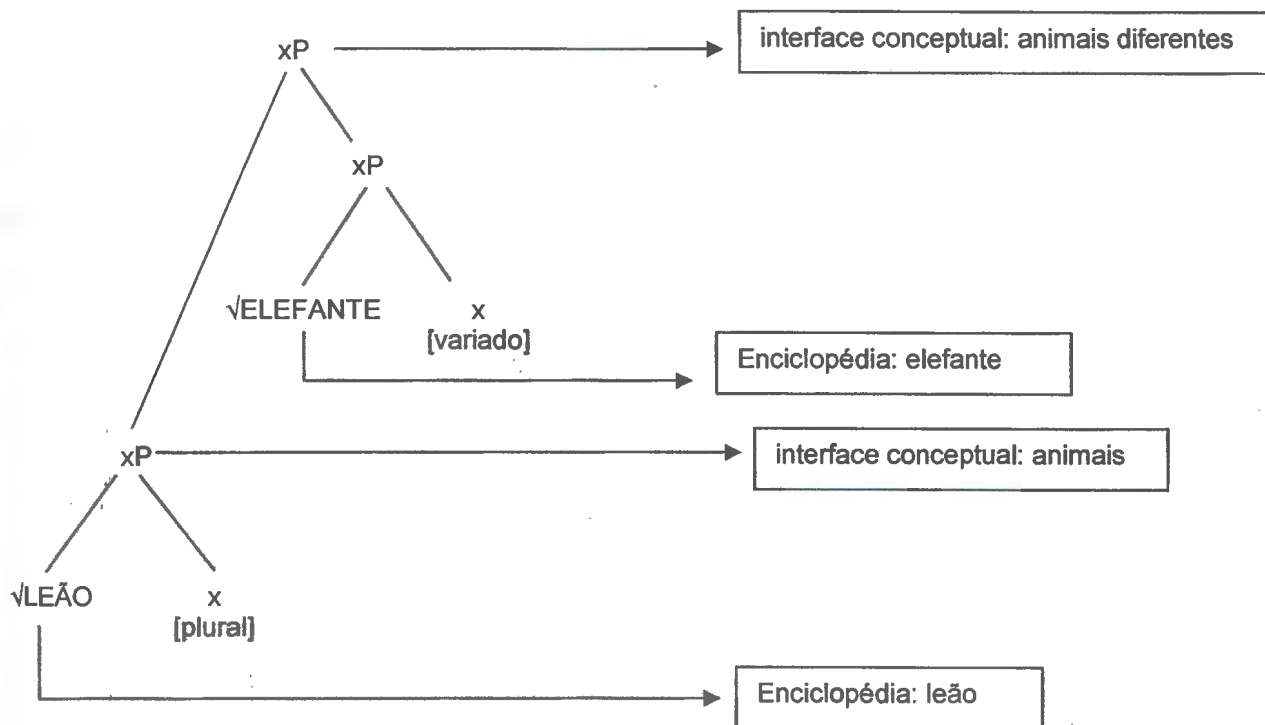
(3) animais



Atribuí ao nó 'x' o traço [plural], porque ele freqüentemente é chamado assim por quem usa Libras. Entretanto, ele tem a mesma realização articulatória do sinal que significa 'coisa'. Falaremos sobre esta homonímia no item 3.2 *Composição proposicional*, quando abordaremos outras derivações semelhantes. A homonímia com o sinal 'coisa' nos sugere uma propriedade semântica genérica. Algo como "coisas do mesmo tipo de leão", em que esse animal está sendo tomado como prototípico, como 'o rei dos animais'.

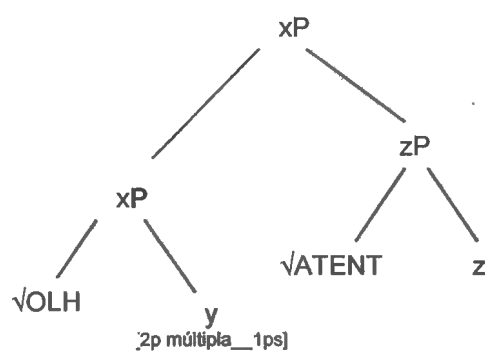
Em 'animais diferentes', temos mais um nível composicional, como mostra a árvore (4) abaixo:

(4) animais diferentes



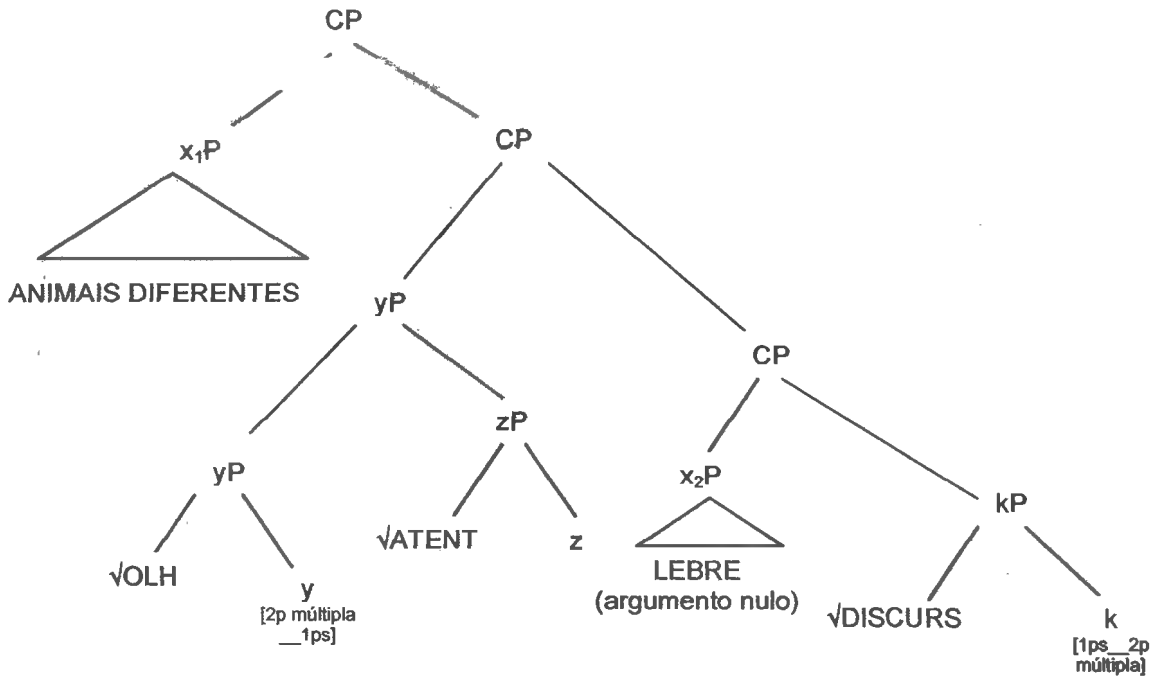
Agora veremos a quinta proposição, "olhar (2ª p múltipla_1ª pessoa singular) atentamente"

(5)



Passemos agora para a árvore que esquematiza as proposições encaixadas 3, 4, 5 e 6 “animais diferentes olhar atentamente (a lebre) falar”.

(6)



Neste trecho da fábula encontramos dois verbos de concordância:

DISCURSAR e OLHAR. Ambos encaixam-se nos que Mathur classificou como default, uma vez que há um alinhamento da orientação da mão e da direção do 'path movement'.

Na forma DISCURSAR, aplica-se a regra default: inserir movimento reto para diante afastando-se do corpo; em seguida, aplica-se o alinhamento de AgrS com o ponto X e de AgrO com o ponto Y. A presença do traço [-singular] em AgrO acarreta a aplicação da regra de empobrecimento. Conseqüentemente é inserido um morfema foneticamente nulo em AgrS. Nesses itens de vocabulário não há impedimentos articulatórios à sua realização, então finaliza-se o processo derivacional.

Na forma OLHAR, aplica-se também a regra default: inserir movimento reto para diante afastando-se do corpo; em seguida, aplica-se o alinhamento de AgrS (neste caso, afastado do corpo do sinalizador) com o ponto X, e de AgrO com o

ponto Y (próximo ao corpo do sinalizador). A presença do traço [+singular] em AgrO dispensa a aplicação da regra de empobrecimento, e AgrS pode apresentar o traço [-singular]. Insere-se, então, um morfema associado ao traço [-singular] (um movimento arqueado da mão) em AgrS, e insere-se um morfema foneticamente nulo (movimento detido próximo ao sinalizador) em AgrO. Nesses itens de vocabulário não há impedimentos articulatórios à sua realização, então finaliza-se o processo derivacional. (Em OLHAR observa-se também uma modificação na configuração da mão, que passa a ser a mão aberta e espalmada, acompanhada de uma modificação na abertura dos olhos do sinalizador, que se arregalam. Parece-me um recurso que o sinal permite.)

Esta seria a forma de aplicação da proposta de alinhamento de Mathur (2000). Resta avaliar uma quantidade mais representativa de realizações de verbos de concordância para verificar em que casos se aplicaria a regra de empobrecimento. No mais, neste exame muito incipiente, parece-me que a proposta aplica-se também à Libras.

A partir deste momento farei apenas o comentário dos blocos selecionados, sem detalhar as estruturas em árvores, o que voltarei a fazer em outros itens da tese.

Passamos agora para o segundo bloco de proposições.

A lebre se orgulha de sua rapidez (ver cd)

descrição	tradução	legenda
- eu - orgulho - famosa - correr - muito (intensificação com expressão facial) - veloz	- Eu sou famosa por correr muito rápido – dizia orgulhosamente.	que era muito rápida que era famosa por ser tão rápida e que ninguém jamais conseguiria vencê-la.
- correr - longas distâncias	- Corro longas distâncias.	
- eu - vencer (movimento curto e repetido em semicírculo - flexão de número exaustivo)	Eu venço todo o mundo.	
- vencer (direcionado para a própria lebre e com expressão facial de pergunta)	Me vencerem?	
- duvidar	Duvido!	

Analisando as proposições, consideramos a primeira como composta do argumento *eu* e do atributo que significa *orgulho*. Este significado poderia ser traduzido por “me orgulho”, “sou orgulhosa”, “tenho orgulho”, etc. Não encontramos marca alguma que nos fizesse optar por uma forma verbal ou adjetival. Portanto, nos guiamos apenas pelo caráter semântico do sinal. Semanticamente, *orgulho* possui um argumento interno, que no caso é *famosa*. Este fato nos levou a considerar o segmento *famosa* encaixado no segmento *orgulho*.

A proposição seguinte (*correr muito veloz*) estaria encaixada na anterior por ser o motivo da fama atribuída à lebre.

A seguinte (*correr longas distâncias*) também estaria encaixada no segmento *famosa* por ser outro motivo da fama atribuída à lebre.

Então, as duas proposições acima seriam coordenadas entre si e encaixadas na que atribui fama à lebre. Ou seja, a lebre é famosa por correr muito velozmente e por percorrer longas distâncias. A linha pontilhada-e-tracejada assinala essa coordenação.

Na próxima (*eu venço todo o mundo*), temos novamente o argumento *eu*, o atributo *vencer* e seu argumento interno, a flexão de número exaustivo que significa *todo o mundo*. Note-se que o primeiro segmento desse bloco também começou com o sinal *eu*. Esta repetição do sinal levou-me a considerá-lo como um limite proposicional. Aqui encerrou-se o processo anterior de encaixamento e coordenação, e se iniciou um novo.

A proposição seguinte é uma pergunta, fato marcado pela expressão facial. *Vencer*, assim como *avisar*, é um verbo de concordância, o que se observa pela alteração na direção do movimento. O argumento seria semanticamente *indeterminado*, uma vez que a origem do sinal não está direcionada para nenhum espaço previamente definido. E o argumento interno de *vencer* seria *eu*, ou seja, a própria lebre.

A seguir, temos a resposta da lebre: argumento, *eu*; predicado, *duvidar*. A ênfase da afirmação é marcada pela expressão facial (movimento das sobrancelhas) e por um movimento corporal.

Nesse bloco, é interessante destacarmos o movimento das sobrancelhas e da boca.

Há três posições distintas das sobrancelhas. A primeira inicia o trecho e vai até o quinto quadro. É uma expressão de veemência. No sexto quadro, é uma pergunta. E no sétimo, uma resposta também veemente.

A boca se movimenta durante todo o tempo. Observe-se que, no 5º quadro, o sinal *vencer* flexiona-se para número exaustivo, por meio da repetição do movimento. A boca acompanha essa repetição, com um movimento bilabial. Outro ponto a chamar a atenção é o sopro que o sinalizador realiza, que está presente em várias situações da língua e que será destacado mais adiante neste trabalho, ao tratarmos de composições não-proposicionais. Na articulação gestual do sinal *duvidar* parece que há uma articulação oral semelhante à da palavra portuguesa *duvido*.

Agora o terceiro bloco:

A tartaruga desafia a lebre (ver cd)

descrição	tradução	legenda
<ul style="list-style-type: none"> - mãos unidas (mudança de assunto) - mudança de expressão facial e de posicionamento do corpo no espaço - tartaruga - postura da tartaruga - olha para a lebre - acena para a lebre 	Então a tartaruga olhou para a lebre e acenou.	Foi então que a tartaruga a desafiou para uma corrida. – O quê? Estás me desafiando? –A mim?
<ul style="list-style-type: none"> - eu - disputa (1ª ps__2ª ps, expressão facial de pergunta) 	- Eu disputo com você.	
<ul style="list-style-type: none"> - mãos unidas (mudança de assunto) O sinalizador assume a posição da lebre e olha para a tartaruga - disputa (2ª ps__1ª ps+ expressão facial de pergunta) - eu (expressão facial de pergunta) 	– Você disputa comigo?, pergunta a lebre.	

O bloco acima foi selecionado por apresentar um diálogo. Neste caso, a alternância entre as falas das personagens, e a conseqüente mudança da posição corporal, é marca de limite entre as proposições.

O bloco se inicia com o narrador unindo as duas mãos, claramente mudando de foco temático. Em seguida assume o lugar e a personalidade da tartaruga, faz o sinal *tartaruga* e, em seu novo papel, olha e acena para a lebre. Argumento: *tartaruga*; predicados; *olha* e *acena*. Mais uma coordenação, desta vez de predicados.

A proposição seguinte compõe-se do argumento *eu*, do atributo *disputar* e do argumento *você*, interno a *disputar*.

Logo após, novamente as mãos unidas marcam um limite, além da mudança de personagem. O sinal *disputa*, outro verbo de concordância, inverte sua posição, o que decorre de uma mudança nos argumentos. Agora é a lebre que pergunta: você disputa comigo? A expressão facial é de pergunta e de surpresa. Quando o

sinalizador aponta para si próprio e mantém a expressão facial, ocorre um reforço do objeto já presente na concordância do sinal *disputa*. É como se a lebre estivesse pedindo uma confirmação de algo que considera absurdo.

O quarto bloco nos mostrará uma reflexão da lebre, em que ela considera que pode descansar um pouco e que, mesmo que a tartaruga consiga ultrapassá-la, será fácil recuperar a diferença, já que ela é tão veloz. Selecionei este trecho porque nele a lebre levanta uma hipótese, o que o torna diferente da narração pura e simples.

A lebre decide descansar (ver cd)

	descrição	tradução	legenda
1	Cansaço	– Estou cansada	Ela se cansou pois estava um dia quente. Ao olhar em volta de si, viu que o local era agradável e logo pensou em descansar. Afinal, a tartaruga estava longe, e se chegasse até junto de si ainda assim seria fácil recuperar a diferença. – Vou descansar um pouco. Pensou a lebre
2	sol calor	– Que sol! Que calor!	
3	Sol (S-O-L) (olha para a câmara) calor	Este sol está muito quente.	
4	Descansar (olha para o sol) Eu Árvore (olha para a árvore) bom sombra (descrição do local)	– Eu vou descansar na sombra de uma árvore...	
5	Eu (indicador e médio passam pelo peito - classificador de pessoa) Sentar	– Eu vou me recostar e descansar um pouquinho.	
6	Recosta a cabeça		
7	descansar um pouquinho		
8	Olha para trás (na direção da tartaruga)	A tartaruga está longe.	
9	Tartaruga longe		
10	Dá (pode) Tempo	Dá tempo.	
11	(a tartaruga - 3ª pessoa) caminha (até) aqui (local em que estou)	Quando ela chegar aqui onde estou,	
12	Eu emparelho ela (mão esquerda encontra a direita)	eu consigo emparelhar com ela e me distancio.	
13	me distancio (mão direita vai para a frente)		
14	fácil mole	É fácil.”	

Neste trecho, o uso do espaço é muito presente e freqüente. O sinalizador incorporou a lebre e ela fala através dele. Assim, o lugar dele é o mesmo dela. A tartaruga está muito atrás da lebre. Esses dois pontos serão usados como argumentos das ações que serão mencionadas aí. É um texto em primeira pessoa. O personagem da lebre faz uma reflexão, é como se falasse sozinha.

Os quadros 5, 6 e 7 me parecem coordenados. São as ações que a lebre decidiu realizar em seqüência.

No quadro 11, a lebre levanta a hipótese de a tartaruga chegar até onde ela está. As sobranceiras erguidas marcam esta força ilocucionária.

3.1.1.1 Conclusão do item 3.1.1

Neste item já pudemos nos defrontar claramente com proposições encaixadas, na fábula *A lebre e a tartaruga*. No primeiro bloco de proposições, vimos seis proposições, das quais duas são independentes e nas demais vimos quatro composições em que há encaixes. No segundo bloco, vimos sete proposições, das quais as primeiras quatro são encaixadas. Neste grupo de quatro proposições vemos duas proposições coordenadas que se encaixam no trecho anterior, que, por sua vez, também contém um encaixe. Em seguida, vimos três proposições independentes. No terceiro bloco, vimos um diálogo, composto de quatro proposições em que apenas duas são encaixadas. O quarto bloco, em que a lebre reflete sobre o que vai fazer, se compõe de 14 proposições em que algumas são independentes, e outras, coordenadas.

No próximo item, continuaremos a observar composições proposicionais em Libras, porém a partir de traduções de frases portuguesas.

3.1.2 - A partir de um corpus em português

Neste item apresentaremos a tradução para Libras de um grupo de frases em português, do tipo que a gramática tradicional chama de período composto por subordinação. Nesse grupo vemos subordinadas substantivas, adverbiais e adjetivas.

Nosso objetivo é a verificação de semelhanças entre períodos compostos por subordinação em português e suas traduções em Libras e, sobretudo, a observação das marcas de limite entre proposições em Libras, enfim, nosso objetivo foi observar de que forma se criam as composições com mais de uma proposição.

Uma intérprete sinalizadora nativa traduziu as frases, com a indicação de se manter o mais próximo possível da estrutura original.

As frases trabalhadas foram: (ver cd)³

- (1) Marina quer que você compre um carro.
- (2) Marina acha que você deve cortar o cabelo.
- (3) Marina não sabe se você cortou o cabelo.
- (4) Parecia que o morro estava muito perto.
- (5) Ele tem certeza que deu o dinheiro exato.
- (6) Seria ideal que você chegasse cedo para garantir um bom lugar no auditório.
- (7) O dinheiro que eu levei para a viagem não foi suficiente.
- (8) Minha mãe, que nunca se cansa, ainda queria sair para jantar.
- (9) Meu irmão que mora em São Paulo veio ao Rio na semana passada.
- (10) Meu irmão, que mora em São Paulo, veio ao Rio na semana passada.
- (11) Assim que parar de chover, vou para casa.
- (12) Mesmo que o Fernando não queira, o João vai jogar no time.
- (13) Como o João não sabia que ia jogar, não trouxe o uniforme.
- (14) A funcionária mentiu para se defender.
- (15) A realidade só interessa à proporção que o imaginário toma conta dela.
- (16) Quanto mais se trabalha, mais há o que fazer.
- (17) Sem fazer nada, descobriu tudo.

Para a observação das traduções das frases em Libras, utilizamo-nos de diversos recursos.

A própria intérprete nos informou sobre significados especiais dos sinais que aparecem nas glosas, além de nos ter esclarecido dúvidas que surgiram no decorrer do trabalho. As manifestações que estão assinaladas como gestos foram assim classificadas pela informante. São uma espécie de comentários conclusivos, como as expressões *pois é*, *que pena*, talvez semelhantes às interjeições das línguas orais. Muitas vezes, esses gestos são usados também pelos ouvintes simultaneamente à fala, ou até de forma isolada, assim como também algumas expressões faciais.

Nessas glosas adotamos as seguintes convenções:

- os sinais manuais são transcritos em caixa alta. Ex.: MULHER

³ Por um lapso de edição, a frase (17) não consta do cd.

- quando um único sinal é usado para expressar mais de uma palavra do português, utilizamos o hífen. Ex: CORTAR-COM-TESOURA.

- quando um sinal é composto de duas peças, utilizamos "+". Exemplo: MULHER+FICHA, que significa *funcionária*. Estes casos serão tratados com mais detalhe no item 3.2 *Composição proposicional*.

- quando o sinalizador recorre à datilologia, usamos hífen entre as configurações de mão correspondentes às letras, como, por exemplo, em J-O-Ã-O.

- não utilizamos o símbolo @ nas terminações de substantivos e adjetivos, comumente usado para indicar ausência de gênero feminino e masculino em Libras.

Como mostram Neidle, Kegl, MacLaughlin, Bahan & Lee (2000), as marcações não-manuais (expressões faciais e corporais) podem trazer informação de natureza afetiva, lexical, adverbial e sintática. Para esses autores,

O estudo de tais marcações pode trazer importante informação a respeito da estrutura sintática. Em particular, a extensão dessas marcações por domínios frasais fornece evidência de constituintes hierárquicos específicos. Além disso, a distribuição, extensão, intensidade e duração dessas marcações evidenciam a localização de traços sintáticos abstratos. (p. 47)

Para que não privilegiássemos nem omitíssemos qualquer característica das expressões facial e corporal, construímos um quadro que nos disciplinasse a atenção a ser dada a cada uma delas. Assim, isolamos em colunas distintas cada um dos itens abaixo:

- sinais manuais, gestos e pausas, na ordem em que ocorreram
- significado da expressão facial
- características físicas da expressão facial: olhar, boca, cabeça, bochecha
- posição do corpo
- ritmo

O estudo da expressão facial vem sendo exaustivamente destacado na literatura sobre línguas de sinais (Neidle, Kegl, MacLaughlin, Bahan & Lee, 2000; Aronoff, Meir, Padden & Sandler, 2004;) como uma importante fonte de informação a respeito da estrutura sintática em ASL.

Assim como na observação das construções sintáticas da fábula, apresentadas no item anterior, também nos utilizamos do conceito de proposição, em que se relacionam argumentos e predicados. Neste item introduzimos um quadro da estrutura proposicional de cada período. Nesse quadro, os argumentos,

predicados e modificadores estão isolados em colunas distintas e estão apresentados como se tivessem uma categoria gramatical, porque preferimos reproduzir a mesma palavra utilizada nas glosas e nos quadro de observação das construções. Optamos por essa forma para facilitar o confronto entre a glosa e os dois quadros. Talvez isso provoque algum estranhamento, pois, ao reproduzirmos no quadro as mesmas palavras utilizadas nas glosas, pode ocorrer que, na coluna “modificadores”, onde se esperaria encontrar adjetivos, advérbios ou locuções com esses valores, encontremos substantivos ou verbos. Na coluna da esquerda, os argumentos externos estão assinalados pelas letras *AE* e os internos, pelas letras *AI*.

Abaixo veremos, então, cada frase proposta para tradução, a glosa, o quadro de observação da construção e o quadro da estrutura proposicional, bem como o comentário de cada frase.

Feitas essas considerações, passemos às análises:

(1) Marina quer que você compre um carro.

MULHER⁴ QUERER VOCÊ COMPRAR PAGAR CARRO.

Sinais manuais	Expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
MULHER							
QUERER							
VOCÊ							
COMPRAR							
PAGAR			contraída				
CARRO			vai descontraindo				

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicados
1	AE - MULHER AI - VOCÊ COMPRAR PAGAR CARRO	QUERER
2	AE - VOCÊ AI - CARRO	COMPRAR PAGAR

A expressão facial mantém-se neutra durante todo o período, exceto no item PAGAR, no qual a boca se contrai. Essa contração não é sintática, e sim parte integrante do sinal, o que foi confirmado no dicionário de Libras do INES, em que os sinais para PAGAR apresentam um movimento da boca, embora diferentes dos realizados pela intérprete.

Não encontramos quaisquer marcas que evidenciassem o encaixamento das orações. Parece-me que o fato de a proposição encaixada ser um argumento interno do predicado pode ser o que justifica essa ausência de marcas.

A utilização consecutiva dos sinais COMPRAR e PAGAR não nos pareceu uma coordenação, nem um recurso de precisão semântica. Creio que se trata de um fato freqüente na língua, a ser estudado com mais profundidade, até porque vemos este mesmo tipo de ocorrência nos textos em português produzidos por surdos. É

⁴ A intérprete utilizou o sinal MULHER por não existirem sinais específicos para os nomes próprios de pessoas utilizados em português. As pessoas são designadas por sinais atribuídos a cada uma delas, não havendo necessariamente qualquer relação com seus nomes em língua falada. O mesmo recurso foi utilizada em outras frases, exceto para o nome João, em cuja sinalização foi utilizada a datilologia.

possível tratar-se de uma serialização verbal, definida abaixo por Martins, 2004, baseando-se em Aikhenvald (1999), *apud* Martins, 2004.

Para analisar o fenômeno de construções de verbos seriais em Dâw, orienta-se na metodologia tipológica, conforme é apresentado em Aikhenvald (1999: 470- 508). Segundo esta autora, que também se orienta nos estudos de outros tipologistas, como Durie, 1997; Crowley, 1987; Foley e Olson, 1985; Givón, 1991 e Zwicky, 1990, uma construção de verbos seriais é definida como uma seqüência de vários verbos que atuam juntos como um predicado simples, a qual compartilha todas ou algumas das seguintes propriedades:

- (I) Uma construção serial tem a propriedade de um simples predicado por que:
 - (a) refere-se a um evento simples;
 - (b) funciona como cláusula monoverbal no discurso;
 - (c) requerem somente um sujeito;
 - (d) freqüentemente compartilha outros argumentos;
 - (e) compartilha tempo/aspecto, modalidade e, na maioria das vezes, também valores de polaridade.
- (II) Uma construção serial tem propriedades entonacionais de uma cláusula monoverbal e não de uma seqüência de cláusulas.
- (III) Cada um dos verbos que formam uma construção verbal é uma palavra morfológica independente e juntos eles atuam como um todo sintático. Uma construção serial ocupa uma posição nuclear funcional na estrutura da cláusula.
- (IV) Construções seriais são monoclausais e não permitem a ocorrência de marcador de dependência sintática entre seus componentes. Isto distingue-as de cláusulas subordinadas e de coordenadas, no caso de línguas em que há marcadores explícitos de subordinação ou coordenação.

Um protótipo de construção verbo serial é aquele que apresenta todas essas características. Contudo, a situação é freqüentemente mais complexa. (Martins, 1994, p. 621 e 622)

Com base no texto acima, o que encontramos nesta frase da Libras parece atender as características de uma serialização verbal. Entretanto, uma pesquisa mais aprofundada e com maior quantidade de dados é necessária para que se conclua neste sentido. Veremos ocorrências semelhantes nas frases (6) e (17).

(2) Marina acha que você deve cortar o cabelo.

MULHER ACHAR VOCÊ (pronome de 2ª pessoa) PRECISAR CORTAR-CABELO-COM-TESOURA

sinais manuais	significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
MULHER				balanço afirmativo			
ACHAR VOCÊ	dúvida						
PRECISA	persuasiva		lábio inferior protuberante	balanço afirmativo			
CORTAR-CABELO-COM-TESOURA							

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicados	modificadores
1	AE - MULHER AI - VOCÊ PRECISA CORTAR-CABELO-COM-TESOURA	ACHAR	
2	AE - VOCÊ AI - CORTAR-CABELO-COM-TESOURA (sinal complexo)	PRECISA	
3	AE - -CABELO (parte de sinal complexo)	CORTAR-(parte de sinal complexo)	-COM-TESOURA-(parte de sinal complexo)

As expressões faciais de dúvida no sinal ACHAR e persuasiva no sinal PRECISAR estão associadas lexicalmente aos respectivos sinais manuais, o que confirmamos no Dicionário de Libras do Ines e no de Capovila & Duarte (2001). Isso nos impede de concluir que essas expressões faciais tenham a função de delimitar fronteiras sintáticas.

Esse período também não apresentou marcas de encaixamento das proposições, o que reforça o que foi sugerido na frase anterior a respeito do encaixamento de uma proposição como argumento interno de um predicado.

(3) Marina não sabe se você cortou o cabelo.

MARINA NÃO-SABER VOCÊ (pronome de 2ª pessoa) CORTAR-CABELO-COM-
TESOURA

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
MULHER	desconhecimento	sobrancelhas erguidas					
NÃO-SABER			lábio inferior protuberante	balanço negativo			
VOCÊ							
CORTAR-CABELO-COM- TESOURA			lábio inferior protuberante				
DESCONHECER (gesto)							

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicados	modificadores
1	AE - MULHER AI - VOCÊ CORTAR CABELO-COM- COM-TESOURA	NÃO-SABER	
2	AE - VOCÊ	CORTAR-CABELO-COM- TESOURA (sinal complexo)	
3	AI - -CABELO- (parte de sinal complexo)	CORTAR- (parte de sinal complexo)	-COM-TESOURA (parte de sinal complexo)
4	(argumentos externo e interno nulos)	DESCONHECER	

A expressão facial de desconhecimento se mantém durante toda a frase, nas sobrancelhas erguidas. Apenas durante a articulação manual do pronome de 2ª pessoa (VOCÊ) o lábio retoma uma posição neutra.

A sustentação da mesma expressão facial nesta frase, no movimento das sobrancelhas, reforça a hipótese de que um argumento interno encaixado no predicado pode não receber marca explícita.

(4) - Parecia que o morro estava muito perto.

PARECER ÍSSIMO PERTO MORRO

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
PARECER							
ÍSSIMO	ênfase						
PERTO	ênfase	sobrancelhas convergentes	contraída				
MORRO							

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicados	modificadores
1	AE - MORRO	PARECER ÍSSIMO PERTO	
2		PERTO	ÍSSIMO

Nesta construção, provavelmente pela não utilização de um sinal equivalente ao português *estar*, a estrutura proposicional se modifica, se tomarmos como referência a estrutura portuguesa, que seria algo como:

Estrutura proposicional da frase portuguesa:

Proposição	argumentos	predicados	modificadores
1	(arg. externo nulo) AI - O MORRO ESTAVA MUITO PERTO	PARECIA	
2	AE - O MORRO	ESTAVA MUITO PERTO	MUITO PERTO
3		PERTO	MUITO

Na estrutura em sinais, temos apenas duas proposições, sendo que uma delas é suboracional. Neste caso, não encontramos demarcação de limites.

(5) Ele tem certeza que deu o dinheiro exato.

ELE SABER CERTO DINHEIRO CERTO

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
ELE							
SABER	certeza		lábios contraídos e inflados	balanço afirmativo		contraída	
CERTO	certeza						
pausa (ênfase)							
DINHEIRO						relaxa a postura	
EXATO							

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicados	modificador
1	AE - ELE	SABER	CERTO
2	AE - DINHEIRO	EXATO	

Aqui parece-nos que estamos diante de duas estruturas coordenadas. Na primeira, SABER estaria sendo usado de forma intransitiva, e na segunda, temos o objeto (o termo aqui não está usado como jargão) dessa sabedoria. Equivaleria a dizermos em português: *Ele tem certeza! O dinheiro estava certo!* O que nos leva a essa conclusão é a pausa entre as duas estruturas.

(6) Seria ideal que você chegasse cedo para garantir um bom lugar no auditório.

BOM MELHOR VOCÊ CHEGAR C-E-D-O CONSEGUIR PEGAR LUGAR FRENTE AUDITÓRIO.

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
BOM	persuasiva e enfática	sobrancelhas levantadas	contraída				
MELHOR							
VOCÊ	persuasiva						
CHEGAR							
C-E-D-O							
CONSEGUIR							
PEGAR (posse)	segurança, conquista		contraída				
LUGAR							
FRENTE							
AUDITÓRIO							

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicados	modificadores
1	AE - VOCÊ CHEGAR CEDO	BOM MELHOR ⁵	CONSEGUIR PEGAR LUGAR FRENTE AUDITÓRIO (finalidade)
2	AE - VOCÊ	CHEGAR	CEDO
3	(arg. externo nulo) AI - LUGAR FRENTE AUDITÓRIO	CONSEGUIR PEGAR ⁶	
4	AE - LUGAR	FRENTE AUDITÓRIO	
5	AE - FRENTE	AUDITÓRIO	

A expressão facial no início desse texto – BOM MELHOR – acumula dois significados: enfático e persuasivo. A persuasão se estende pelos três itens seguintes – VOCÊ CHEGAR CEDO – e a partir daí se torna neutra, exceto nos itens PEGAR LUGAR. Nesses últimos itens, entretanto, parece-me que a expressão facial não está relacionada à estrutura proposicional. Assim, a superposição dos dois significados da expressão facial (enfática e persuasiva) marca um limite, a ausência da ênfase marca outro limite e a neutralidade marca um terceiro. Essa superposição está muito clara no movimento das sobrancelhas e da boca.

Nesta frase, vemos, como na frase (1), a possibilidade de análise da seqüência CONSEGUIR PEGAR como uma serialização verbal. Como dissemos, é necessária uma pesquisa mais aprofundada.

Quanto à terceira proposição, tive dúvida em considerá-la uma estrutura coordenada ou adjungida a VOCÊ CHEGAR CEDO, funcionando como finalidade

De acordo com o Dicionário de Libras do Ines, os itens CONSEGUIR e PEGAR têm expressão facial próprias. No entanto, a expressão que vimos ali não coincide com a da informante, que acompanha o sinal PEGAR de uma expressão de conquista.

⁵ A utilização consecutiva dos sinais BOM e MELHOR têm um objetivo enfático gradual.

⁶ Os sinais CONSEGUIR e PEGAR foram usados como sinônimos e não como dois elementos encaixados.

(7) O dinheiro que eu levei para a viagem não foi suficiente.

DINHEIRO EU PARTIR NÃO-DAR (=impedimento, bloqueio) INFERIOR.

Sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
DINHEIRO				ligeira inclinação para trás			
EU PARTIR	Sorriso de lamento			ligeira inclinação para frente			
(impedimento) NÃO-DAR			língua para fora				
(pausa) INFERIOR (negatividade)	lástima						

Estrutura proposicional

Proposição	argumentos	predicado	modificadores
1	AE - DINHEIRO EU PARTIR	NÃO-DAR	
2	AE - EU	PARTIR	(com) DINHEIRO
3	(DINHEIRO - AE. nulo)	INFERIOR	

Nessa estrutura parece que nos defrontamos com um encaixamento intercalado. Em termos da realização articulatória, o sinal DINHEIRO poderia ser um tópico em que haveria movimento, conforme proposta de Aarons (1994) (apud Neidl, Kegl, MacLaughlin, Bahan & Lee, 2000). Porém, a formação sintática em que o sinal se realiza não me parece muito semelhante à mencionada na obra citada. Assim, optamos por considerar que o trecho contém um encaixamento intercalado, que seria EU PARTIR. Outra possibilidade seria considerar a forma sintática da topicalização como uma possível marca de introdução de segmentos encaixados.

Outra possibilidade de análise dessa estrutura seria:

Estrutura proposicional – 2ª opção:

Proposição	argumentos	predicado	modificadores
1	AE - EU	PARTIR	(com) DINHEIRO
2	(DINHEIRO - AE nulo)	NÃO-DAR	
3	(DINHEIRO - AE nulo)	INFERIOR	

Nessa análise, o sorriso que acompanha o item PARTIR poderia estar marcando um limite. Porém, também admitimos que seja uma interferência da

intérprete, que teria atribuído algum valor ao fato de o dinheiro não ter sido suficiente, ao imaginar um contexto para o fato. Entretanto, a marca observada no item DINHEIRO nos leva a optar pela primeira análise.

Queremos destacar que na frase do português temos o encaixamento de uma sentença adjetiva restritiva.

Adiante veremos outras estruturas encaixadas, frases (8), (9) e (10), cujas frases de base do português também têm orações adjetivas encaixadas.

(8) Minha mãe, que nunca se cansa, ainda queria sair para jantar.

MINHA MÃE ADMIRAR CANSAR NUNCA QUERER SAIR COMER.

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
MINHA							
MÃE							
ADMIRAR	admiração	sobrancelhas contraídas					
CANSAR	admiração		semi-aberta				
NUNCA	admiração						
QUERER							
SAIR							
COMER							

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicado	modificadores
1	AE - MINHA MÃE	CANSAR NUNCA	
2	AE - CANSAR NUNCA	ADMIRAR	
3	(AE: MINHA MÃE) AI -SAIR	QUERER	COMER
4	(arg. AE: MINHA MÃE)	SAIR	

Neste caso, a oração que serviu de base no português mostra uma adjetiva explicativa. Na estrutura em Libras, nos deparamos novamente com uma estrutura encaixada intercalada, só que, desta vez, com marcas evidentes na expressão facial que acompanha a estrutura encaixada (ADMIRAR CANSAR NUNCA).

Nesta frase, além da presença de uma oração relativa, existe um contraste entre o esperado (uma mãe, supostamente idosa, deveria cansar-se) e o real (ainda queria sair para jantar). Não podemos deixar de considerar esse fato como um motivador semântico para a expressão facial, o que não exclui, entretanto, que essa

distinção expressiva seja também um marcador sintático. O que quero dizer é que a expressão facial não é, necessariamente, associada ao encaixe enquanto formação sintática, mas ao significado nele contido.

Comparando estruturas em português e em Libras:

- na frase (7), vimos uma oração adjetiva restritiva traduzida em Libras aparentemente sem marcadores delimitativos;

- na frase (8), vimos uma oração adjetiva explicativa traduzida em Libras com nítidos marcadores delimitativos, embora essas nítidas marcas possam ter um segundo motivo, semântico, o do inesperado.

(9) O meu irmão, que mora em São Paulo, veio ao Rio na semana passada.

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
MEU				ligeiramente para trás			
IRMÃO				ligeiramente para a frente			
MORAR			contraída				
SÃO PAULO			contraída				
VIR							
RIO							
SEMANA			cantos contraídos para baixo	ligeiramente para trás		movimento para a esquerda	
PASSADA						deslocada para a esquerda	

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicado	modificadores
1	AE - MEU IRMÃO AI - SÃO PAULO	MORAR	
2	(AE nulo: MEU IRMÃO) AI - RIO	VIR	SEMANA PASSADA
3	AE - SEMANA	PASSADA	

Nesta construção observamos algo que possivelmente assinala uma intercalação: o período se inicia com a cabeça ligeiramente inclinada para trás no momento da enunciação do item MEU, determinante do sinal IRMÃO, para, logo no segundo item, IRMÃO, inclinar-se para a frente, permanecendo assim até a articulação do sinal SÃO PAULO. Ou seja, no trecho IRMÃO MORAR SÃO PAULO a cabeça permanece ligeiramente inclinada para a frente. Logo em seguida, no item

VIR, a cabeça se inclina novamente para trás, e assim permanece até o fim do período. O movimento da cabeça para diante na segunda parte do enunciado faz a ligação com o que começou a ser dito no início da frase.

Essa alternância do movimento da cabeça é certamente um marcador de intercalação. Ocorre algo no intervalo entre os dois momentos em que a cabeça da intérprete está inclinada para trás. E este algo é a informação de que o *irmão mora em São Paulo*.

Quanto ao fato de essa informação corresponder semanticamente a uma oração explicativa, não encontrei evidências que a distingam de outro tipo de estrutura intercalada, a não ser quando a comparamos com a frase (10), que veremos logo abaixo.

O movimento de cabeça para a esquerda no sinal SEMANA parece preparar para o sinal seguinte, PASSADA, em que a mão passa ao lado da cabeça.

(10) O meu irmão que mora em São Paulo veio ao Rio na semana passada.

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
MEU			articula "U"	ligeiramente inclinada para trás			
IRMÃO				inclina-se ligeiramente para a frente			
AQUELE (pr. 3ª pessoa, à direita)	pergunta sobre lembrança	olhos semicerrados	ligeiramente aberta	inclinada para a direita		inclinado para a frente e para a direita	
MORAR			articula "M"				
SÃO PAULO			articula "S" e "P"				
VIR			articula "V"				
RIO			lábio inferior protuberante	volta à primeira posição			
SEMANA							
PASSADA							

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicado	modificadores
1	AE - MEU IRMÃO AI - RIO	VIR	SEMANA PASSADA
2	AE - SEMANA	PASSADA	
3	AE - AQUELE AI - SÃO PAULO	MORAR	

Observamos marcação bastante evidente na expressão facial no trecho AQUELE MORAR SÃO PAULO, nos olhos e na posição do corpo e da cabeça, o que aponta para um limite entre estruturas, além da presença de AQUELE, um novo argumento externo.

Tanto na frase (9) como na (10), na seqüência MEU IRMÃO, observamos o mesmo movimento de cabeça, possivelmente marcando um tópico, o que parece anunciar que algo será destacado a respeito desse irmão. Talvez, se não houvesse a proposição intercalada, a cabeça não tivesse o mesmo movimento.

Os movimentos de cabeça observados nos itens SEMANA e PASSADA na frase (9) não estão presentes na frase (10). Parece-me que a atenção da intérprete estava focalizada na distinção entre os trechos em Libras que traduzem as duas orações adjetivas do português, e que, por isso, talvez tenha articulado o trecho SEMANA PASSADA de forma um pouco automática, como a repetição de algo que já fora feito anteriormente. Ou pode ser uma simples variação dos sinais a cada vez que são executados.

(11) Assim que parar de chover, vou para casa.

CHOVER (aspecto terminativo) EU APROVEITAR SAIR CASA (três execuções sucessivas do item CASA).

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
CHOVER (aspecto terminativo)	interrupção de um evento	olha para cima (para a chuva)	passa de aberta para fechada	acompanha o olhar, inclinándose para cima	bochechas sugadas		
(pausa)							
EU	decisão oportuna	olha para a câmera	contraída	movimento afirmativo			
APROVEITAR							
SAIR							
CASA							

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicado
1	AE nulo impessoal	CHOVER (aspecto terminativo)
2	AE - EU	APROVEITAR
3	(AE nulo: EU) AI - CASA	SAIR

Esta frase está claramente segmentada em dois trechos. O primeiro se compõe de um único item, **CHOVER**, com aspecto terminativo, com marcas faciais no olhar, na boca, na cabeça e na bochecha. A passagem para o segundo trecho está marcada por três elementos: a pausa, a mudança na direção do olhar e o movimento afirmativo da cabeça.

A forte marcação do limite entre as duas proposições parece atribuir-se a um fator temporal muito momentâneo. Como se a chuva fosse muito forte e duradoura e a sua interrupção fosse algo muito efêmero. Então, esse pequeno intervalo sem chuva teria que ser aproveitado com precisão. Um outro possível motivador para as marcas de limite é a presença de um novo argumento externo, diferente do anterior. Na primeira proposição, considere um argumento externo impessoal, e na segunda, um argumento de primeira pessoa.

As proposições (2) e (3) no quadro da estrutura proposicional se distinguem quanto à ocorrência de argumento externo realizado foneticamente ou nulo. Parece que, em duas proposições encaixadas, quando a segunda proposição ((3) no quadro) possui o mesmo argumento da primeira ((2) no quadro), embora sem realização fonológica (argumento nulo), não há marcas que isolem as duas proposições. Entretanto, se os argumentos forem diferentes, como é o caso da primeira proposição em relação à segunda e à terceira, realiza-se alguma marca. Esta possibilidade precisa ser verificada em um número maior de ocorrências, até porque no caso presente outro fato está envolvido, que é a interrupção da chuva, como um possibilitador ou como marca de um momento em que o sinalizador irá para casa, o que em português se manifestou através de uma sentença adverbial de tempo.

A informante considerou que a repetição do item **CASA** se explicaria como a exteriorização de uma reflexão, por tratar-se de uma situação pendente que se resolveria em função da interrupção da chuva, e como algo que ainda iria acontecer. Ou seja, há uma situação de temporalidade imprecisa: sabe-se que a chuva irá parar, mas não se sabe quando.

(12) Mesmo que o Fernando não queira, o João vai jogar no time.

HOMEM⁷ NÃO-QUERER (pausa) TEIMAR J-O-Ã-O VAI JOGAR TIME.

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
HOMEM	negativa		arredondada	acena negativamente			
3ª pessoa							
NÃO-QUERER							
(pausa)							
TEIMAR (insistir)	afirmativa enfática (insistente)		bicuda	acena afirmativamente			
J-O-Ã-O			em forma de "J"				
VAI							
JOGAR			bicuda				
TIME							

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicado	modificador
1	AE - HOMEM	NÃO-QUERER	
2	(AE nulo: 1ª pess.) AI - J-O-Ã-O VAI JOGAR TIME	TEIMAR	
3	AE - J-O-Ã-O	VAI JOGAR	(no) TIME

A tradução da frase acima em Libras mostra claramente dois segmentos diversos, marcados por uma pausa e por expressões faciais distintas e opostas: uma de negação e outra de afirmação enfática. A posição da boca no segundo trecho se altera no item J-O-Ã-O, apenas em função da articulação do "J", acompanhando a datilologia.

Outro possível elemento delimitador é a troca de argumentos externos observada entre as proposições HOMEM NÃO-QUERER e TEIMAR J-O-Ã-O VAI JOGAR NO TIME. Neste caso, os argumentos externos seriam HOMEM em relação ao predicado NÃO-QUERER, e um argumento nulo de primeira pessoa, em relação ao predicado TEIMAR, cujo argumento interno seria J-O-Ã-O VAI JOGAR NO TIME.

Tive muita dificuldade na análise do item TEIMAR. O que me fez decidir por considerá-lo um predicado cujo argumento externo é de 1ª pessoa e cujo argumento interno é a estrutura J-O-Ã-O VAI JOGAR NO TIME foi a forma que a intérprete lhe deu em sua glosa da própria interpretação: *insisto: João vai jogar no time.*

⁷ A intérprete repetiu o mesmo procedimento da frase (1). Como não havia um sinal para *Fernando*, ela usou o sinal HOMEM.

Realmente, trata-se de uma afirmação do narrador, e a intérprete sentiu a necessidade de deixar isso claro.

É importante destacar que mais uma vez, quando uma proposição funcionou como argumento interno de outra, não observamos marca alguma no trecho.

O contraste semântico é certamente o mais forte delimitador das proposições.

(13) Como o João não sabia que ia jogar, não trouxe o uniforme.

MAS JOÃO NÃO-SABER JOGAR (pausa) ⁸ neg QUE-PENA (gesto) TRAZER
ROUPA JOGO NADA QUE-PENA (gesto) ^{neg}.

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
MAS	justificadora	sobrancelhas levantadas	tensa				
J-O-Ã-O			em forma de "J"				
NÃO-SABER			tensa				
JOGAR			tensa				
GARANTIR	alegre		abre a boca				
(pausa)	lamentação						
QUE-PENA (gesto)							
TRAZER			contraída lamentando	balanço negativo			
ROUPA							
JOGO							
NADA							
QUE-PENA (gesto)			sorriso de lamentação				

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicado	modificador
1	AE - JOÃO AI - JOGAR	NÃO-SABER / GARANTIR	
2	(AE nulo: JOÃO) AI - ROUPA JOGO AI coordenado - NADA	NÃO TRAZER	QUE-PENA (gesto)
3	AE - ROUPA	JOGO	

⁸ Senti necessidade de marcar na glosa linear o escopo da negação, pois não houve a articulação manual de qualquer item portador dessa marca.

Na frase acima, a intérprete sentiu a necessidade de imaginar um contexto anterior, por isso sua tradução se inicia com MAS, contrapondo-se a esse contexto suposto.

Observamos aqui marcações claras de limites entre as duas proposições principais, de forma muito semelhante à frase anterior. Há duas expressões faciais distintas, distinção essa realçada pela pausa. No caso presente, a relação semântica entre as proposições é de explicação. A proposição JOÃO NÃO SABER JOGAR explica, justifica o fato de ele não ter uniforme. Outro limite observado é o gesto QUE-PENA, que se apresenta no início e no fim da segunda proposição, como se a isolasse da anterior. Quero frisar que não houve a articulação manual do sinal PENA.

A mudança na expressão facial que acompanha o item GARANTIR é restrita ao próprio item, não anulando, portanto, a análise do trecho de uma forma global.

(14) A funcionária mentiu para se defender.

FUNCIONÁRIA (MULHER+FICHA) MENTIR MAS EVITAR MEDO DEFESA.

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
FUNCIONÁRIA	tópico			inclinada para trás			
(pausa)							
MENTIR	crítica e justificadora			balanço afirmativo			
MAS							
(pausa)							
EVITAR	crítica e justificadora	olha para ponto indefinido				inclinado para a direita	
(pausa)							
MEDO	fraqueza		aberta e relaxada			inclinado para a esquerda	
(pausa)							
DEFESA	crítica e justificadora					posição central	
(pausa)							
POIS-É, POR ISSO (gesto)	crítica e justificadora						

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicados
1	AE - FUNCIONÁRIA	MENTIR
2	(AE nulo: FUNCIONÁRIA)	EVITAR
3	(AE nulo: FUNCIONÁRIA)	(por) MEDO
4	(AE nulo: FUNCIONÁRIA)	DEFENDER

Nesta frase a intérprete afirmou que sentiu a necessidade de esclarecer os motivos pelos quais a funcionária se defendeu. Caso contrário, em suas palavras, a frase ficaria sem nexos. Segundo ela, “essa defesa tem um motivo. É para evitar alguma coisa, por medo...”

Agora, então, analisemos a forma que ela escolheu para traduzir a construção do português.

Aqui temos uma situação nova: à primeira proposição associam-se três outras proposições coordenadas entre si. A primeira proposição é FUNCIONÁRIA MENTIR e as outras três são EVITAR, MEDO e DEFESA.

A presença do sinal MAS assinala o limite entre a primeira proposição e o grupo seguinte. A mudança da expressão facial é também marca delimitadora. É interessante observar que a presença de um sinal que indicaria oposição semântica entre duas unidades não substitui a expressão facial de mesmo valor semântico.

No sinal MEDO a expressão facial se modifica porque o sinal possui uma expressão própria a ele, o que não anula a consideração do conjunto EVITAR MEDO DEFESA como uma unidade.

O olhar para ponto indefinido simultâneo ao sinal EVITAR indica um objeto indefinido, como, por exemplo, “alguma coisa”, “algo”.

A alternância da posição do corpo nos sinais EVITAR e MEDO apontam para possibilidades alternativas que teriam motivado a funcionária a mentir. A posição do corpo centralizada no item DEFESA parece expressar um ponto comum entre os dois sinais anteriores.

Parece-me, portanto, que este movimento alternado lateral do corpo está associado a uma alternância semântica. Quanto à posição central, leva a pensar em uma conclusão, até mesmo confirmada pelo depoimento da intérprete.

O sinal FUNCIONÁRIA é composto do sinal MULHER seguido do sinal FICHA, o que será comentado no item 3.2. Observamos no momento da articulação deste sinal o mesmo movimento da cabeça para trás que observamos nas orações

intercaladas. Este movimento está assinalado no quadro da glosa como tópico, mas suspeito que ele esteja relacionado à composição do próprio sinal, a especificação de um tipo de mulher, que trabalha com fichas.

(15) A realidade só interessa à proporção que o imaginário toma conta dela.

SÓ INTERESSA VERDADE SE (S-I) <3ª-PESSOA PESSOA> (ALGUÉM)
SENTIMENTO COMBINAR.⁹

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
SÓ	ênfase		oraliza o sinal SÓ				ritmo mais lento e <i>staccato</i>
VERDADE		olha para as mãos ao sinalizar					
INTERESSA							
SE (S-I)	hipótese única	sobrancelha levantada		para trás e para cima			ritmo mais lento e <i>staccato</i>
3ª PESSOA							ritmo mais acelerado e <i>fluente</i>
PESSOA							
SENTIMENTO							
COMBINA (concorda com 3ª pess.)							

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicado	modificadores
1	AE - VERDADE	INTERESSA	- SÓ - SE 3ª-PESS PESSOA SENTIMENTO COMBINA
2	AE - SENTIMENTO 3ª PESS PESSOA (AI nulo: VERDADE)	1COMBINA3	
3	AE - SENTIMENTO	3ªPESS PESSOA	
4	AE - 3ª PESS	PESSOA	

Sinto necessidade de fazer uma paráfrase em português da versão em Libras, para depois comentar alguns aspectos:

⁹ A intérprete considerou sua própria tradução muito sintética e descontextualizada, o que poderia provocar perguntas do interlocutor.

A realidade só interessa às pessoas se o sentimento dessas pessoas combinar com a realidade.

A intérprete usou a forma para 3ª pessoa de maneira genérica, porém não usou plural. Por isso, na glosa linear, usei *alguém* entre parênteses. O item COMBINAR apresenta concordância de pessoa. Embora tenha assinalado no quadro uma concordância de 1ª pessoa com 3ª, fiquei em dúvida se a concordância era entre uma 3ª pessoa significando *realidade* ou se com a 1ª pessoa do narrador, que estaria fazendo a afirmação. Nos dois casos, entretanto, creio que a realização do sinal seria idêntica, uma vez que o sinal VERDADE foi realizado no espaço do narrador.

Neste trecho vemos o ritmo como um delimitador. Na primeira parte temos um ritmo mais lento, que senti a necessidade de chamar de *staccato*¹⁰. Na segunda parte, o ritmo se acelera claramente e se torna fluente, não-*staccato*.

A presença do sinal SE (S-I) também se mostra como um marcador de limite, uma vez que é acompanhado por expressão facial própria. Ele introduz a condição necessária para que “a verdade interesse”.

¹⁰ O termo italiano *staccato* se usa em música para mostrar que a forma de tocar cada nota as isola umas das outras. O termo tem um equivalente em português (*destacado*), mas achei que não retrataria fielmente o que se realiza na articulação dessa frase.

(16) Quanto mais se trabalha, mais há o que fazer.

TRABALHA TRABALHA TRABALHA CLASSIFICADOR^{18*} MAIS MAIS MAIS
ADMIRAÇÃO

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
TRABALHAR	cansaço		língua para fora no centro da boca			movimento repetitivo em círculo	
TRABALHAR							
TRABALHAR							
CLASSIFICADOR			sopro		inflada		
MAIS	tensão e surpresa	voltado para o local do classificador				voltado para o local do classificador	
MAIS							
MAIS							
ADMIRAÇÃO							

Estrutura proposicional :

Proposição	argumentos	predicado	modificadores
1	AE - IMPESSOAL	TRABALHAR TRABALHAR TRABALHAR	
2	AE - IMPESSOAL	(TRABALHAR TRABALHAR TRABALHAR) nulo	MAIS MAIS MAIS
3		CLASSIFICADOR	
4	AE - as proposições 1 e 2	ADMIRAÇÃO	

A repetição do sinal TRABALHAR realiza um aspecto iterativo. Aliás, esse aspecto não se realiza apenas pela repetição do sinal. Ocorre também uma modificação do movimento, que se torna circular, ao invés de para diante e para trás, que caracteriza a forma dicionarizada do sinal (Ines e Capovila & Duarte, 2001)

O olhar para um ponto indefinido e o corpo voltado para a direita mostram uma situação de impessoalidade.

Nesta frase, encontramos dois marcadores de limites: a expressão facial, que se modifica, e a posição do corpo, que também se altera.

¹⁸ Este sinal se articula da seguinte forma: a mão direita fechada, na altura da cintura do sinalizador, se abre e sobe até uma altura acima de sua cabeça, com um movimento oscilante. A intérprete considerou esse sinal como um classificador e lhe atribuiu o seguinte significado: *papéis se acumulam sobre uma mesa.*

Estrutura proposicional do classificador, de acordo com o significado atribuído pela intérprete:

argumentos	predicado	modificadores
AE - PAPÉIS (superfícies planas)	EMPILHAR	(na) MESA

(17) Sem fazer nada, descobriu tudo.

FAZER NADA N-A-D-A PERCEBER VER DESCOBRIR-TUDO¹⁹

sinais manuais	Significado da expressão facial	Características físicas da expressão facial				posição do corpo	ritmo
		olhar	boca	cabeça	bochecha		
FAZER	negação	senho franzido	morde lábio inferior	balanço negativo			
NADA			língua frouxa no meio da boca				
N-A-D-A (com as duas mãos)							
PERCEBER							
VER	esclarecimento	olhos se arregalam e se dirigem para cima	movimento de abertura				
DESCOBRIR-TUDO							
POIS É (gesto)							

Estrutura proposicional:

Proposição	argumentos	predicado
1	AE nulo AI - NADA (arg. interno)	FAZER
2	AE nulo TUDO (arg. interno)	VER DESCOBRIR

Essa frase foi traduzida de uma forma que parece supor um contexto anterior, motivo pelo qual não teríamos encontrado argumento externo para nenhum dos predicados. Não me pareceu uma frase impessoal, como a (16).

A imprevisibilidade do resultado é o que parece marcar a semântica desse trecho: descobrir tudo sem fazer nada. Duas idéias que se opõem e que apresentam expressões faciais distintas para cada uma delas. A expressão facial da parte inicial

¹⁹ Não há a articulação do sinal TUDO, porém o significado se expressa através da ênfase na expressão facial, corporal e da própria execução do sinal DESCOBRIR.

se realiza pelo balanço negativo da cabeça e pela testa franzida. A segunda parte é marcada por uma expressão facial de esclarecimento, que se evidencia pela expressão do olhar.

Como nas frases (1) e (6), vemos aqui novamente uma seqüência que parece analisável como serialização verbal: VER DESCOBRIR

3.1.2.1 Conclusão do item 3.1.2

Parece-me que este trecho do trabalho possibilitou um detalhamento maior no que diz respeito às marcas que delimitam encaixes e fronteiras em Libras, com isso deixando bastante explícitos vários casos de recursividade.

Além disso, sinto que abrem-se alguns caminhos para que possamos determinar mais claramente as relações entre as fronteiras e seus marcadores.

Neste item 3.1.2, nos concentramos não só na observação dos encaixes, mas também nas marcas que se apresentam nesses encaixes.

Os fatos que conseguimos reunir e que apresento a seguir, de forma resumida, estão agrupados segundo a expressão facial, a posição do corpo, ritmo e pausa, de um lado; e de outro, a estrutura proposicional.

a) Significado da expressão facial

Como a literatura sobre línguas de sinais já observou, as **expressões faciais** são muito importantes na demarcação de limites entre estruturas. Temos que estar atentos, porém, ao fato de que há sinais que possuem expressões faciais próprias a eles.

- como se viu na tradução da frase (6) '*Seria ideal que você chegasse cedo para garantir um bom lugar no auditório*', a expressão facial pode superpor mais de um significado, e, ao se eliminar um desses significados, permanecendo o outro, isto pode marcar um limite sentencial.

- uma das estruturas intercaladas que analisamos (tradução da frase (8) '*Minha mãe, que nunca se cansa, ainda queria sair para jantar*'), e que traduz uma oração adjetiva explicativa do português, possui forte marca na expressão facial, marca essa que também revela um contraste semântico entre as duas estruturas que compõem a frase.

- observamos traduções de dois períodos do português nos quais as orações adjetivas intercaladas só se distinguem por uma ser explicativa e a outra, restritiva. Na versão em Libras da oração explicativa portuguesa, (9) '*O meu irmão, que mora em São Paulo, veio ao Rio na semana passada*', vimos um sutil movimento de cabeça, semelhante à marca de tópico, que parece explicitar a intercalação. Na versão em Libras da oração restritiva, (10) '*O meu irmão que mora em São Paulo veio ao Rio na semana passada*', vimos marcação muito evidente da intercalação, nos olhos e nas posições do corpo e da cabeça.

- nas traduções das frases (7) '*O dinheiro que eu levei para a viagem não foi suficiente*', (9) '*O meu irmão, que mora em São Paulo, veio ao Rio na semana passada*' e (10) '*O meu irmão que mora em São Paulo veio ao Rio na semana passada*', que apresentam estruturas intercaladas, observamos o mesmo movimento da cabeça, que se inclina ligeiramente para trás antes do trecho intercalado, e que retoma a posição normal depois desse trecho.

- é necessário um estudo mais aprofundado das formações em que detectamos intercalação para verificarmos se são estruturas topicalizadas, ou se há uma homonímia da expressão facial e corporal.

b) posição do corpo

- na tradução da frase (14) '*A funcionária mentiu para se defender*' a inclinação alternada do **corpo** parece significar uma alternância semântica.

c) pausa

- a ocorrência da **pausa** pode marcar seqüências coordenadas (traduções das frases (5) '*Ele tem certeza que deu o dinheiro exato.*' e (14) '*A funcionária mentiu para se defender*'

- pode marcar também oposições semânticas entre proposições, como nas traduções das frases (11) '*Assim que parar de chover, vou pra casa*' e (13) '*Como o João não sabia que ia jogar, não trouxe o uniforme*'.

d) ritmo

- a mudança do ritmo pode demarcar limites, como na tradução da frase (15) '*A realidade só interessa à proporção que o imaginário toma conta dela*'.

e) a estrutura proposicional

- quando a proposição encaixada é um argumento interno de um predicado, poderá não ocorrer qualquer marca delimitadora entre as proposições (frases (1)

'Marina quer que você compre um carro', (2) 'Marina acha que você deve cortar o cabelo', (3) 'Marina não sabe se você cortou o cabelo'.

- a estrutura proposicional mostrou-se um instrumento eficaz para detectar a intercalação de estruturas (traduções das frases (7) 'O dinheiro que eu levei para a viagem não foi suficiente', (8) 'Minha mãe, que nunca se cansa, ainda queria sair para jantar', (9) 'O meu irmão, que mora em São Paulo, veio ao Rio na semana passada' e (10) 'O meu irmão que mora em São Paulo veio ao Rio na semana passada').

A ocorrência de um mesmo **gesto** em dois momentos de uma frase pode estar delimitando uma estrutura (frase (13) 'Como o João não sabia que ia jogar, não trouxe o uniforme').

- há marcações de limites com sinais, como MAS (frase (14) 'A funcionária mentiu para se defender'), PORQUE, etc

É importante destacar, portanto, que encontramos diferenças formais entre as frases que apresentam argumento interno proposicional, quando comparadas a algumas adverbiais, e que também encontramos distinção entre os dois tipos de oração adjetiva, explicativa e restritiva.

Apresentamos abaixo, então, uma tentativa de sistematização das relações encontradas entre as estruturas portuguesas e suas traduções em Libras, o que também é uma proposta de aprofundamento de estudos futuros.

Orações substantivas objetivas diretas - traduções das frases:

(1) Marina quer que você compre um carro.

(2) Marina acha que você deve cortar o cabelo.

(3) Marina não sabe se você cortou o cabelo.

(12) Mesmo que o Fernando não queira, o João vai jogar no time.

- Não observamos marcas claras e conclusivas de limite entre as composições com argumento interno encaixado, o que nos leva a supor que, quando o argumento interno é uma proposição encaixada, não há necessidade de marcas.

Oração substantiva predicativa - tradução da frase (4)

(4) Parecia que o morro estava muito perto.

- Não houve elementos suficientes para neles basearmos hipóteses consistentes.

Oração substantiva completiva nominal - tradução da frase (5)

(5) Ele tem certeza que deu o dinheiro exato.

- Encontramos duas proposições independentes, o que ficou evidenciado pela pausa.

Oração substantiva subjetiva, com uma adverbial final - tradução da frase (6)

(6) Seria ideal que você chegasse cedo para garantir um bom lugar no auditório.

- Encontramos três proposições bem marcadas em seus limites. Nas duas primeiras, a sustentação da mesma expressão facial persuasiva em todo o trecho, e a ênfase presente apenas no trecho inicial nos sugerem uma subordinação.

Orações adjetivas intercaladas explicativas e restritivas tradução das frases:

(7) O dinheiro que eu levei para a viagem não foi suficiente.

(8) Minha mãe, que nunca se cansa, ainda queria sair para jantar.

(9) Meu irmão que mora em São Paulo veio ao Rio esta semana.

(10) Meu irmão, que mora em São Paulo, veio ao Rio esta semana.

- Encontramos uma ligeira inclinação da cabeça no momento da intercalação. Esta inclinação está entre dois também ligeiros movimentos para trás (ou para a posição erecta). É visivelmente uma intercalação.

- Pareceu-nos que a oração restritiva possui marca mais nítida de fronteira do que a explicativa. Talvez isto se deva ao fato de ela possuir uma função semântica distintiva, o que pode ser mais forte do que o simples destaque de uma característica já conhecida, que é a função semântica da explicativa.

Orações adverbiais

- As distinções semânticas entre as proposições determina os limites, através das expressões faciais.

- interrupção-de-um-evento e decisão-oportuna

(11) Assim que parar de chover, vou para casa.

- negação e afirmação (contraste)

(12) Mesmo que o Fernando não queira, o João vai jogar no time.

- justificação e lamentação

(13) Como o João não sabia que ia jogar, não trouxe o uniforme.

- cansaço e tensão-e-surpresa

(16) Quanto mais se trabalha, mais há o que fazer.

- negação e esclarecimento (contraste)

(17) Sem fazer nada, descobriu tudo.

- A presença do sinal SE também é um delimitador de proposições

(15) A realidade só interessa à proporção que o imaginário toma conta dela.

Gostaria de destacar a importância de termos usado um quadro para a observação das expressões faciais e corporais, pois isto nos possibilitou um detalhamento e uma precisão que não teríamos atingido sem esse recurso. Entre outros fatos, a visualização da superposição de expressões faciais na frase (6), por exemplo, só foi possível pela utilização desse quadro de observação.

3.2. Composição proposicional

Neste item observaremos composições proposicionais em Libras que se manifestem através de um único item de vocabulário.

O caminho percorrido neste momento da pesquisa foi semelhante ao do item anterior 3.1 *Composição supraproposicional*, em que observamos diretamente dados da Libras e eliciamos dados a partir de traduções do português. No trabalho com a Libras, o principal fio condutor foram as configurações de mãos, sem também deixar de olhar atentamente as expressões faciais e os movimentos corporais. No trabalho a partir de tradução do português, selecionamos itens compostos – na maioria das vezes contextualizados em frases – para verificarmos como eles se realizavam em Libras.

Uma vez levantados os dados, passamos a analisá-los sob a ótica da composição proposicional, e verificamos que grande parte deles pode ser agrupada a partir da idéia da proposição, e outra parte, menor, não aceita essa análise.

Repassemos rapidamente os processos formativos das línguas orais, com foco no português, numa visão lexicalista. Se observarmos, em nossa língua, a relação entre os processos derivacionais e os significados deles resultantes veremos alguns fatos interessantes. No processo derivacional, os prefixos trazem um novo significado ao novo item (*ler/reler, migrar/imigrar/emigrar, gostar/desgostar, vestibular/pré-vestibular, etc.*), sem entretanto afetar sua classe gramatical. Diversamente, a sufixação pode gerar palavras de classes diferentes em que o significado se mantém praticamente o mesmo, como se vê no par *casar/casamento*. Ou pode gerar palavras da mesma classe, porém com significados diferentes, como em *sapato/sapateiro*. Na derivação, portanto, vemos o envolvimento de aspectos mais restritamente gramaticais e outros mais relacionados ao significado.

Na composição, em línguas orais, vemos “um processo que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais.” (Basílio, 1991)

- própria estruturação geral do processo de composição se relaciona com a natureza de sua função, que é inteiramente diferente do da derivação: enquanto na derivação temos a expressão de noções comuns e gerais, a composição é um processo que vai permitir categorizações cada vez mais particulares. Com a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais, os processos de composição permitem a nomeação ou caracterização de

seres pela junção de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical.

Não é por acaso que as formas compostas são frequentemente desligadas do significado estrito de seus componentes. (Basílio, 1991, p. 30)

Achei interessante retomar esses conceitos como mais um instrumento de observação dos processos da Libras e também como um instrumento de comparação entre as duas línguas. Voltaremos a essas idéias na conclusão desse capítulo.

No curso de nosso trabalho não estamos usando a palavra *composição* com esse sentido que acabamos de ver, ou seja, como processo distinto do processo da *derivação*. *Composição* e *derivação* foram usados neste momento com o sentido que a tradição gramatical lhes vem atribuindo.

Feito esse parêntese, voltemos a observar as composições proposicionais em Libras.

Como já se sabe, a alta taxa de simultaneidade de elementos articulatórios em línguas de sinais permite expressar diversos significados ao mesmo tempo, diversamente da forma escrita das línguas orais, em que a maior parte dos significados são expressos em seqüência. Dessa forma, é de se esperar que em um único sinal possamos encontrar uma proposição completa.

O sinal CORTAR-CABELO-COM-TESOURA, do qual trataremos adiante com mais detalhe, é um exemplo do que estamos querendo dizer. Nele encontramos um argumento externo implícito com papel temático de agente – que será definido no contexto – um argumento interno, *cabelo*, e um modificador (o instrumento *tesoura*). A configuração e o movimento das mãos significam *cortar com tesoura*, e a localização próxima à cabeça, o *cabelo*. Podem ocorrer também sinais que apresentam o predicado e o modificador, sobre o que falaremos adiante mais detalhadamente.

Assim, mostraremos neste item de nosso trabalho, algumas formações em que se observou a presença de um composto passível de ser interpretado como uma proposição ou como uma de suas partes, desde que complexa.

Neste item apresentaremos alguns resultados de nossa pesquisa em que o fio condutor da observação foram as realizações fonéticas, ou seja, olhamos para as configurações de mão, os movimentos corporais e as expressões faciais.

Trabalhamos com alguns itens que aparecem na fábula *A lebre e a tartaruga*, assim como com alguns outros sobre os quais já tínhamos conhecimento prévio e aos quais outros se associaram.

Podemos dizer que encontramos processos composicionais a partir de uma única raiz; com mais de uma raiz; itens derivadores (que preferimos não chamar de categorizadores, por não termos ainda tomado uma posição em relação à questão das categorias gramaticais em Libras) aplicados a raízes diversas; empréstimos; e processos compostos.

Começaremos apresentando, no item 3.2.1, os tipos de composição proposicional que encontramos e exemplificando-os sucintamente. O detalhamento de cada item será apresentado quando falarmos sobre o processo de formação das composições, no item 3.2.

Em seguida falaremos, no item 3.3, sobre composições que não apresentam uma estrutura proposicional.

3.2.1 Tipos de composição proposicional

Ao adotarmos a estrutura proposicional como foco de observação, encontramos três tipos de composição. O primeiro deles apresenta uma proposição completa, com argumento externo, predicado e argumento interno. Vemos aqui os verbos de concordância.

Os verbos de concordância, o(s) local(is) de articulação de um sinal não são fixos, são variáveis. Eles variam com os *loci* no espaço de sinalização que são ocupados pelos referentes que estão envolvidos no evento que é expresso pelo verbo. (Zwitserslood, 2003)

Assim, nos verbos de concordância, vemos os pré-requisitos para que se realize uma proposição. Acredito poder afirmar que esses itens prevêm o preenchimento de posições argumentais. Os sinais TELEFONAR e AVISAR são exemplos deste tipo.

Sinais compostos com classificadores também podem apresentar uma estrutura proposicional completa, como é o caso de CHUPAR-LARANJA, que possui

um argumento externo potencial com papel de agente, o predicado ‘espremer-e-chupar’ e o argumento interno ‘laranja’.

O segundo tipo que encontramos se compõe de argumento externo e predicado. Nas construções semelhantes às ‘justaposições’ do português encontramos este tipo de formação. Por exemplo, as especialidades médicas em que vemos o sinal MÉDICO ser predicado por um outro sinal que representa o tema central da especialidade que se quer expressar.

No terceiro tipo vemos um predicado e seu argumento interno, como em PIPOQUEIRO, BALEIRO.

Num quarto tipo, vemos a composição de um predicado com um modificador. Este tipo de composição foi encontrado em casos de intensificação, negação e mudança de estado.

3.2.2 Processos simples de composição proposicional

Neste item apresentaremos os processos de composição de novos itens de vocabulário, relacionando-os à estrutura proposicional.

3.2.2.1 - Processos de composição com uma única e mesma raiz

Em Libras, há muitos itens de vocabulário que são relacionados semanticamente e que compartilham a mesma configuração de mão, mas diferem em outros aspectos, como orientação da mão, movimento, expressão facial e corporal. Nesses casos consideramos como raiz a configuração de mão, pois, na maioria das vezes, é este o parâmetro que porta o significado comum aos itens. No caso dos verbos com classificadores, o movimento é considerado parte de uma raiz tripartite (Zwitserslood, 2003b).

- $\sqrt{\text{RIR}}$ - (ver cd) - configuração da mão em “L” - Esta raiz está presente em RIR, RISINHO (tradução da intérprete), DEBOCHAR, GARGALHAR. A configuração em “L” foi considerada expressão de uma raiz em função do sinal RIR, que possui essa configuração de mão localizada sob a boca, em referência clara ao movimento alargado da boca no ato de rir. Em RISINHO, vemos polegar e indicador unidos se afastarem de forma um pouco lenta até chegar ao “L”, o que é acompanhado pelo

“risinho” no movimento da boca. DEBOCHAR é um verbo de concordância, com a mesma configuração em ambas as mãos, amparado por uma expressão facial coerente com o significado. Em GARGALHAR encontramos a mesma configuração também em ambas as mãos, que se movem contralateralmente. A posição inicial é um pouco afastada do corpo, com os braços ligeiramente flexionados. As mãos se cruzam diante do corpo, que se movimenta como numa gargalhada. O item GARGALHAR será abordado em 3.3.1.

RISINHO - em termos proposicionais, vemos um predicado sendo modificado. Isto se dá pelo movimento da boca, que se abre lateralmente de forma gradual. A expressão facial pode apresentar-se irônica ou não-espontânea.

DEBOCHAR - como dissemos é um verbo de concordância. Logo, podemos considerar que ele porta uma proposição em que alguém (argumento externo) ri de alguém (predicado e argumento interno).

Os sinais que apresentaremos a seguir são os que envolvem classificadores, e que Zwitserlood, 2003b, chamou de concordância de gênero. A autora mostra um sinal que “pode ser usado predicativamente, significando ‘escovar os dentes’, e descritivamente, significando ‘escova de dentes’”. Ela o considera morfologicamente complexo, com a ocorrência simultânea de três morfemas, que são o movimento, a configuração de mãos e o local de articulação. O sinal tem, portanto, uma raiz tripartite, composta desses três morfemas, que se fundem (merge) abaixo do categorizador (below little x).

Termino chegando a este ponto da derivação, o sinal ainda não possui um nó categorial. Se essa categoria é um ‘little n’, por exemplo num contexto tal como “João compra uma escova de dentes”, será um nome. Se o nó da categoria for um ‘little v’, então o sinal será um verbo. (...) Estes sinais também são chamados *compostos simultâneos* ou *compostos de raiz*.

Os sinais que expressam os significados ‘laranja’ / ‘chupar laranja’, ‘cenoura’ / ‘comer cenoura’, e ‘tesoura’ / ‘cortar com tesoura’ mostram exatamente o mesmo tipo de composição e também se distinguem no contexto em que são utilizados.

LARANJA e CHUPAR LARANJA

No caso presente, que já foi apresentado em muitos trabalhos sobre Libras, vemos exatamente o mesmo sinal usado para *laranja* e *chupar laranja*. (O fato de também ser usado com o significado *sábado* decorre de outro processo, de que

falaremos no item 3.2.2.4) O sinal é composto por duas configurações de mão, com um movimento intercalado. A mão fechada diante da boca se abre ligeiramente e torna a se fechar, como se o sinalizador estivesse espremendo uma laranja que viria a ser chupada.

Não me parece que na relação entre os sinais LARANJA e CHUPAR-LARANJA haja uma questão etimológica, tendo um dos sinais dado origem ao outro em momentos diversos da língua, até porque trata-se de um fato muito comum na língua, o que aponta para um processo regular.

CHUPAR-LARANJA seria um item proposicional porque possui argumento interno, *laranja*. Por ser um sinal ancorado no corpo, o argumento externo terá que ser previamente determinado no contexto, embora no sinal esteja previsto, para esse argumento, o papel de agente do ato de chupar laranja.

Ocorre com os sinais CENOURA e COMER CENOURA o mesmo fato mencionado acima com relação a LARANJA, ou seja, são iguais em termos articulatórios, e se diferenciam no contexto, quando um possuirá uma estrutura proposicional, e o outro, não.

TESOURA e CORTAR-COM-TESOURA encaixam-se também neste caso em que dois sinais se realizam de forma igual.

A distinção categorial entre os sinais CORTAR-COM-TESOURA_V, em oposição TESOURA_N foi tratado por Felipe (2006) como derivação zero, em que o instrumento está implícito. Desenvolvendo seu raciocínio, Felipe diz que pode ocorrer marca de concordância para locativo do objeto, quando o sinal estiver na função de verbo.

Nessa pesquisa também foi verificado que pode haver uma marca de concordância para locativo do Objeto, apresentando uma estrutura O_iV_i, quando o sinal está na função de verbo. Como, por exemplo, o verbo CORTAR-COM-TESOURA no par de sentenças abaixo onde há tesoura_N e tesoura_V e suas distintas representações:

- (1) ONTEM Ind_{1s} COMPRAR TESOURA
"Ontem eu comprei uma tesoura"
- (2) CORTINA_i Ind_{1s} CORTAR-COM-TESOURA_i
"A cortina, eu corto com a tesoura".

Devido ao fato dessas diferenças²⁰ não poderem ser aplicadas a todos os pares na Libras, este tipo de formação de palavra continuará sendo

²⁰ A diferença a que a autora se refere diz respeito a itens como AVIÃO/IR DE AVIÃO, FERRO/PASSAR A FERRO, em que, segundo a autora, ocorrem distinções em função do movimento em cada forma do par.

tratado como derivação zero: itens lexicais com formas que são diferenciadas somente a partir da sua função no contexto lingüístico onde está inserida e, quando estão na função de verbo possuem o caso instrumento implícito: BRINCADEIRA / BRINCAR; CADEIRA / SENTAR; TESOURA / CORTAR-COM-TESOURA; BICICLETA / ANDAR-DE-BICICLETA; CARRO / DIRIGIR-CARRO; VIDA / VIVER.

No caso de CORTAR-CABELO-COM-TESOURA (ver cd), consideramos, em termos proposicionais, o instrumento *tesoura* como um modificador (de instrumento) do predicado *cortar*, e *cabelo*, como o argumento interno desse predicado. O argumento externo também está implícito, com papel temático de agente. O contexto explicitará esse argumento externo.

No exemplo de Felipe ('A cortina, eu corto com a tesoura') houve a necessidade de realização do sinal CORTINA. Porém no caso de CORTAR-CABELO-COM-TESOURA, o item referente a cabelo se realizou na localização do sinal.

Os três casos que acabamos de ver – LARANJA e CHUPAR-LARANJA, CENOURA e COMER CENOURA, e CORTAR-CABELO-COM-TESOURA – estão incluídos neste item porque são formados de uma única raiz, embora tripartite, segundo proposta de Zwitserlood, 2003b.

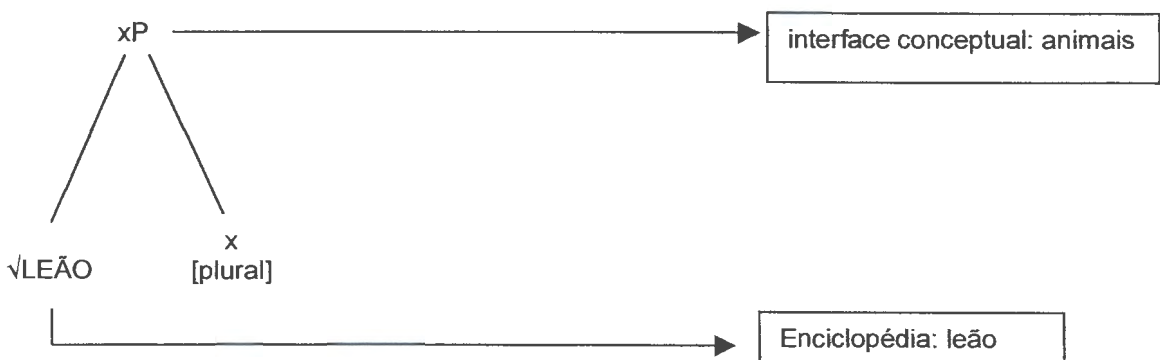
3.2.2.2 - Processos de composição com itens derivadores

Trataremos a seguir de itens que participam da composição de novos compostos em Libras.

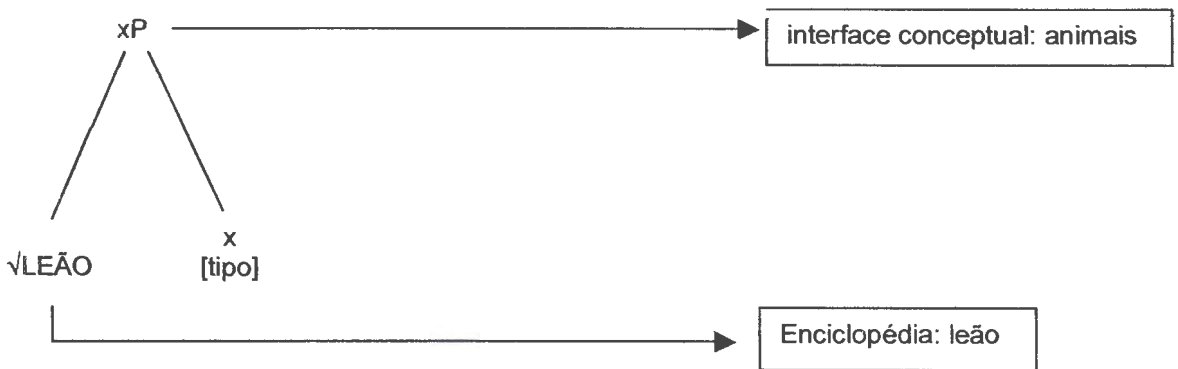
- [tipo]

O caso que apresentaremos a seguir já foi apresentado em 3.1 *Composição supraproposicional*, na formação de ANIMAIS (ver cd), cujo processo detalharemos a seguir. Repetimos abaixo a árvore apresentada no item 3.1.

(3) animais

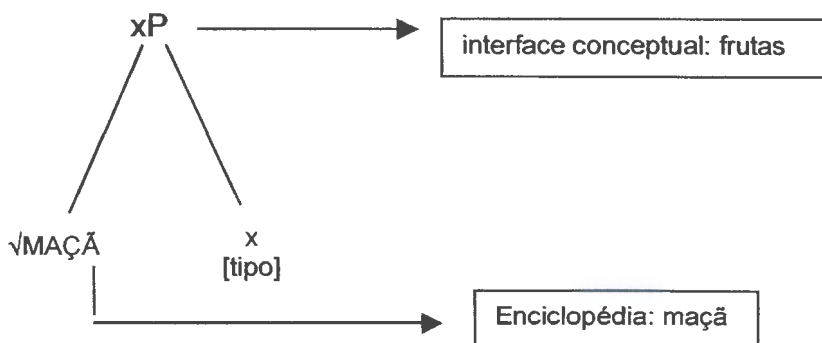


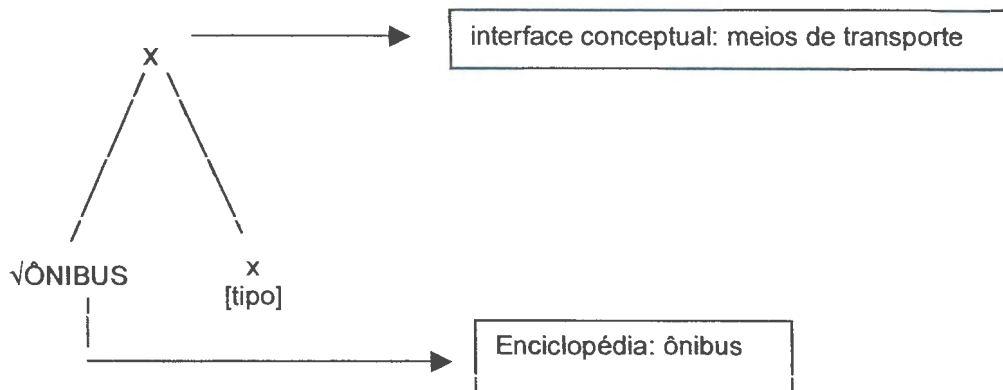
Como disse no item 3.1 *Composição supraproposicional*, atribuí ao nó 'x' o traço [plural], porque ele freqüentemente é chamado assim por quem usa Libras. Também é chamado de [variados] por Fernandes (1998). Entretanto, ele tem a mesma realização articulatória do sinal que significa 'coisa'. Ainda retomando o que já dissemos acima, essa homonímia com o sinal 'coisa' nos sugere uma propriedade semântica genérica. Algo como "coisas do mesmo tipo de leão", ou 'existe uma espécie de coisas da qual leão faz parte', em que esse animal está sendo tomado como prototípico, como 'o rei dos animais'. A partir daqui, portanto, e pelos motivos expostos, passo a chamá-lo [tipo]. Repito abaixo a árvore com essa modificação. Evitei chamá-lo de 'genérico' ou 'espécie' por não dispor de elementos suficientes para isto.



O processo acima se dá com outras raízes, como, por exemplo $\sqrt{\text{MAÇÃ}}$ e $\sqrt{\text{ÔNIBUS}}$, que ganham a interpretação, na interface conceptual, de *frutas* e *meios de transportes*, respectivamente. Equivaleria a: 'coisas variadas do mesmo tipo da maçã', 'coisas variadas do mesmo tipo do ônibus'.

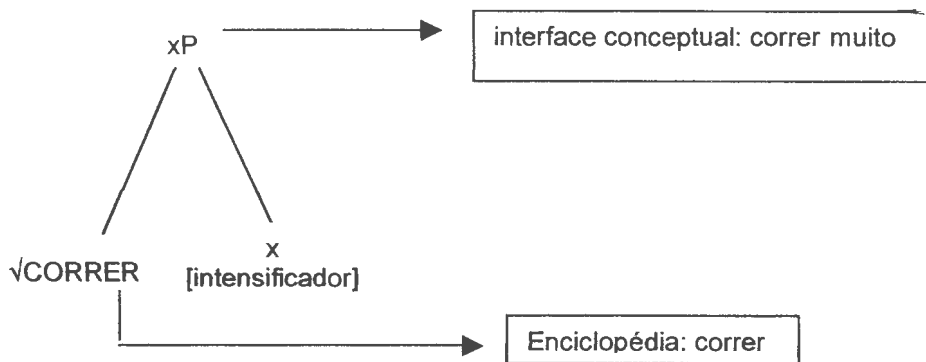
Abaixo, mostramos a estrutura de FRUTAS e MEIOS DE TRANSPORTE, compostos da mesma forma que ANIMAIS, acima:





- [intensificador]

Na fábula *A lebre e a tartaruga* encontramos também o [intensificador] no sinal CORRER MUITO



A intensificação se realiza através da expressão facial e da aceleração do movimento do sinal CORRER.

O mesmo fato se dá em relação ao modo de andar relacionado à tartaruga, na fábula que estudamos. A realização do significado 'forma de andar característica de uma tartaruga' se compõe por meio de classificadores. O resultado dessa formação é modificado pela expressão facial e pela velocidade lenta do movimento. É também uma estrutura semelhante à de CORRER MUITO, sendo que no caso do 'andar da tartaruga' o intensificador traz a idéia de lentidão.

- mudança de estado (-ecer, em português)

Neste caso, quando manifestei meu interesse nessas realizações, já de início a intérprete disse: “É porque eu acho que aí é tudo expressão facial e corporal.” Ou seja, era um caso de regularidade do processo.

Passemos, então aos exemplos em que ocorre regularmente o processo em que a um sinal se junta a expressão facial e a corporal, no caso expressando um processo de mudança de estado. (ver cd)

- EMPOBRECER - POBRE + expressão facial e corporal
- EMAGRECER - MAGRO + expressão facial e corporal
- ENRIQUECER - RICO + expressão facial e corporal
- EMUDECER - MUDO + expressão facial e corporal
- ENLOUQUECER - LOUCO + expressão facial e corporal
- AMOLECER - MOLE + expressão facial e corporal
- ENSURDECER - SURDO + expressão facial e corporal
- EMPALIDECER - PÁLIDO + expressão facial e corporal

Nos exemplos acima, a expressão facial, além de portar a mudança do estado, muitas vezes porta também um julgamento ou um sentimento positivo ou negativo em relação ao conteúdo expresso. No movimento corporal, há casos em que o sinalizador usa as duas mãos, para representar o processo, enquanto no sinal de base usa apenas uma das mãos (LOUCO / ENLOUQUECER, MAGRO / EMAGRECER, PÁLIDO / EMPALIDECER). Na expressão facial, devemos destacar a movimentação da boca. Ocorre um sopro com bochechas infladas em EMPOBRECER, ENRIQUECER, ENLOUQUECER, EMPALIDECER. Em EMAGRECER e ENSURDECER, ocorre o movimento inverso, em que as bochechas são sugadas; em EMAGRECER chegamos a ouvir o som de um beijo. Seria interessante pesquisar esta sucção das bochechas, pois me parece que ela indica algo que diminui, desaparece, se perde, apesar de o item EMPOBRECER, que teria um significado de perda, não apresentar esta expressão facial.

Cuidadosamente, podemos afirmar que este sopro, ou seu movimento inverso, é um intensificador.

A intérprete contribuiu com um item em que se observa o mesmo processo em Libras, porém sem equivalente em português: *o pudim amoleceu, se desmanchou*.

PUDIM + movimento da mão + expressão facial e corporal

É importante lembrar que a expressão facial e corporal são simultâneas à execução dos sinais, o que nos faz pensar no processo morfológico de fusão.

Outra observação importante é a duração do sinal derivado quando comparado ao sinal de base. O novo sinal é alongado, reproduzindo a idéia de que um processo é algo que se estende no tempo.

3.2.2.3 - Processos de composição com mais de um sinal

Este processo de construção de unidades complexas lembra o que a gramática tradicional chamou de 'justaposição'. Em Libras, trata-se de unidades derivadas a partir de sinais que possuem existência autônoma na língua, ou seja, são o que também já se chamou de formas livres. Ao se unirem passam a compor um novo sinal. Em português, alguns exemplos desse processo são: navio-escola, mestre-sala, pára-brisa, beija-flor, pé-de-valsa, baba-de-moça, amor-perfeito, meio-dia, tragicômico, segunda-feira, etc. Esse processo em português obedece a certas regras que correspondem às regras de ordenação da sentença, como por exemplo, em *guarda-chuva*, o verbo vem antes do objeto.

Os sinais que veremos a seguir, compostos dessa forma, mostram uma estrutura proposicional de argumento e predicado.

A maioria dos sinais que se referem às especialidades médicas é formada dessa maneira. Veremos o sinal MÉDICO seguido de outro sinal que representa o órgão ao qual a atividade se dedica principalmente, ou de alguma doença típica da especialidade, ou de algum outro fato tipicamente relacionado. O sinal MÉDICO é o argumento sobre o qual se predica algo, através do sinal que se lhe segue.

- ALERGOLOGIA - MÉDICO + ALERGIA
- ANGIOLOGIA - MÉDICO + VARIZES
- CARDIOLOGIA - MÉDICO + CORAÇÃO

- CLÍNICA MÉDICA - MÉDICO + TUDO
- DERMATOLOGIA - MÉDICO + PELE (FERIDA)
- ENDOCRINOLOGIA - MÉDICO + REGIME
- GASTROENTEROLOGIA - MÉDICO + ESTÔMAGO
- GINECOLOGIA - MÉDICO + ABRIR PERNAS (posição ginecológica)
- HOMEOPATIA - MÉDICO + NATURAL
- MASTOLOGIA - MÉDICO + SEIO
- NEFROLOGISTA - MÉDICO + RIM
- NEUROLOGIA - MÉDICO + CABEÇA
- OBSTETRA - MÉDICO + NASCER
- OFTALMOLOGIA - MÉDICO + OLHO
- ORTOPIEDIA - MÉDICO + OSSO
- OTORRINOLARINGOLOGIA - MÉDICO + OUVIDO + GARGANTA
- PEDIATRA - MÉDICO + CRIANÇA
- PNEUMOLOGISTA - MÉDICO + PULMÃO
- PROTOLOGISTA - MÉDICO + ÂNUS
- REUMATOLOGIA - MÉDICO + DOR MUSCULAR/ARTICULAÇÃO
- UROLOGIA - MÉDICO + PÊNIS + XIXI

- VETERINÁRIO - MÉDICO + CACHORRO

O mesmo processo se verifica nos sinais que fazem referência a árvores frutíferas: o sinal ÁRVORE é predicado pelo sinal referente a seu fruto, que às vezes é seguido por datilologia. Exemplos abaixo (ver cd):

- ABACATEIRO - ÁRVORE+ABACATE
- COQUEIRO - ÁRVORE+COCO
- LIMOEIRO - ÁRVORE+LIMÃO+L-I-M-Ã-O
- MAMOEIRO - ÁRVORE+MAMÃO+M-A-M-Ã-O

O sinal RIO se forma dos sinais ÁGUA e CAMINHO. MAR e CACHOEIRA também se formam a partir de ÁGUA, seguido de ONDULAÇÃO e QUEDA, respectivamente. Os itens CAMINHO, ONDULAÇÃO e QUEDA me parecem

classificadores, no sentido de que assumem uma característica marcante do fato sinalizado. Na composição desses itens, a intérprete destacou que ÁGUA é articulada antes de seus predicados.

Proposicionalmente, ÁGUA é o argumento cujos predicados em pauta são CAMINHO, ONDULAÇÃO e QUEDA. (ver cd)

- RIO - ÁGUA+CAMINHO
- MAR - ÁGUA+ONDULAÇÃO
- CACHOEIRA - ÁGUA+QUEDA

O sinal BEIJOQUEIRO (ver cd) se realiza por uma composição com mais de um elemento: PESSOA+BEIJAR (repetido várias vezes e em diversos locais do corpo e do espaço de sinalização). É importante observar, todavia, que a repetição do item BEIJAR poderia ser considerado um outro processo. Mas não tivemos oportunidade de verificar itens que apresentassem este fato, que sabemos ser um processo relevante em Libras. O significado proposicional é a atribuição de um predicado (que beija muito) a um argumento (uma pessoa).

O sinal PASSAPORTE é formado de CARTEIRA e CARIMBO, em que CARTEIRA é um argumento restringido pelo predicado CARIMBO.

Nos três grupos de sinais acima (especialidades médicas e árvores frutíferas e os tipos de água) e nos itens PASSAPORTE, BEIJOQUEIRO E FUNCIONÁRIA (tratado adiante), vemos uma ordem que se repete: o argumento externo precede o predicado.

Os sinais que traduzem as palavras portuguesas *pipoqueiro* e *baleiro* (ver cd) também são composições proposicionais com mais de um elemento, em que o primeiro item é o argumento interno do segundo. Nestes itens não está presente o item HOMEM ou MULHER (que vende pipoca), diversamente do que ocorre com o item FUNCIONÁRIA, do qual falaremos adiante.

- PIPOQUEIRO - PIPOCA+VENDER (ver cd)
- BALEIRO - BALA+VENDER (ver cd)

O sinal VENDEDOR se realiza da mesma forma que VENDER. A distinção se faz no contexto sintático.

O exemplo de que trataremos agora é um caso de negação do item SABER (ver cd). Como se sabe, a negação em Libras pode assumir diversas formas. Pode-se usar o sinal manual NÃO, pode-se usar a expressão facial juntamente com um movimento negativo da cabeça, pode-se ainda inverter o movimento do sinal (ex.: QUERER).

A intérprete realizou a negação de SABER da seguinte forma: o indicador toca a têmpora e dela se afasta para baixo, formando a seguir uma configuração semelhante à do “O”, mas com os dedos médio, anular e mínimo abertos.

Esta forma, empregada na frase (4) do item 3.1 *Composição supraproposicional*, me reportou a uma análise de Aronoff et alii (2003) de um fato que foi tratado como a sufixação de um morfema ZERO, significando ‘absolutamente nada’ (not at all).

Os autores relatam que uma das formas de negação em ASL é a utilização desse sufixo, assim considerado por ter uma posição obrigatoriamente posterior ao item negado. Esse sufixo seria muito semelhante a uma palavra livre da ASL, que é realizada com ambas as mãos com a configuração de “zero” e significa ‘absolutamente nada’. O afixo é articulado com apenas uma das mãos e repete a configuração de “zero”.

Reproduzo abaixo as figuras apresentadas no trabalho citado e que ilustram o item VER (fig. 1), o item independente ABSOLUTAMENTE NADA (fig. 2) e a composição sufixal VER NADA (fig. 3). Trata-se de uma negação enfática.



Figura 1: VER



Figura 2: ABSOLUTAMENTE NADA



Figura 3: VER NADA

Perguntei à intérprete se havia outros itens que apresentassem esse tipo de negação, mas ela não se lembrou de nenhum outro. Então lhe relatei este fato da ASL e lhe perguntei se ela achava que poderia ser um empréstimo da ASL. Ela não descartou a possibilidade, mas também levantou a hipótese de ser uma formação resultante de uma origem histórica comum às duas línguas e que esta forma tivesse permanecido pouco usada em Libras. Por se tratar de uma derivação não muito produtiva na língua, segundo a intérprete, optamos por não analisá-la como um caso de itens derivadores, e sim como uma composição com duas raízes.

A análise apresentada pelos autores acima me parece aplicável também aos itens ANIMAIS, FRUTAS, MEIOS DE TRANSPORTE, tratados no item derivador [-tipo]. O que me faz pensar nisso é a existência, em Libras, do sinal livre COISA, que é utilizado naquela composição. A diferença seria o fato de o sinal COISA não

ter apresentado nenhuma modificação articulatória, como aconteceu com o sinal da ASL NOT-AT-ALL. Por outro lado, o processo a que nos referimos em Libras se assemelha aos advérbios em *-mente*, do português (*rapidamente, essencialmente, etc.*). *Mente* também é uma unidade livre em português, mas funciona como sufixo nesse tipo de advérbio. Com este raciocínio, poderíamos considerar esses casos como derivados por sufixação.

3.2.2.4 - Empréstimos da inicial da palavra portuguesa (ver cd)

Apresentaremos aqui alguns itens em que constatamos empréstimos da configuração de mão equivalente à letra inicial da palavra portuguesa. Brito (1993) chama estas ocorrências de inicialização.

Inicialização é o nome comumente dado ao empréstimo que recorre à utilização de uma Configuração de Mão (CM) que corresponde, no alfabeto manual, à primeira letra da palavra equivalente em português. (Brito, 1993)

O processo me parece semelhante ao que deu origem à palavra *Bollywood*, significando a indústria cinematográfica em língua Hindi de Bombaim. É um processo parecido com *portmanteau*, em que se formam novas palavras a partir da junção de partes de outras duas ou mais palavras (*portunhol, treminhão*, em português; *cheeseburger*, em inglês, *wikipedia*, (*wiki = rápido* em haitiano + *pedia*))

Consideramos estes empréstimos como proposicionais porque a inicial da palavra portuguesa traz um novo significado, predicativo, ao novo sinal.

- REUNIÃO - configuração do R + CONJUNTO (ou GRUPO)
- FAMÍLIA - configuração do F + CONJUNTO (ou GRUPO)
- COMUNIDADE - configuração do C + CONJUNTO (ou GRUPO)

- REAL - configuração do R + VÍRGULA

- REINO - configuração do R + FAIXA

- PRESIDENTE - configuração do P + FAIXA

3.2.2.5 - Composições proposicionais contextualizadas

Apresentaremos a seguir algumas composições que nos parecem dependentes do contexto em que são enunciadas

O primeiro se realizou a partir da tradução da portuguesa “O Brasil é uma nação democrática.” (ver cd)

O que nos interessa detalhar aqui é a composição do significado ‘nação democrática’ que se deu da seguinte forma: com os itens PAÍS e VOTAÇÃO, e a datilologia da palavra portuguesa *democracia*. O sinal VOTAÇÃO é o mesmo usado para INCLUSÃO. Parece-me que nesta frase o que elimina uma possível ambigüidade entre ‘país-em-que-há-inclusão-social’ e ‘país-em-que-há-votação’ é a datilologia de *democracia*. Penso, porém, que além de desfazer a ambigüidade, o item D-E-M-O-C-R-A-C-I-A tem também a função de completar o conceito.

Uma outra frase traduzida – “Ele nasceu na Espanha mas pegou a nacionalidade brasileira” – nos chamou a atenção para o trecho que traduziu o significado “nacionalidade brasileira”. A glosa da tradução está abaixo:

ELE NASCER ESPANHA MAS TROCAR PASSAPORTE BRASIL (ver cd)

Nessa frase, o sinal PASSAPORTE é uma formação complexa, da qual já tratamos acima. Ele se compõe de CARTEIRA + CARIMBO. O significado da composição PASSAPORTE BRASIL equivalendo a ‘nacionalidade brasileira’ também me parece provocado pelo contexto.

Até aqui, apresentamos as composições em que percebemos uma estrutura proposicional. Em outras, entretanto, não conseguimos perceber o mesmo tipo de estrutura. Falaremos sobre isto no item seguinte.

3.2.3 - Processos complexos de composição proposicional

Neste item apresentaremos algumas composições que se formam com mais de um tipo de processo de composição.

O sinal FUNCIONÁRIA (ver cd) é composto do sinal MULHER seguido do sinal FICHA, o que podemos considerar como um processo composicional

proposicional com mais de uma raiz. Seu significado proposicional seria algo como 'mulher que lida freqüentemente com fichas', em que FICHA atribui um predicado ao argumento MULHER. Vemos também um processo metonímico em que o sentido 'ficha' é ampliado para caracterizar um determinado tipo de trabalho. O sinal que se segue a MULHER é visto por outros sinalizadores como o sinal QUADRO FUNCIONAL. Neste caso, a composição deixa de apresentar o caráter metonímico aqui atribuído, ficando QUADRO FUNCIONAL apenas como predicado de MULHER.

O sinal GEOMETRIA (ver dicionário Ines), cuja glosa seria MATEMÁTICA+EIXOS-CARTESIANOS é uma composição que se forma com três dos processos descritos neste trabalho:

- a) composição com mais de um sinal
- b) empréstimo da letra inicial da palavra portuguesa
- c) ampliação de sentido

No processo (a), vemos MATEMÁTICA + EIXOS CARTESIANOS; no processo (b); vemos o sinal MATEMÁTICA com empréstimo da inicial portuguesa; no processo (c), vemos a ampliação de sentido do significado 'eixos cartesianos'. Poderíamos falar ainda de um quarto processo, que seria com uma única raiz (neste caso, um classificador), na composição do sinal EIXOS CARTESIANOS.

O aspecto proposicional estaria no fato de que o sinal EIXOS-CARTESIANOS predica sobre a matemática.

Outros sinais apresentados aqui também podem ser considerados como complexo, como, por exemplo, as especialidades médicas, em que muitos dos predicados apresentam uma ampliação de sentido.

3.3 Composição não-proposicional

3.3.1 - Composições que compartilham a mesma raiz de outros sinais

- GARGALHAR - (ver cd) - Não pudemos ver neste item uma composição proposicional. Parece-nos claro que ele compartilha a raiz \sqrt{RIR} , observável na configuração da mão. Entretanto a expressão facial e a expressão corporal mostram o movimento que se faz quando se gargalha.

- PODER - Os sinais para o substantivo português *poder* e para o verbo *poder* apresentam a mesma configuração (ambas as mãos fechadas), com movimentos e ritmos diferentes. Vemos aqui apenas o compartilhamento da configuração de mão, sem significado proposicional.

- JUSTIÇA - (ver cd) - configuração do “O” - Os sinais JUSTIÇA, JUSTO, CERTO e PERFEITO também apresentam a mesma configuração de mão com movimentos e expressões faciais diferentes. Considerei o sinal JUSTIÇA como origem da derivação, baseando-me em afirmação da informante. O sinal é realizado com ambas as mãos, com movimentos iguais porém alternados, em sentido vertical. Os significados *justo* e *certo* são expressos por um mesmo sinal, realizado com apenas uma das mãos e o mesmo movimento do sinal JUSTIÇA. O sinal PERFEITO (ver cd) apresenta uma diferenciação no movimento, que se inicia ipsilateralmente e cruza contralateralmente, em sentido diagonal, de cima para baixo. A expressão facial é de intensificação.

Não vemos nestes sinais uma composição proposicional.

Apesar da pequena quantidade de exemplos, este tipo de composição nos parece produtiva na língua e seria bom que se pesquisasse mais detidamente suas ocorrências.

3.3.2 Ampliações de significado

Encontramos em Libras alguns processos que chamei de ampliações de significado, que em línguas orais se dão ora por metáfora, ora por metonímia ou por outras formas. Foram poucos os exemplos encontrados em nosso *corpus*, mas acredito que não são fatos isolados.

O sinal FUNCIONÁRIA, se visto como um composto do sinal MULHER seguido do sinal FICHA, sobre o que já falamos no item 3.2.3, seria um desses exemplos. O que nos interessa destacar neste momento é o processo metonímico pelo qual o sentido ‘ficha’ seria ampliado para caracterizar um determinado tipo de trabalho. Basílio (1991) tratou este tipo de composição como *nomeação metafórica*.

O sinal SÁBADO (ver cd) é homônimo de LARANJA. Atribui-se esta homonímia ao fato de que aos sábados no Instituto Nacional de Educação de Surdos era servida laranja como sobremesa. É necessário que se confirme este

relato. Caso se confirme, estaríamos diante de outro caso de ampliação de sentido. Diz-se que o mesmo se deu com o sinal SEXTA-FEIRA, homônimo de PEIXE, pelo fato de, na tradição católica, ser um hábito comer peixe neste dia da semana.

Com relação ao sinal LEÃO, tive a informação de que ele pode ser usado isoladamente de forma genérica, significando ‘animais’. Um caso semelhante – mas não igual – a *homem*, em português, que pode significar a *humanidade*.

3.3.3 Empréstimos

3.3.3.1 Da inicial da palavra portuguesa

Nos exemplos que relacionamos abaixo, ocorre também a *inicialização* tratada por Brito (1993), só que, desta vez, não observamos uma relação proposicional na composição.

- RELIGIÃO - configuração do R localizada na área superior contralateral do tórax do sinalizador.

- LÍNGUA (oral)- configuração do L + movimento a partir da boca

- LINGÜÍSTICA - configuração do L em ambas as mãos + movimento para a frente e para os lados a partir da região da boca.

- GRAMÁTICA - configuração do G em ambas as mãos + movimento para a frente e para os lados a partir da região da boca.

- GÊMEOS - configuração do G nas duas mãos + movimento para o alto e para os lados

Os sinais FACULDADE, UNIVERSIDADE E LITERATURA se realizam com o mesmo movimento circular diante do tórax do sinalizador, e as configurações das mãos equivalentes às iniciais das palavras portuguesas.

O sinal MATEMÁTICA se forma com a configuração do “M” e um movimento curto e vertical na área neutra de sinalização.

O sinal GEOGRAFIA tem a configuração do “G” e um movimento giratório oscilante na área neutra de sinalização.

O sinal RIDÍCULO apresenta a configuração do “R” sob o nariz, seguida de um movimento dos dedos.

3.3.3.2 De palavra portuguesa, com incorporação fonética à Libras

Esse tipo de sinal é realizado a partir da datilologia de palavras portuguesas, que logo é estilizada, o que resulta no quase desaparecimento das configurações de base. Brentari, 1998, trata essas formas como 'local fingerspelled lexicalization'. O uso do adjetivo 'local' se justifica pelo fato de se tratar de sinais usados especificamente em uma área restrita de conhecimento, num determinado momento em que um conceito é apresentado. A autora refere que na primeira vez em que o conceito é apresentado, recorre-se à datilologia da palavra inglesa. Da terceira vez em diante, aplicam-se as restrições "para os sinais nativos bem formados" e o sinal "assume um estado estável no qual permanece até o fim do discurso" em que foi usado.

Parece-me que este processo está sendo utilizado em Libras mais generalizadamente, e não apenas como um processo restrito a discursos específicos. Exemplos abaixo:

- TUDO (ver cd)
- NADA (ver cd)
- CLARO
- FELIZ (ver cd)
- VOVÔ (ver cd)
- OVO (ver cd)
- AZUL

O sinal AZUL e FELIZ se encaixam na restrição de alinhamento proposto por Brentari (1998).

Talvez devamos levar em conta a extensão das palavras portuguesas, em contraste com as palavras inglesas que foram observadas por Brentari (syntax, morphology, phonology, morphology, linguistic), além do fato de se tratar de significados de uso mais geral do que os trazidos por Brentari.

3.3.4 Conclusão dos itens 3.2 e 3.3

Nos itens 3.2 e 3.3, vimos que a proposição está presente na maioria dos processos de composição observados.

Nas composições proposicionais vimos variados tipos e processos composicionais. Em termos da estrutura proposicional, pudemos identificar itens que apresentam uma composição completa, outros formados de argumento externo e predicado, e de predicado e argumento interno, além de itens formados com modificadores.

Nos processos composicionais proposicionais, vimos sinais formados com uma única e mesma raiz, com itens derivadores, como a intensificação e a mudança de estado, em que as expressões facial e corporal atuam de forma bastante sistemática. Consideramos também os sinais ANIMAIS, FRUTAS, MEIOS DE TRANSPORTE como formados com itens derivadores, considerando a possibilidade de o sinal COISA possuir um caráter gramaticalizado, assim como a palavra *mente* do português.

Nas composições com mais de um sinal, só encontramos composições com estrutura proposicional, como era de se esperar.

Neste processo de composição, conseguimos ver que existe uma ordem recorrente em alguns itens. Quando temos um argumento externo e um predicado, o primeiro antecede o segundo; quando temos um predicado e um argumento interno, o segundo precede o primeiro. Ainda é cedo para generalizar, mas parece-me que o argumento, seja ele interno ou externo, precede o predicado.

Seria interessante verificar em que medida esta ordenação é constante na língua, e de que forma se relaciona à ordem da construção da sentença.

Sobre as expressões faciais, muito já se estudou com relação à força ilocucionária das sentenças, como assentimento, negação, interrogação, dúvida, etc. Parece-me entretanto que há alguns itens, como movimentos de boca, por exemplo, aos quais seria interessante dedicar uma atenção especial.

Quero destacar a grande quantidade de ocorrências de empréstimos do português e dizer que, assim como nas línguas orais, esses empréstimos assumem uma realização fonológica característica da interface gestual-visual.

3.4 Conclusão do capítulo

Baseados nos fatos discutidos acima, tanto em relação à construção textual, como em relação à construção morfológica, podemos reafirmar algumas conclusões gerais a que a literatura vem fazendo referência.

A modalidade gestual-visual:

a) apresenta a propriedade da recursividade, o que podemos ver tanto no texto, como nas construções dos sinais, em vários exemplos.

b) possui estruturas hierarquizadas, o que vimos nas representações em árvores, no texto e nos itens de vocabulário.

c) apresenta claras marcas de encaixes.

Abaixo apresentaremos resumidamente as conclusões referentes aos itens

3.1 *Composição supraproposicional*, 3.2 *Composição proposicional* e 3.3 *Composição não-proposicional*.

Apresentamos a seguir algumas conclusões a respeito do que foi observado nos itens 3.1.1 e 3.1.2, que trabalharam com composições supraproposicionais em Libras, a partir de um *corpus* originalmente em Libras e de um *corpus* eliciado a partir de traduções de frases do português.

Nosso trabalho pôde fazer um detalhamento no que diz respeito às de encaixes e fronteiras em Libras, com isso explicitando vários casos de recursividade.

No item 3.1.1, nos limitamos a observar as proposições encaixadas, na fábula *A lebre e a tartaruga*, conseguindo distinguir proposições independentes, proposições encaixadas, proposições coordenadas entre si e encaixadas em outra proposição, por sua vez também matriz de outro encaixe. Além disso, vimos um longo trecho composto de proposições coordenadas ou simplesmente independentes.

No item 3.1.2, além da observação dos encaixes concentramo-nos em buscar suas marcas.

Identificamos casos de marcação de limites através da expressão facial, da posição do corpo, do ritmo e da pausa.

As expressões faciais marcaram limites de diversas maneiras: pela superposição de significados seguida da eliminação de um deles, por distinções sucessivas em seus significados, por movimento de cabeça delimitando proposições intercaladas; pela inclinação alternada do corpo marcando alternância semântica;

pela presença da pausa indicando coordenação em alguns casos, e em outros marcando oposição semântica; e a mudança de ritmo entre duas proposições também como marca delimitadora.

A estrutura proposicional foi um importante instrumento em nosso estudo. Possibilitou-nos localizar algumas questões, como, por exemplo, a da ausência de marcas na introdução de um argumento interno proposicional, e a intercalação de estruturas.

Além disso ainda pudemos identificar marcadores mais explícitos, como os gestos e itens lexicais (MAS, SE, PORQUE)

Foi possível também apresentarmos uma proposta de sistematização das relações encontradas entre as estruturas portuguesas e suas traduções em Libras, a partir das estruturas portuguesas trabalhadas: orações substantivas, adjetivas e adverbiais.

Gostaria de lembrar a importância de termos usado um quadro para a observação das expressões faciais e corporais.

Nos itens 3.2 e 3.3, vimos que a proposição está presente na maioria dos processos de composição observados.

Nas composições proposicionais vimos variados tipos e processos composicionais. Em termos da estrutura proposicional, vimos itens que apresentam uma composição completa, outros apenas argumento externo e predicado, ou predicado e argumento interno, além de itens formados com modificadores.

Nos processos composicionais proposicionais, vimos sinais formados com uma única e mesma raiz, com itens derivadores, com mais de um sinal e um bom número de empréstimos, todos atendendo as exigências fonológicas da Libras.

Constatamos uma ordem recorrente nos itens que envolvem argumento externo ou interno e predicado. Nos itens observados, o argumento, interno ou externo, precede o predicado.

Quanto às expressões faciais, apesar de já se ter estudado muito a seu respeito, parece-me que há itens, como movimentos de boca, por exemplo, que seria interessante observar mais atentamente.

Olhando este capítulo, *A interface visual-gestual: alguns processos de construção textual e morfológica*, como uma unidade, podemos concluir que a estrutura proposicional foi um instrumento muito eficiente para tornar transparentes determinados fatos da Libras relacionados a fronteiras e encaixes, tanto no que diz respeito às estruturas supraproposicionais, como às estruturas proposicionais (como já foi sintetizado na conclusão de cada um dos itens deste capítulo). Dizendo de outra forma, foi um instrumento que nos deu um raio de visão muito amplo, permitindo-nos abranger uma gama muito diversificada de fatos da língua.

O cruzamento da observação da proposição com a observação de aspectos não-manuais da articulação das frases – como expressão facial, movimento corporal, ritmo da sinalização – mostrou-se muito rica e elucidativa.

Tanto nas composições supraproposicionais como nas proposicionais, esse cruzamento de observações apontou caminhos para a comparação das estruturas de Libras com as estruturas do português, o que poderá se tornar um subsídio importante para o ensino do português para surdos.

Com muito cuidado, arrisco-me a afirmar que não fomos capazes de ver em todo o *corpus* estudado neste trabalho, qualquer forma que pudesse estar esvaziada de conteúdo semântico, fato comum nas línguas orais, como, por exemplo, nas preposições portuguesas que encontramos em muitos casos de regência verbal (*pensar em, gostar de, insistir em, etc.*) ou como a conjunção integrante *que*. Este é outro fato importante a ser destacado na aquisição da forma escrita das línguas orais por indivíduos surdos.

4 Correlações entre a interface gestual-visual e a produção em português escrito

Este capítulo apresenta algumas correlações possíveis entre os fatos observados no capítulo anterior e a produção em português escrito por surdos sinalizadores da Libras. Como dissemos na *Introdução*, a produção escrita dos surdos foi um dos motivadores de nossa pesquisa, uma vez que, através dela, podemos ter uma idéia da distância que os afasta de um bom desempenho nesta área, tanto em termos de produção como de compreensão.

Antes porém de fazermos as correlações que mencionamos acima, achamos necessário falar um pouco sobre a aquisição de língua de sinais, em ASL e em Libras, e sobre a aquisição do português escrito por surdos

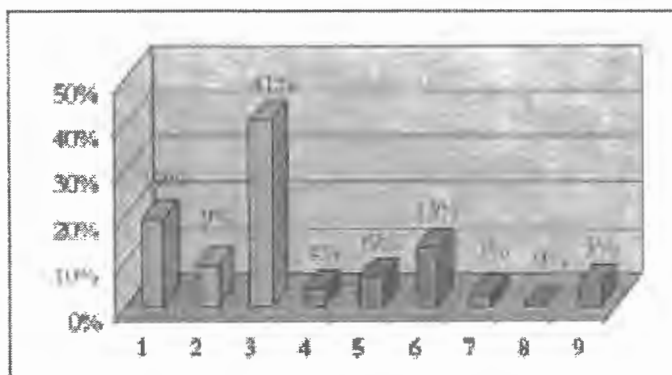
4.1 O ensino de português e a aquisição de Libras

Neste item, traremos algumas contribuições a respeito de fatos peculiares que envolvem a aquisição da ASL e da Libras. Para isso, mostraremos algumas informações colhidas em Quadros (2006) a respeito do processo de aquisição de Libras, bem como algumas outras contribuições de Quadros e Schmiedt (2006) a respeito da realidade em que ocorre o ensino de português para surdos.

Apresentaremos também algumas posições de Mayberry (s/d), num trabalho em que trata da questão do período crítico na aquisição da linguagem e sua relação com a compreensão lingüística por crianças surdas.

Inicialmente, portanto, vejamos o que nos diz Quadros (2006) a respeito da aquisição de Libras, num trabalho em que discute a educação de surdos no estado de Santa Catarina, com base em dados de sete cidades. Começemos pelo seguinte quadro:

Quadro 4: aquisição de língua de sinais



- 1 – Aprendeu na escola entre 6 e 8 anos
- 2 – Aprendeu na escola entre 8 e 10 anos
- 3 – Aprendeu na escola depois dos 10 anos
- 4 – Aprendeu antes de entrar na escola de 0 a 2 anos
- 5 – Aprendeu antes de entrar na escola de 2 a 4 anos
- 6 – Aprendeu antes de entrar na escola de 4 a 6 anos
- 7 – Aprendeu antes de entrar na escola de 6 a 8 anos
- 8 – Aprendeu antes de entrar na escola de 8 a 10 anos
- 9 – Aprendeu antes de entrar na escola com mais de 10 anos

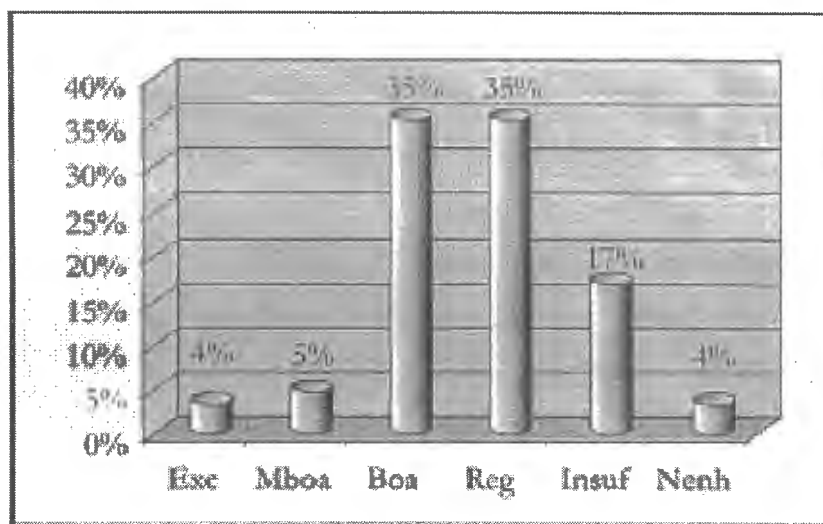
(Quadros, 2006, p.147)

A autora observa que a aquisição é tardia e se dá na própria escola, com pessoas que não têm proficiência em Libras, o que pode “implicar consequências no desenvolvimento lingüístico e cognitivo desses alunos.” (Quadros, 2006, p.148)

Gostaria de destacar, ainda neste quadro, que apenas 31% dos estudantes surdos adquiriram Libras antes de entrar na escola, e que 41% o fizeram Libras após os dez anos de idade.

Abaixo, vemos três quadros do mesmo trabalho, seguidos dos comentários da autora a respeito da proficiência, em língua de sinais, dos alunos, dos pais e dos professores.

Quadro 5: alunos quanto à proficiência da língua de sinais

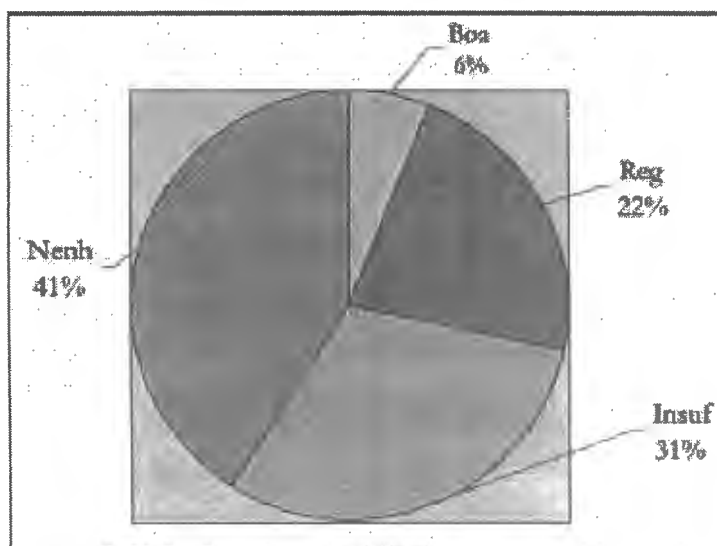


(idem, p.148)

A autora destaca que a grande maioria dos alunos foi vista como tendo fluência boa ou regular na língua de sinais.

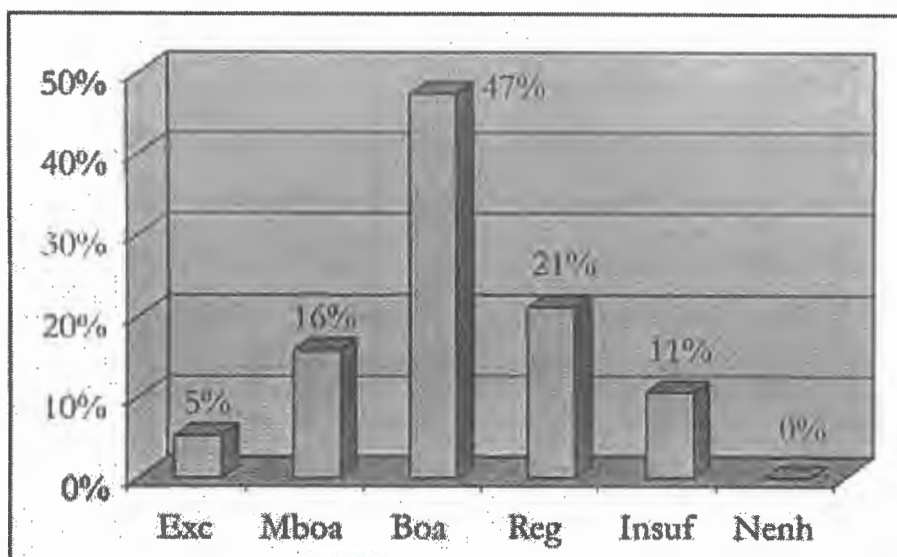
Em seguida mostra o desempenho em Libras de pais e professores de crianças surdas.

Quadro 6: pais quanto à proficiência na língua de sinais



(idem, p.149)

Quadro 8: professores quanto à proficiência na língua de sinais



(idem, p. 150)

Vemos nos dois quadros acima que os pais não são bons interlocutores de seus filhos em língua de sinais, e que os professores também estão longe disso. A autora afirma que esses “dados precisariam ser checados *in loco*”, para esclarecer a semelhança entre a avaliação dos professores na fluência em língua de sinais e em português.

Resumindo, a aquisição de Libras é majoritariamente tardia, carece de interlocutores fluentes e ocorre num ambiente restrito (a escola). Neste sentido, a situação de aquisição de primeira língua pelos surdos no Brasil é semelhante à que costuma se dar na aquisição de segunda língua por ouvintes, diferindo no fato fundamental de que estes já dispõem de uma primeira língua.

Em artigo que trata da relação entre o período crítico de aquisição da linguagem e a compreensão lingüística de crianças surdas, Mayberry relata uma série de experimentos desenhados para investigar se e como o período crítico afeta o resultado da aquisição de língua de sinais. Para ela, os resultados mostram fortes efeitos no desenvolvimento da compreensão da língua de sinais, manifestam-se em todos os níveis da estrutura lingüística e são mais significativos na aquisição tardia de primeira língua do que na aquisição de segunda língua. Um dos experimentos tinha o objetivo de testar se há efeitos especiais na aquisição tardia de primeira língua que tornem o processamento gramatical diferente daquele observado em

alguém que aprende a segunda língua após a infância. Foram testados quatro grupos: dois grupos de ouvintes e dois grupos de surdos. Um dos grupos de ouvintes era formado de falantes nativos do inglês. O outro era de aprendizes de inglês como segunda língua, e suas línguas nativas eram francês, italiano, alemão, persa e *urdu*. Um dos grupos de surdos era composto de sinalizadores nativos de ASL que aprenderam inglês na escola como segunda língua. O outro grupo se compunha de surdos que praticamente não adquiriram qualquer língua até irem para a escola (entre 6 e 13 anos de idade), onde aprenderam ASL com seus pares surdos, e o inglês em sala de aula, simultaneamente. Este último grupo apresentou desempenho mais fraco do que o grupo de sinalizadores nativos, que não cometeu nenhum erro no teste. E mais: os sinalizadores nativos tiveram o mesmo desempenho dos outros dois grupos de ouvintes. A autora mostra, com este estudo, a importância da aquisição de primeira língua durante o período crítico. Gostaria de destacar uma de suas conclusões: “os efeitos do período crítico são mais fortes para a aquisição de primeira língua e mais fracos para aquisição de segunda língua.” (p. 8)

Falaremos agora sobre a aquisição do português pelos surdos. Quadros e Schmiedt vêm reafirmar o que foi dito acima, agora em relação à aquisição do português, ora como segunda língua (situação mais rara), ora uma aquisição formal simultânea à aquisição informal da Libras, ambas na escola.

A tarefa de ensino da língua portuguesa tornar-se-á possível, se o processo for de alfabetização de segunda língua.

Nesse processo, há vários momentos em que se faz necessária a análise implícita e explícita das diferenças e semelhanças entre a língua de sinais brasileira e o português. (Quadros e Schmiedt, 2006, p. 22 e 23)

Mais adiante, após listar vários aspectos lingüísticos da Libras, as autoras destacam que:

A proposta é de tornar rica e lúdica a exploração de tais aspectos da língua de sinais que tornam tal língua um sistema lingüístico complexo. As crianças precisam dominar tais relações para explorar toda a capacidade criativa que pode ser expressa por meio da sua língua e tornar possível o amadurecimento da capacidade lógica cognitiva para aprender uma segunda língua. (idem, p. 27e 28)

Para elas, “o processo de alfabetização vai sendo delineado com base neste processo de descoberta da própria língua e de relações expressadas por meio da língua.” Afirmam também que “uma forma escrita da língua de sinais torna-se emergente para a continuidade do processo de alfabetização.” E reconhecem, no entanto, que

A realidade em nosso país não é essa, ainda a criança surda brasileira deve “pular” o rio de um lado para o outro sem ter uma ponte. Assim, a criança vai ser alfabetizada na língua portuguesa sem ter sido “alfabetizada” na língua de sinais. (idem, p. 30)

Sobre a aquisição da segunda língua por alunos surdos, as autoras apresentam alguns aspectos fundamentais, dos quais destacamos “as diferenças nas modalidades das línguas no processo educacional”.

Assim, a aquisição do português escrito por pessoas surdas difere, de modo geral, do que se tem observado sobre aquisição de segunda língua. A situação do surdo que chega à escola sem conhecer a Libras é algo como a de alguém que vai adquirir tardiamente duas línguas simultaneamente, com o agravante de que não possui o canal ideal – a audição – para a aquisição de uma delas, o português.

4.2 - Correlações entre a interface gestual-visual e a produção em português escrito

Os dados que ilustrarão este item foram coletados em literatura relacionada ao tema, assim como em *e-mails* e *sites* de surdos. Além disso, uma escola do Rio de Janeiro propôs a seus alunos uma redação com base na fábula de Esopo *A lebre e a tartaruga*, na mesma versão em Libras mencionada no capítulo 3.

Gostaria de citar ainda a obra de Quadros e Schmiedt, no trecho em que as autoras citam Brochado (2003) a respeito das fases de interlíngua por que passam crianças surdas fluentes em Libras. Num primeiro momento, haveria

- o predomínio de construções frasais sintéticas;
- estrutura gramatical da frase mais próxima à Libras;
- ordem SVO, embora em menor quantidade do que as construções do tipo tópico-comentário;
- predomínio de palavras de conteúdo (substantivos, adjetivos, verbos);
- falta ou inadequação de elementos funcionais;
- uso de verbos preferencialmente no infinitivo;
- emprego raro e às vezes incorreto de verbos de ligação;

- falta de flexão dos nomes em gênero, número e grau;
 - pouca flexão verbal em pessoa, tempo e modo;
 - falta de marcas morfológicas;
 - uso de artigo, às vezes, sem adequação;
 - pouco ou inadequado emprego de preposições;
 - pouco e inconsistente uso de conjunções;
 - possibilidade de se estabelecer sentido para o texto.
- (Brochado, 2003, apud Quadros e Schmiedt, 2006, p. 34)

Agora, então, passamos às correlações que podemos fazer.

Em relação à pontuação, muitas vezes ela possui caráter quase exclusivamente sintático, nem sempre acompanhado por marcas prosódicas, o que pode ser encarado como um ponto positivo no ensino de seu uso aos surdos.

No capítulo 3 *A interface gestual-visual: alguns processos composicionais*, conseguimos perceber alguns limites entre composições supraproposicionais que correspondem a locais em que no português usamos a vírgula, como nas orações relativas explicativas e em algumas adverbiais. Nestas, as fronteiras marcadas por contraste semântico observado nas expressões não-manuais são muitas vezes indicadoras de pontuação no português. A comparação pode contribuir para a compreensão de alguns usos da vírgula no português.

A frase abaixo traz um exemplo de percepção do local onde se deve usar pontuação, embora os sinais utilizados tenham sido inadequados.

A noite para mim é livre... entendeu! (Santos, 1994)

Os elementos de ligação esvaziados de teor semântico, como a conjunção integrante *que* e as preposições relacionadas à regência verbal, são realmente um problema, uma vez que – me arrisco a dizer – em Libras não ocorrem itens com valores puramente funcionais e destituídos de qualquer valor semântico. Aliás, preposições em segunda língua não são um problema exclusivo dos surdos, haja vista nossa dificuldade, como falantes do português, em aprender o emprego, por exemplo, das preposições inglesas. Em relação ao *que* integrante, é necessária a compreensão da implicação sintática de seu uso, ou seja, a flexão verbal na oração subordinada. Em nosso estudo não encontramos marcas que mostrassem o encaixe específico da oração substantiva em Libras.

No ensino das preposições que são esvaziadas de sentido, como no caso das regências verbais, poderíamos apresentar o verbo juntamente com a preposição,

como se faz no ensino de alguns verbos do inglês. Exemplo: *pensar em, pensar sobre, discutir com, insistir em, etc.*

Quanto à questão de gênero e número, podemos ter em mente que, embora a Libras não distinga os gêneros masculino e plural, distingue outros gêneros, através de seus classificadores, como Fernandes mostra em 1998:

Um classificador (CI) é uma forma que estabelece um tipo de concordância em uma língua. Na LIBRAS, os classificadores são formas representadas por configurações de mão que, substituindo o nome que as precedem, podem vir junto de verbos de movimento e de localização para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo.

Portanto, os classificadores na LIBRAS são marcadores de concordância de gênero para pessoas, animais ou coisas.

Muito se tem estudado sobre os classificadores como marcadores de gênero tais como humano, plano, fino, redondo, com duas pernas, com quatro pernas, grande, pequeno, etc. (Glück & Pfau, 1998, Zwitserlood, 2003); quanto ao número, Fernandes (1998), ao tratar dos pronomes e dos numerais em Libras, mostra as distinções entre singular, dual, quatrial, plural com duas formas. No estudo dos verbos de concordância, também se observam as flexões de número singular, dual, múltiplo, exaustivo (Mathur, 2000). Essas distinções serão importantes ao se traçarem paralelos entre Libras e português escrito, para fins didáticos.

Ainda em relação a número, trago um exemplo do uso inadequado do plural em português para expressar quantidade superior à unidade. No primeiro exemplo abaixo, parece-me que o surdo mostra que *família* se compõe de mais de um elemento; no segundo exemplo, a possível confusão da forma *peessoal* com a forma *peessoas* também parece mostrar a noção de quantidade.

para você e sua famílias (Santos, 1994)

o peessoas acha melhor (Santos, 1994)

Este fato se observa na concordância verbal no português informal (O *peessoal gostaram, a maioria das crianças corriam muito, etc.*) e a gramática normativa muitas vezes aceita as duas formas, singular e plural. O exemplo abaixo traz uma questão semelhante.

Aqui vão tudo bem (Santos, 1994)

Parece haver também uma mistura entre dois clichês do português: “aqui vão todos bem” e “aqui vai tudo bem”. Em ambas as construções, há um sentido de abrangência, que pode ter sido interpretado como plural.

Ainda quanto à questão da concordância, gostaria de lembrar a dificuldade de se identificarem as classes gramaticais em Libras, o que se reflete no uso do português, como veremos em alguns exemplos adiante.

A flexão verbal portuguesa apresenta um grande problema para os surdos, em função da grande diferença em relação ao comportamento do verbo em Libras.

Entretanto, devemos ter em mente que as flexões de pessoa e número estão presentes nos verbos de concordância em Libras. Este fato, assim como o gênero e o número referidos acima, se mostra relevante para se traçarem paralelos entre a Libras e o português escrito, para fins didáticos.

A conjugação verbal me parece o problema de mais difícil solução. Temos, além da flexão de pessoa, há a flexão de modo e tempo. Acredito que neste caso teria que haver primeiro a introdução da flexão de pessoa, em um único tempo verbal, por exemplo, o presente e o pretérito imperfeito do indicativo. Na flexão de pessoa é útil a comparação com os verbos de concordância em Libras, que também têm uma variação de forma em função dos argumentos envolvidos. Quanto à questão modo-temporal, acredito que o caminho mais indicado seja dar informação ao professor a respeito da proposta de Reichenbach (1947), em que o autor se utiliza das noções de momento do evento, momento de referência e momento de fala. Azeredo (2000) faz uma interessante e clara apresentação deste tema. Só a partir de um entendimento consciente dos empregos das variantes modo-temporais, será possível explicá-las a alguém que não conhece a língua, além de permitir traçar paralelos com as variantes de outras línguas. Sabemos que aprendemos as flexões verbais durante o período de aquisição da língua materna, e que o fazemos de forma intuitiva. Posteriormente, aprendemos na escola os nomes dos tempos e modos que já sabemos empregar corretamente em nossa língua.

Este ponto também não constitui uma dificuldade exclusiva dos surdos. Os falantes de inglês apresentam grande dificuldade de aprender o emprego do modo subjuntivo do português, por não possuírem um equivalente em sua língua. Acredito que o fato de o tempo ser expresso por meio do contexto e de outros sinais que não o verbo deve ser destacado no momento de se apresentarem as flexões

portuguesas, através do estabelecimento de paralelos entre as construções em Libras e as em português.

Uma questão relacionada com a organização sintática pode ser observada nas construções recursivas oracionais. Como as unidades complexas da Libras tendem a ser menores do que as do português, alguns problemas acontecem nesta área. Acredito que o uso indevido de iniciais maiúsculas no meio de um período mostre essa particularidade, mas, por outro lado, também mostra a consciência da presença de uma fronteira.

Que sabe, estou escrevendo dizer, Porque estou muita preocupado c/ as aulas, e minha amiga E. tambem (Santos, 1994)

Uma questão que precisa ser levantada com mais profundidade é a das classes gramaticais em Libras. Aparentemente, nem sempre ocorrem formas funcionais especiais que revelem a que classe se relaciona cada item utilizado em uma construção. Uma consequência dessa característica se verifica no exemplo abaixo que ilustra a tentativa de concordância nominal, embora a informante tenha confundido o item que deveria ser flexionado. Aqui precisamos chamar a atenção também para o fato de que, em português, muitas vezes um item que funciona como advérbio num contexto, funciona como adjetivo em outro contexto, o que traz problemas de concordância mesmo para os ouvintes.

Que sabe, estou escrevendo dizer, Porque estou muita preocupado c/ as aulas, e minha amiga E. tambem.
(Santos, 1994)

Vemos abaixo o emprego consecutivo de duas formas equivalentes, ou quase equivalentes:

Faz há quanto tempo que você já mora nos Estados Unidos (Santos 1994)

Eu já vi assiti a TV (aluno de escola do Rio de Janeiro, 2005)

Essas ocorrências me remetem a construções em Libras como as observadas nas frases (1), (6) e (17) do capítulo 3, em que mais de um verbo são empregados num mesmo predicado, e que sugeri que possa ser tratado como serialização verbal.

É provável que a forma acima resulte de uma transposição para o português desse tipo de construção da Libras.

Nos dados observados, vi que ocorrem confusões no emprego dos verbos portugueses *ir* e *vir*. Em Libras a distinção entre os significados [ir] e [vir] é representada apenas pela direção do movimento e pela orientação da mão. Também em português, a diferença semântica entre os dois verbos limita-se à origem e ao destino do sujeito de cada verbo, em função do ponto em que se situa a pessoa que fala. É provável que o “v” encontrado no tempo presente de *ir* (vou, vai, vai, vamos, vão) contribua com a confusão com o *vir*.

Por favor amanhã não sai, eu venho ai e tenho falar c/ você

fui sofrendo muito de minha saúde (venho sofrendo muito)
(Santos, 1994)

Além do que foi colocado até aqui, motivado pela ocorrência de erros no português escrito, quero frisar alguns aspectos que podem ser destacados para alunos surdos a respeito de sua própria língua, e que servem como elementos para fazer a ponte com o português escrito:

- mostrar processos composicionais em Libras e traçar paralelos com os portugueses:

exemplo: FUNCIONÁRIA (MULHER + FICHA), comparável à formas portuguesas *palavra-chave*, *mão-de ferro*.

- mostrar processos de ampliação semântica

exemplo: FICHA, no item FUNCIONÁRIA significar um tipo de atividade profissional, comparável à forma *boiar* em português, que pode significar *não compreender*, numa extensão do sentido de ‘*não ir ao fundo*’.

- mostrar processos derivacionais semelhantes nas duas línguas

exemplo: *pobre/empobrecer*, *magro/emagrecer*, etc.

- mostrar a arbitrariedade presente em vários sinais de Libras, inclusive nos empréstimos

exemplos: TRABALHAR, EMPRESA, etc.

FACULDADE, UNIVERSIDADE, MATEMÁTICA,
RIDÍCULO, etc.

- explorar a observação da expressão facial e corporal como marcas sintáticas, seja como fronteiras, seja como marcadora de aspecto, de intensidade, seja como derivadora de novos itens.

- compreender o que significam os gestos na construção textual. Muitas vezes, além de introduzir um comentário, marcam fronteiras sintáticas.

- a pausa e o ritmo são igualmente importantes na marcação de limites e, portanto, úteis no estabelecimento de paralelos com o português.

- destacar a possibilidade de expressar vários significados simultaneamente em Libras, em função do uso do espaço, diversamente do que ocorre com o português, em que a seqüencialidade é quase absoluta, sobretudo na forma escrita.

exemplo - CORTAR-CABELO-COM-TESOURA

- chamar atenção para construções com a mesma configuração de mãos e com significados semelhantes

exemplos: RIR, GARGALHAR, DEBOCHAR, SORRISINHO

PODER (verbo e substantivo)

- chamar atenção para a ordem da frase em Libras, assim como para a ordem dos sinais na formação de novos sinais.

- mostrar as palavras portuguesas que foram emprestadas para originar sinais e que a Libras tornou foneticamente adequados a seus padrões

exemplos: AZUL, TUDO, FELIZ

* * *

Sinto que o que apresentei neste capítulo ainda é uma contribuição muito pequena para o esclarecimento dos problemas encontrados no português escrito por surdos, mas acredito que este é um caminho possível de ser trilhado.

Para termos um quadro mais completo sobre a relação entre a Libras e a produção escrita dos surdos, é necessário um grande aprofundamento nesta área, além de se desenvolver em paralelo um estudo a respeito da compreensão de leitura.

É muito importante que o professor de português para surdos conheça a gramática da Libras para poder traçar paralelos com o português, e, assim, compreender melhor as dificuldades de seus alunos na produção e na compreensão de textos em português. Idealmente, o professor deveria ser proficiente em Libras.

Além disso, é importante também que o surdo tenha um conhecimento metalingüístico de sua própria língua, o que lhe facilitará a comparação com aspectos da gramática portuguesa. O estudo formal de Libras na escola tem tanta importância para a aquisição do português escrito quanto o estudo da gramática do próprio português.

5 Conclusão

Nosso objetivo neste trabalho foi buscar marcas de fronteiras composicionais em Libras que revelassem encaixes e fronteiras sintáticas. Para isso nos utilizamos de um instrumento semântico, a estrutura proposicional, na hipótese de que essa ferramenta nos evidenciasse (i) de que modo as proposições se interligam em composições supraproposicionais, (ii) de que forma a estrutura proposicional está presente na criação regular de unidades complexas da língua.

Consideramos que a estrutura da proposição como meio de investigação foi bastante revelador, sobretudo quando trabalhado em conjunto com a observação detalhada das realizações estudadas, como a observação das expressões faciais e dos movimentos corporais.

Fomos capazes, inicialmente, de reafirmar que a Libras apresenta a propriedade da recursividade e que possui estruturas hierarquizadas, além de termos conseguido isolar claras marcas de encaixes, o que confirma as duas propriedades anteriores.

Num primeiro momento, no estudo das estruturas da fábula *A lebre e a tartaruga*, pudemos observar encaixes de até três proposições, proposições coordenadas, proposições coordenadas entre si e subordinadas a outra, e proposições independentes (período simples).

Num segundo momento do trabalho, conseguimos isolar algumas das marcas de fronteiras entre as proposições.

Detalhando um pouco esses achados, podemos afirmar que as expressões faciais marcam contrastes semânticos entre unidades, e que essas marcas podem apontar para limites entre sentenças.

Um ligeiro movimento da cabeça para trás pode anunciar uma intercalação que se realizará em seguida, com a cabeça ligeiramente inclinada para a frente. A volta à primeira posição retoma o enunciado interrompido pela intercalação.

O movimento alternado do corpo pode indicar uma alternância semântica entre as unidades marcadas por esse movimento.

A ocorrência de um gesto pode assinalar uma fronteira proposicional, assim como a pausa.

Não pudemos detectar marcas de encaixe nas ocorrências de argumento interno proposicional.

Um pouco óbvio, mas não irrelevante, a presença dos sinais SE e MAS, entre outros, também marcam fronteiras.

Internamente às proposições, nosso estudo nos revelou formações composicionais que podem apresentar proposições inteiras, ou apenas uma parte complexa de uma proposição.

Como proposições inteiras ou parte delas, vimos:

- unidades formadas a partir de uma única e mesma raiz;
- derivações regulares por meio de expressão facial e corporal, na intensificação e no processo de mudança de estado;
- composições regulares por meio do derivador [tipo] que podemos considerar como afixação;
- composições com mais de um sinal nas quais pudemos observar uma regularidade na ordem da formação, em que o argumento (interno ou externo) precede o segundo item;
- empréstimos com a letra inicial de uma palavra portuguesa;
- processos complexos de composição proposicional

Vimos também algumas formações que não se caracterizam por um processo proposicional:

- composições que compartilham a mesma raiz de outros sinais;
- empréstimos com a letra inicial de uma palavra portuguesa; e
- empréstimos com realização fonológica própria da Libras.

Numa rápida análise, pudemos também constatar que a teoria do alinhamento proposta por Mathur (2000) para os verbos de concordância também pode se aplicar à Libras, embora seja necessária a verificação de maior quantidade de casos, para identificar os itens a que essa língua impõe restrições de ordem fonética.

Chamou-nos a atenção para futuros estudos o movimento da boca em alguns itens derivados ou intensificados.

Finalizamos esse trabalho, tentando estabelecer uma relação com o que pudemos observar no *corpus* com a produção escrita dos surdos. Acreditamos que

foi possível sugerir alguns caminhos de aproximação entre o português escrito e a Libras.

Embora nosso trabalho tenha reafirmado muito do que os estudos de línguas de sinais vêm propondo, acredito que conseguimos localizar mais especificamente um número considerável de fatos pertinentes à Libras, tendo assim atingido nosso objetivo.

Entretanto termino este trabalho com uma grande sensação de incompletude. Apesar de ter sentido um grande avanço na compreensão dos fatos da gramática da Libras, o caminho é muito mais longo do que supunha inicialmente.

6 Bibliografia

6 Fábulas de Esopo em Língua de Sinais Brasileira. Produção de LSB Vídeo, Criação de Nelson Pimenta, Direção de Luiz Carlos Freitas, 2002, 1 videocassete (40 min.). VHS, sem áudio, color.

AARONS, D., 1994 apud p. 50 NEIDLE, C., KEGL, J., MACLAUGHLIN, D., BAHAN, B., LEE, R., *The Syntax of American Sign Language*. MIT press, Cambridge, 2000, p. 50.

AIKHENVALD, A. Y., Towards the Typology of Verb Serialization and Verb Compounding: the Case of Tariana. *Studies in Language* 23: 479-508, apud MARTINS, S. A. *Fonologia e gramática Dâw*, Tese de doutorado, LOT, Utrecht 2004. disponível em www.lotpublications.nl/publish/articles/001057/bookpart.pdf, em 24/09/2007

ARONOFF, M., MEIR, I., SANDLER, W., The Paradox of Sign Language Morphology, in *Language*, v. 81, n. 2, p. 301-344, 2005.

ARONOFF, M., MEIR, I., PADDEN C., SANDLER, W., Classifier Complexes and Morphology in Two Sign Languages, in EMMOREY, Karen (ed.), *Classifiers in Spoken and Signed Languages*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum and Associates, 2003, 53-84.

_____, Morphological universals and the sign language type, in BOOIJ, G. and MARLE, J. (eds), *Yearbook of Morphology*. Kluwer Academic Publishers, Denton, Manchester, UK, 2004, p 19-39.

AZEREDO, J. C. *Fundamentos da gramática do português*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2000.

BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. Ática, São Paulo, 1991.

BRASIL. Instituto Nacional de Educação de Surdos. *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais*. Disponível em: <<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>>. Acesso em: 19 jun. 2007.

_____. *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez*. Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

BRENTARI, D., *A Prosodic Model of Sign Language Phonology*, MIT Press, Cambridge, 1998.

BRITO, L. F., *Integração social e educação de surdos*. Rio de Janeiro, Babel, 1993.

BROCHADO, S. M. D., A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias de língua de sinais brasileira. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Júlio Mesquita

Filho, UNESP, SP, 2003, *apud* QUADROS, R. e SCHMIEDT, M. L. P., *Idéias para ensinar português para surdos*, Brasília: MEC, SEESP, 2006.

CHOMSKY, N. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*, New York, Praeger, 1985.

CRAIN, S., LILLO-MARTIN, D., *An Introduction to Linguistic Theory and Language Acquisition*, Blackwell, Malden, 1988.

CUNHA, C., CYNTRA, L., *Nova gramática do português contemporâneo*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.

EMBICK, D. & HALLE, M., *Word Formation: Aspects of the Latin Conjugation in Distributed Morphology*, University of Pennsylvania and Massachusetts Institute of Technology, 2004. (Text unstable; not to be distributed)

FARIA, C.V.S., *Aspectos da morfologia da língua brasileira de sinais*, UFRJ, tese de doutorado, 2002.

FELIPE, T. A., Os processos de formação de palavra na Libras, ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.199-216, jun. 2006.

_____. *Libras em contexto: livro do estudante/cursista*. Brasília: MEC/SEESP/FENEIS, 2001.

FERNANDES, S., *Dia a dia Educação, Educação Especial*, Portal Educacional do Estado do Paraná, Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2003. Disponível no endereço: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/porta/institucional/dee/dee_surdez.php>

FERNANDES, S. e STROBEL, K., *Aspectos lingüísticos da língua brasileira de sinais*, Curitiba, SEED/SUED/DEE, 1998.

GLÜCK, S., PFAU, R., On classifying classification as a class of inflection in German Sign Language. In Cambier-Langeveld, T., A. Lipták & M. Redford (eds.), *Proceedings of ConSole 6*. pp. 59–74, Leiden: SOLE, 1998. Disponível em <http://home.medewerker.uva.nl/r.pfau/bestanden/Console%201997.pdf>

HAEGEMAN, K. *Introduction to Government and Binding Theory*, Blackwell, Oxford & Cambridge, 1991.

HARLEY, H. & NOYER, R., *State of the Article: Distributed Morphology*, in *Glott International*, Vol. 4, Issue 4, april 1999. p. 3-9.

HAUSER, M. D., CHOMSKY, N., FITCH, W. T. , *Faculty of Language: What Is It, Who Has It, and How Did It Evolve*, *Science*, nov. 2002, vol. 298, p. 1569 a1579.

KLIMA, E. & BELLUGI, U., *The Signs of Language*, Harvard U. P., Cambridge & London, 1979.

- LIDDELL, S., *Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language*, Cambridge, Cambridge, U. P., 2003.
- LILLO-MARTIN, D., *Universal Grammar and American Sign Language: Setting the Null Argument Parameters*, Kluwer Academic P., Dordrecht/Boston/London, 1991.
- LIMA, R., *Gramática normativa da língua portuguesa*, RJ, José Olympio, 1979
- MACLAUGHLIN, D., *The Structure of Determiner Phrases: Evidence from American Sign Language*, Boston University, 1997.
- MARTINS, S. A. *Fonologia e gramática Dâw*, Tese de doutorado, LOT, Utrecht 2004. disponível em www.lotpublications.nl/publish/articles/001057/bookpart.pdf, em 24/09/2007
- MATHUR, G. *Verb Agreement as Alignment in Signed Languages*, PhD dissertation, MIT, Cambridge, MA, 2000.
- MAYBERRY, R. I., *The critical period for language acquisition and the deaf child's language comprehension: a psycholinguistic approach*, Université McGill, Montreal, s/d, disponível em 24/09/2007 no endereço: <http://64.233.169.104/search?q=cache:FUGxWZVeESoJ:ling.ucsd.edu/~rmayberry/pubs/ACFOSmayberry.pdf+late+sign+language+acquisition&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=5&gl=br>
- MCCARTHY, J. & PRINCE, A. Generalized Alignment. In Geert Booij and Jaap van Marle, eds, *Yearbook of Morphology 1993*. Kluwer: Boston, 1993, 79-153, disponível no endereço <http://roa.rutgers.edu/view.php3?roa=7>
- MEIER, R.P., Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech, in MEIER, R.P., CORMIER, K., QUINTO-POZOS, D. (eds.), *Modality and structure in signed and spoken languages*, Cambridge University Press, Cambridge, 2002, p. 1-20.
- NEIDLE, C., KEGL, J., MACLAUGHLIN, D., BAHAN, B., LEE, R. G., *The Syntax of American Sign Language: Functional Categories and Hierarchical Structure*. MIT Press, Cambridge, London, 2000.
- PADDEN, C. & HUMPHRIES, T. *Deaf in America: Voices from a Culture*, Harvard U. P. Cambridge & London, 1988.
- PFAU, R. Applying morphosyntactic and phonological readjustment rules in natural language negation, in MEIER, R.P., CORMIER, K.A., QUINTO-POZOS, D.G. (eds) *Modality and structure in signed and spoken language*, Cambridge University Press, Cambridge, 2002, p. 263-295.
- POIZNER, K., KLIMA, E. & BELLUGI, U. *What the Hands Reveal About the Brain*, MIT Press, Cambridge, London, 1987.

PFAU, R., Distributed Morphology: A Sketch of the Framework, in *Features and Categories in Language Production*. Goethe Universität, Frankfurt am Main, 2000.

QUADROS, R. M. *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*, PUC-RS, 1999.

_____, *Políticas lingüísticas e educação de surdos em Santa Catarina: espaço de negociações*, Cad. CEDES vol. 26 nº. 69, Campinas, May/Aug. 2006.

QUADROS, R. M. e KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Artmed, Porto Alegre, 2004.

_____, e SCHMIEDT, M. L. P., *Idéias para ensinar português para surdos*, Brasília: MEC, SEESP, 2006

RATHMANN, C. AND MATHUR, G. *Verb Agreement and Modality effects in Signed Languages*, Ms., University of Texas,, Austin, and MIT, Cambridge, MA, (in prep.) apud MATHUR, G. *Verb Agreement as Alignment in Signed Languages*, PhD dissertation, MIT, Cambridge, MA, 2000.

REICHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan Company, 1947 apud COAN, M. , BACK, A, REIS, M., FREITAG, R., *As categorias verbais tempo, aspecto, modalidade e referência: pressupostos teóricos para uma análise semântico-discursiva*, Estudos Lingüísticos XXXV, p. 1463-1472, 2006.

SALLES, H. M. M. L. et alii, *Ensino de língua portuguesa para surdos : caminhos para a prática pedagógica*, Brasília: MEC, SEESP, 2004. 2 v. : il. vol. 1

SANTOS, D. V. *Coesão e Coerência em Escrita de Surdos*. Dissertação de mestrado, UFRJ, 1994.

SCHEIN, J. D., *Speaking the Language of Sign: The art and science of signing*, Doubleday, Garden City, 1984.

SELLS, P., Constituent Order as Alignment, in S. Kuno et al. (eds.) *Harvard Studies in Korean Linguistics* 8. Harvard University, 1999, p. 546-560.

ZWITSERLOOD, I. E. P., *Classifying hand configurations in Nederlandse Gebarentaal (Sign Language of the Netherlands)*, Utrecht, LOT, 2003a.

_____, Word Formation below and above little x: Evidence from Sign Language of the Netherlands, in DAHL, A., BENTZEN, K., SVENONIUS, P. (eds.), *Proceedings of the 19th Scandinavian Conference of Linguistics*, Utrecht Institute of Linguistics, Utrecht, vol. 31.2, pp. 488-502, 2003b.

Apêndice 1 - Descrição, tradução e legenda da fábula *A lebre e a tartaruga*, de Esopo, narrada em Libras

descrição	tradução	legenda
- lebre (olhar dirigido para a câmara)	Era uma vez uma lebre	Um dia, a lebre estava contando vantagem a todos os animais da floresta
(mudança na direção do olhar e na posição do corpo) - discursar (avisar, divulgar), (1ª ps + 2p número múltiplo)	que estava discursando para um grupo de animais	
- leão - plural		
- elefante - variado		
- 2ª pessoa (nº múltiplo) - olhar (expressão facial atenta) - 1ª pessoa	que observavam atentamente seu discurso.	
- postura da lebre - avisar, falar, divulgar (1ª ps + 2ªp nº múltiplo)		
- eu - orgulho - famosa - correr - muito (intensificação com expressão facial) - veloz	- Eu sou famosa por correr muito rápido – dizia orgulhosamente.	que era muito rápida que era famosa por ser tão rápida
- correr - longas distâncias	- Corro longas distâncias	

<p>- eu</p> <p>- vencer (movimento curto e repetido em semicírculo - flexão de número exaustivo)</p>	<p>Eu venço todo o mundo.</p>	<p>e que ninguém jamais conseguiria vencê-la.</p>
<p>- vencer (direcionado para a própria lebre e com expressão facial de pergunta)</p>	<p>Me vencerem?</p>	
<p>- duvidar</p>	<p>Duvido!</p>	<p>Os animais estavam admirados e a lebre envaidecida.</p>
<p>- semicírculo com olhares admirados de um lado a outro</p>	<p>A platéia se entreolha admirada e a lebre está envaidecida.</p>	
<p>- postura da lebre envaidecida</p>		<p>Foi então que a tartaruga a desafiou para uma corrida.</p>
<p>- mãos unidas (mudança de assunto)</p> <p>- mudança de expressão facial e de posição do corpo</p> <p>- tartaruga</p> <p>- postura da tartaruga</p> <p>- olha para a lebre</p>	<p>Então a tartaruga olhou para a lebre e acenou.</p>	
<p>- acena para a lebre</p>		
<p>- eu</p> <p>- disputa (1ª ps__2ª ps, expressão facial de pergunta)</p>	<p>- Eu disputo com você</p>	

<p>- mãos unidas (mudança de assunto) O sinalizador assume a posição da lebre e olha para a tartaruga</p> <p>- disputa (2ª ps__1ª ps+ expressão facial de pergunta)</p> <p>- eu (expressão facial de pergunta)</p>	<p>- Você disputa comigo? – pergunta a lebre –</p>	<p>– O quê? Estás me desafiando?</p>
<p>- eu + expressão facial de pergunta</p>	<p>- A mim?</p>	<p>–A mim?</p>
<p>- (mímica – ares de convencimento)</p> <p>- piada</p>	<p>Que piada!</p>	
<p>- saber</p> <p>- todos</p> <p>- aponta a tartaruga</p> <p>- lenta, fraca, pesada – (tudo simultâneo)</p> <p>- lenta</p>	<p>- Todos sabem que você é lerda, fraca, pesadona, muito lenta.</p>	<p>E começou a rir e a dizer que todos sabiam que a tartaruga era lenta demais e que não conseguia sequer andar direito. Como tinha a coragem de desafiá-la?</p>
<p>- eu + expressão facial de pergunta</p> <p>- vencer + expressão facial de pergunta</p> <p>- como?</p>	<p>Como você me venceria?</p>	
<p>- “explode” de rir – gargalhada</p> <p>- debochar – junto com rir (seria palavra composta?)</p> <p>- dor + rir muito, contorcer-se de rir</p>	<p>A lebre explode na gargalhada, debocha da tartaruga, contorce-se de rir, a ponto de sentir dor</p>	<p>E ria muito da tartaruga, achava muito engraçado,</p>

<p>Posição da tartaruga (mímica – indicador sob o nariz = desprezo pelo deboche da lebre)</p>	<p>A tartaruga não liga para o deboche da lebre.</p>	<p>mas a tartaruga nem ligou pra lebre e manteve seu desafio</p>
<p>Posição da lebre duvido rir mãos unidas = auto-confiança. (As mãos unidas também marcam mudança de assunto.)</p>	<p>A lebre continua duvidando e rindo, com muita auto-confiança.</p>	<p>para alegria da outra.</p>

<p>Chamar olhar para a câmera R-A-P-O-S-A + sinal de raposa apito (=juiz, apito) assumir (=ela própria) ela (aponta a posição da raposa) mãos se põem juntas chamar (dirigido para a raposa) mãos se põem juntas</p>	<p>Chamam a raposa para ser a juíza.</p>	<p>A raposa foi chamada para ser a juíza</p>
--	--	--

<p>Posição da raposa expressão de pergunta+prontos? (e aí?) Coloca-se em posição (de juiz) Chamar postura da lebre</p>	<p>A raposa aceita o convite e pede que a lebre e a tartaruga se posicionem. (Esta tradução não é literal. Literalmente, ela só chama a lebre.)</p>	<p>e pediu que os oponentes se pussem a postos e assim o fez a lebre logo seguida da tartaruga.</p>
<p>Narrador assume o espaço e a postura da lebre se posicionando para a corrida, olhando para a tartaruga e rindo</p>	<p>A lebre se posiciona e olha para a tartaruga, rindo.</p>	
<p>Narrador assume a posição da tartaruga se posicionando para a corrida, olhando para a frente</p>	<p>A tartaruga se posiciona (sem olhar para a lebre). (Há aqui uma comparação implícita entre as duas posturas: a lebre se compara com a tartaruga, e a tartaruga não se importa com a lebre.)</p>	

Narrador repete a posição da lebre olhando para a tartaruga e rindo	A lebre continua com seu ar de deboche para a tartaruga.	
Narrador assume a posição da raposa 1 2 3 atira	A raposa conta até três e dá a partida.	A raposa iniciou a contagem e deu a largada.
Posição da lebre Olha para a frente Olhar para a posição da tartaruga Olha para a frente Correr intensamente Orelhas balançando expressão facial reproduzindo o vento que bate no rosto, Correr Árvore passa para trás à direita e à esquerda Longe (com sentido de distância percorrida)	A lebre olha ainda uma vez para a tartaruga e sai em disparada. Corre tanto que suas orelhas balançam ao vento. Ela corre muito rapidamente e se distancia.	Imediatamente a lebre disparou na frente logo se distanciando

Posição da tartaruga rodando Atordoada Distância (longe)	A tartaruga está desorientada com a largada da lebre. Vê a lebre se distanciar.	enquanto a pobre tartaruga se confundia toda com todo aquele movimento
Vê a distância Longe (não consegue avistar)	A tartaruga finalmente se situa, abre os olhos, vê que a lebre está muito à frente, mas não se incomoda e começa a caminhar lentamente.	mas logo iniciou sua largada a passos lentos
As mãos vêm para a terra		
Os olhos abrem		
Não liga (expressão facial e corporal)		
Começa a caminhar lentamente		
Expressão facial da lebre Correr	A lebre continua correndo. Olha para trás e vê a distância que a separa da tartaruga.	enquanto a lebre seguia disparada deixando-a para trás. A lebre correu tanto que se distanciou bastante da tartaruga.
Olha para trás		
vê a distância		
despreza (tá no papo)	Despreza	
corre	Continua correndo, sempre avaliando sua posição em relação à tartaruga.	
Árvore passa para trás à direita e à esquerda		
Corre diminuindo o ritmo		
Olha		

Cansaço	A lebre estava cansada	Ela se cansou pois estava um dia quente. Ao olhar em volta de si, viu que o local era agradável e logo pensou em descansar.. Afinal, a tartaruga estava longe, e se chegasse até junto de si ainda assim seria fácil recuperar a diferença. – Vou descansar um pouco. Pensou a lebre
sol	O sol estava muito quente.	
calor		
Sol (S-O-L) (olha para a câmara)	Então, a lebre resolveu descansar sob a boa sombra de uma árvore:	
calor		
Descansar (olha para o sol)	“eu vou descansar um pouquinho.	
Eu		
Árvore (olha para a árvore)		
bom sombra (descrição do local)		
Eu (indicador e médio passam pelo peito)	A tartaruga está longe.	
Sentar		
Recosta a cabeça		
descansar um pouquinho	Dá tempo	
Mãos para cima (atrás da cabeça) (gesto)		
Olha para trás	Quando ela chegar aqui onde estou	
Tartaruga		
longe	Eu consigo emparelhar com ela e me distancio.	
Dá (pode)		
Tempo		
Ela caminha até o ponto (em que eu estou)	É fácil.	
Eu		
chego	Ela se cansou pois estava um dia quente. Ao olhar em volta de si, viu que o local era agradável e logo pensou em descansar.. Afinal, a tartaruga estava longe, e se chegasse até junto de si ainda assim seria fácil recuperar a diferença. – Vou descansar um pouco. Pensou a lebre	
ela		
distanciar		
Fácil		
mole		

Eu recosto		
Olho pisca lento	Ela se recostou, foi ficando sonolenta, com os olhos pesados, até que adormeceu profundamente.	ao se recostar, e foi ficando sonolenta, e mais sonolenta, até que adormeceu.
Gradativamente (repetidamente uma mão encontra a outra)		
Olho pisca mais pesado		
Sono profundo		
Tartaruga Anda lentamente	Enquanto isso, a tartaruga continua andando em seu ritmo lento	Enquanto isso, a tartaruga seguia lentamente, se esforçando para percorrer seu caminho,
Árvore passa para trás à direita e à esquerda lentamente (ponto de vista da lebre)		
Anda Árvore passa Caminho anda		
Lebre dorme Zzzzz (mímica)	E a lebre continua dormindo. Dorme tão profundamente	enquanto a lebre dormia a sono solto.
Roncando	que chega a roncar.	

QUADRO		
Tartaruga anda	A tartaruga continua sua caminhada.	E a tartaruga seguia...
Olha com admiração, vê a linha de chegada	De repente, ela vê a linha de chegada.	Sempre do seu jeito, lá vinha a tartaruga, já avistando a cerca de chegada,
Anda com entusiasmo e esforço	Começa a andar com mais entusiasmo.	o que a fez se esforçar para completar a corrida.
A linha se aproxima	A linha de chegada está cada vez mais próxima.	
Anda com mais esforço	Ela se esforça ainda mais .	
A linha se aproxima	E a linha cada vez mais perto.	Ela já estava quase conseguindo
Lebre dormindo	Até que a lebre acorda, boceja, se levanta e olha em volta procurando a tartaruga.	quando a lebre acordou de seu sono. Ela acordou lentamente, olhou em volta e não viu a tartaruga... Pensou em deixar pra lá,
Acorda		
Boceja e se espreguiça simultaneamente		
Se levanta (gesto)		
Olha em volta		
tartaruga onde (expr. facial de pergunta)		
Olha para trás		
Procurar Desdém	Olha para trás, procurando com uma postura desdenhosa.	

Surpresa na expressão facial e no olhar no momento em que localiza a tartaruga	Quando ela localiza a tartaruga, leva um susto.	quando teve uma surpresa!
Vê Postura da tartaruga andando com esforço linha de chegada se aproximando	Ela vê que a tartaruga está quase cruzando a linha de chegada.	Ela viu a tartaruga já quase cruzando a linha de chegada!

Postura da lebre Vê Surpresa, desespero (expressão facial)	A lebre então, num misto de surpresa e desespero, acha que ainda pode recuperar sua posição. Começa a correr muito, muito, percorre muito rapidamente o caminho. Corre muito, muito.	A lebre se esforçou, correu ainda mais, suava!
Dá, dá (sinal e oralização) (ainda dá) vencer		
Expressão de esforço Prepara-se (arranque)		
(começa a) correr em disparada		
Corre		
Árvores passam		
Corre		
Caminho		
Corre corre		
Caminho		
Árvore passa de um lado e de outro		
Orelha voando		
Corre		
Árvore		

Corre			
Caminho			
Corre			
QUADRO			
Posição da tartaruga anda	E a tartaruga vai andando, olha para trás, e se aproxima do fim.	Mas a tartaruga, com seu passo lento, cruzou a cerca de chegada e venceu a corrida!	
olha para trás			
linha de chegada bem próxima			
Lebre corr corre suando	A lebre continua correndo muito, desesperada.		
expressão de desespero			
Corre corre			
Tartaruga perto da linha	Aproxima-se ainda mais e rompe a linha. Fica muito feliz e diz:		
rompe a linha com o peito (este trecho se repete com zoom, a linha sendo rompida com o queixo, porque a tartaruga é baixa)			
Venci	- Eu venci!		- Viva! Eu consegui
Gesto de comemoração, vitória (mímica)	E comemora a vitória.		
Animais pegam tartaruga	Os animais carregam a tartaruga nos braços, botam uma medalha em seu pescoço.	Os animais da floresta a saudaram	
a levantam		como a uma verdadeira campeã	
botam medalha		e lhe deram uma medalha!	

Posição da tartaruga comemora (gesto de vibração)	Ela continua sua comemoração	
Posição da lebre furiosa Soco na mão = descontentamento, que droga, deixei escapar (é dirigido a si própria)	A lebre fica furiosa consigo mesma por ter perdido a corrida.	Enquanto isso a lebre amargava a derrota
Mão no queixo = desânimo, desconsolo, cabisbaixa, manifestando consciência e aceitação da derrota.		
QUADRO Moral Devagar se vai longe		

Apêndice 2 - Roteiro do CD

Instruções de uso:

Este CD pode ser visualizado em alguns aparelhos de DVD e em computadores. No CD encontram-se dois itens: um é o vídeo propriamente dito e o outro é um programa de reprodução de vídeos, para ser instalado em seu computador, caso não seja possível visualizar as imagens no seu programa de reprodução de vídeos. Se necessário instalar o programa, abra o CD com o Windows Explorer, clique duas vezes no ícone vlc-0.8.6-win32, e a instalação se iniciará. É um programa pequeno e seguro, e que poderá ser desinstalado assim que necessário. Também não serão alteradas as configurações do computador.

Caso haja alguma dificuldade de reprodução passe-me um e-mail, cristina@ism.com.br, que buscarei outra solução.

Abaixo, um pequeno roteiro para facilitar a localização dos itens no CD:

Imagens do vídeo	minutagem	pag. tese
A lebre e a tartaruga (íntegra)	0:00:06	41 e 132
Era uma vez uma lebre	0:04:10	43
A lebre se orgulha de sua rapidez	0:04:20	52
A tartaruga desafia a lebre	0:04:32	54
A lebre decide descansar	0:04:47	56
A partir de um corpus em português	0:05:09	57
Frases ¹		58
frase (1)	0:05:13	61
frase (2)	0:05:23	63
frase (3)	0:05:34	64
frase (4)	0:05:42	65
frase (5)	0:05:53	65
frase (6)	0:06:03	66

¹ Houve um desencontro entre a numeração das frases no texto da tese e no CD. A segunda numeração é a do vídeo. E, por um lapso de edição, foi omitida, no vídeo a frase (17) da tese.

Apêndice 2 - Roteiro do CD

Instruções de uso:

Este CD pode ser visualizado em alguns aparelhos de DVD e em computadores. No CD encontram-se dois itens: um é o vídeo propriamente dito e o outro é um programa de reprodução de vídeos, para ser instalado em seu computador, caso não seja possível visualizar as imagens no seu programa de reprodução de vídeos. Se necessário instalar o programa, abra o CD com o Windows Explorer, clique duas vezes no ícone vlc-0.8.6-win32, e a instalação se iniciará. É um programa pequeno e seguro, e que poderá ser desinstalado assim que necessário. Também não serão alteradas as configurações do computador.

Abaixo, um pequeno roteiro para facilitar a localização dos itens no CD:

Imagens do vídeo	minutagem	pag. tese
A lebre e a tartaruga (íntegra)	0:00:06	41 e 132
Era uma vez uma lebre	0:04:10	43
A lebre se orgulha de sua rapidez	0:04:20	52
A tartaruga desafia a lebre	0:04:32	54
A lebre decide descansar	0:04:47	56
A partir de um corpus em português	0:05:09	57
Frases ²¹		58
frase (1)	0:05:13	61
frase (2)	0:05:23	63
frase (3)	0:05:34	64
frase (4)	0:05:42	65
frase (5)	0:05:53	65
frase (6)	0:06:03	66
frase (7)	0:06:18	68
frase (8)	0:06:29	69

²¹ Houve um desencontro entre a numeração das frases no texto da tese e no CD. A segunda numeração é a do vídeo. E, por um lapso de edição, foi omitida, no vídeo a frase (17) da tese.

frase (9) na tese, (16) no vídeo	0:06:41	70
frase (10) na tese, (17) no vídeo	0:06:51	71
frase (11) na tese, (9) no vídeo	0:07:05	72
frase (12) na tese, (10) no vídeo	0:07:17	74
frase (13) na tese, (11) no vídeo	0:07:31	75
frase (14) na tese, (12) no vídeo	0:07:47	76
frase (15) na tese, (13) no vídeo	0:07:59	78
frase (16) na tese, (14) no vídeo	0:08:07	80
Rir	0:08:17	90
CORTAR-CABELO-COM- TESOURA	0:08:30	93
ANIMAIS	0:08:33	93
-ecer (mudança de estado)	0:08:36	96
ABACATEIRO, COQUEIRO, LIMOEIRO, MAMOEIRO	0:09:36	98
MAR, RIO, CACHOEIRA	0:10:06	99
PIPOQUEIRO, BALEIRO, BEIJOQUEIRO	0:10:13	99
negação de SABER	0:10:28	101
REUNIÃO, FAMÍLIA	0:10:31	102
COMUNIDADE	0:10:36	102
REAL	0:10:40	102
REINO	0:10:56	102
PRESIDENTE	0:10:55	103
NAÇÃO DEMOCRÁTICA	0:11:00	103
NACIONALIDADE BRASILEIRA	0:11:09	103
FUNCIONÁRIA	0:11:26	103
GARGALHAR	0:11:30	104
CERTO, JUSTO, JUSTIÇA	0:11:32	105
PERFEITO	0:11:41	105
SÁBADO, LARANJA	0:11:47	105
RELIGIÃO	0:11:50	106
LÍNGUA	0:11:54	106